

—♦ PACTOS DO ABISMO ♦—

LIVRO UM

O RESTO de — VOCÊ

*Ela vendeu a alma pelo sucesso.
Agora ele quer o resto.*

—♦—
UMA ROMANTASY SOMBRIA

O RESTO DE VOCÊ



PACTOS DO ABISMO — LIVRO 1

O RESTO *de* VOCÊ



Ela vendeu a alma pelo sucesso. Agora ele quer o resto.

O Resto de Você

Pactos do Abismo — Livro 1

Copyright © 2026. Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, armazenada ou transmitida, por qualquer meio, sem autorização prévia por escrito, exceto em breves citações para fins de resenha.

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, instituições e acontecimentos são produtos da imaginação ou usados de forma fictícia. Lugares reais de São Paulo aparecem como cenário ficcional. Qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou mortas, é coincidência.

Todos os personagens têm mais de 18 anos.

Primeira edição digital — 2026

AVISO DE CONTEÚDO



O Resto de Você é uma romantasy sombria para leitores adultos. Todos os personagens têm mais de 18 anos.

Este livro contém temas e cenas que podem ser sensíveis para algumas pessoas, incluindo:

- ♦ pacto demoníaco e temas sobrenaturais sombrios;
- ♦ violência física, sangue e ferimentos, incluindo queimaduras;
- ♦ uso de sangue em rituais (cortes autoinfligidos para assinar contratos);
- ♦ morte, luto e doença terminal de uma mãe;
- ♦ relação obsessiva e possessiva — o herói não começa como exemplo de relação saudável;
- ♦ manipulação, mentiras e traição por parte de figuras de confiança;
- ♦ sequestro, cárcere e controle do corpo por magia;
- ♦ pessoas em estado de coma e internação hospitalar;
- ♦ incêndio e ataque dentro de casa;
- ♦ menções a pobreza, despejo, depressão e ideação suicida (de personagens secundários, no passado);
- ♦ consumo de álcool;
- ♦ linguagem forte;
- ♦ cenas sensuais consensuais entre adultos (intensas, porém não explícitas).

Cuide-se durante a leitura. Se algum desses temas for difícil para você agora, tudo bem deixar este livro para outro momento.

O livro termina com um final feliz-por-agora para o casal e um gancho para o Livro 2.

SUMÁRIO



1	Sete Anos	7
2	A Noite da Encruzilhada	16
3	A Corte de Brasa	23
4	Trinta Passos	32
5	Tudo o Que Ela Escreveu	41
6	O Sebo da Rua Benjamin Constant	49
7	Uma Cama Só	58
8	O Frasco	67
9	A Caneta	75
10	Página em Branco	84
11	Tinta de Pacto	93
12	Testemunha	101
13	A Cidade Embaixo da Cidade	110
14	O Que Sobra de Nós	118
15	Sono Sem Sonhos	126
16	Asas de Cinza	135
17	Cinco Dias	143
18	Letras Miúdas	151
19	O Que Ondina Sabia	160
20	Maré Baixa	169
21	Noite de Lua Nova	177
22	Leitura em Voz Alta	186
23	A Emenda	195
24	Antero	205
EPÍLOGO	Lacre Negro	213

CAPÍTULO

1

Sete Anos

— CELINA —

A FILA DAVA a volta no quarteirão.

Eu vi da janela do camarim improvisado — uma sala de estoque no segundo andar da livraria, cheia de caixas com o meu rosto impresso na lateral — e senti a mesma coisa que sentia toda vez: um orgulho tão grande que doía, e logo atrás dele, colado como sombra, um medo que não tinha nome.

Mentira. Tinha nome. Tinha data, inclusive.

— Trezentas e oitenta pessoas — disse Dandara, entrando sem bater, com o celular numa mão e um café gelado na outra. — Trezentas e oitenta *confirmadas*. A segurança disse que tem mais de seiscentas lá embaixo. Tem uma menina fantasiada de Rainha Queimada, Celina. Com coroa de arame farpado. De verdade. Eu perguntei se não machucava e ela disse que *a dor faz parte da experiência*.

— Ela tem mais de dezoito?

— Tem vinte e quatro e é dentista. Eu perguntei também.

Ri, e a risada saiu mais fina do que eu queria. Dandara percebeu. Ela sempre percebia. Era o que a tornava uma assistente impossível de enganar e uma

amiga impossível de perder. Ela pousou o café na caixa mais próxima, a que dizia *OS FILHOS DA CINZA — VOL. 5 — A RAINHA QUEIMADA — 40 UN.*, e cruzou os braços.

— Tá. O que foi.

— Nada.

— Você tá com aquela cara.

— Eu não tenho uma cara.

— Você tem a cara de quem vai me dizer “nada” e depois chorar no banheiro do Uber. Já vi essa cara em quatro lançamentos. Mas hoje ela tá pior.

Desviei o olhar para a janela. A Avenida Paulista lá embaixo estava molhada da garoa da tarde, os faróis dos carros espalhando vermelho e branco pelo asfalto como tinta derramada. Primeiro de novembro. Véspera de Fina-dos. Os prédios do outro lado tinham luzes acesas em janelas aleatórias, e eu pensei, como pensava todo ano nessa data, que cada uma daquelas janelas era uma pessoa que nunca tinha precisado vender nada além do próprio tempo.

— É só cansaço — falei. — Turnê, entrevista, aquele podcast horrível de ontem.

— O cara que perguntou se você escrevia “livros de mulherzinha com dragão”?

— Esse.

— Eu bloqueei ele em todas as redes. Inclusive no LinkedIn. — Ela ergueu o celular. — Tá. Cansaço. Aceito. Mas você vai descer, vai sorrir, vai autografar seiscentos livros e depois a gente vai comer pastel na Rua Augusta e você vai dormir doze horas. Combinado?

Doze horas. Eu não sabia se teria doze horas. Eu sabia exatamente quantas horas eu tinha, e era um número bem menor.

— Combinado — menti.



Descer foi como sempre: as luzes, o barulho, o grito que se ergueu quando apareci no alto da escada — um grito de verdade, agudo, de gente que me amava sem me conhecer. Eu nunca me acostumei com isso. Sete anos e cinco

livros depois, eu ainda olhava para aquelas pessoas e tinha vontade de pedir desculpas.

Os leitores dos *Filhos da Cinza* eram um tipo específico de gente. Eles choravam quando chegavam à mesa. Eles me mostravam tatuagens — uma frase do livro dois no antebraço, a silhueta da torre de Vael no ombro, a data em que a personagem Íris morria, gravada na costela de um rapaz de vinte e poucos anos que me contou, sem conseguir me olhar nos olhos, que tinha lido aquele capítulo no hospital, na noite em que o pai morreu, e que aquela tinha sido a única coisa que o fizera continuar respirando.

Eu ouvia essas histórias e sorria e autografava e dizia *obrigada, obrigada, obrigada*, e por dentro uma voz pequena e cruel repetia: *elas não sabem de onde veio. Elas não sabem quanto custou.*

— Você está bem? — perguntou uma moça de cabelo roxo, segurando o livro contra o peito. — Você tá meio pálida.

— Ar-condicionado — respondi. — Para quem eu dedico?

— Para a Luíza. Com zê. E... você pode escrever “a cinza também é fogo”? É minha frase favorita.

Escrevi. A caneta deslizou sobre a página e por um segundo, um segundo só, senti algo sair de mim junto com a tinta — um calor, uma lasca, como quando você assopra uma vela e o ar leva um pouco da chama. Já tinha sentido isso antes. Achava que era cansaço. Achava que era o que todo escritor sentia.

Luíza com zê apertou o livro e foi embora quase flutuando.

Atrás dela, perto da estante de clássicos, estava Otávio.

Otávio Prates usava o mesmo blazer de veludo cor de vinho que usava em todos os eventos, o cabelo grisalho penteado para trás, os óculos de aro dourado na ponta do nariz. Ele ergueu a taça de espumante na minha direção como quem brinda a uma coisa particular, um segredo entre nós dois. Era meu editor. Era, de muitas formas, o homem que tinha me feito. Foi ele quem pegou um manuscrito de uma menina de vinte e um anos, sem agente, sem contatos, sem nada, e transformou aquilo no fenômeno editorial da década.

Foi ele, também, quem me contou a história da encruzilhada.

Eu nunca soube se ele lembrava disso. Nunca tive coragem de perguntar.



O evento terminou às onze e quarenta. Seiscentos e doze livros, segundo a contagem da Dandara, que ela anunciou com a voz de quem anuncia um recorde olímpico. Meu pulso direito latejava. Minhas costas doíam. Eu tinha vinte minutos.

— Pastel — disse Dandara.

— Amanhã.

— Celina.

— Dandara, eu juro pela coroa de arame farpado da dentista que amanhã eu como dez pastéis com você. Hoje eu preciso ir pra casa.

Ela me olhou por um longo momento. Havia alguma coisa no olhar dela, uma preocupação tão nua que eu quase contei. Quase. Imaginei a cena: *Dan, sabe aquela noite de Finados, sete anos atrás, depois do enterro da minha mãe, quando eu sumi e você me encontrou de manhã sentada na escada do prédio com terra de cemitério nos joelhos? Então. Eu vendi minha alma naquela noite. E vence hoje. À meia-noite.*

Ela ia rir. Ou pior: ia acreditar.

— Te levo — disse ela.

— Pego um Uber.

— Te levo.

Otávio apareceu do nosso lado antes que eu pudesse protestar. Ele pôs a mão no meu ombro — uma mão leve, seca, com um anel de prata no dedo mínimo.

— A estrela da noite — disse ele. — Seiscentos e doze. Você sabe que isso é mais do que muito autor vende num ano inteiro, não sabe?

— A Dandara me contou. Umas seis vezes.

— Sete — corrigiu Dandara.

Otávio sorriu. Ele tinha um sorriso bonito, paternal, que eu tinha aprendido a amar durante os anos em que não tinha mais ninguém.

— Sete anos — disse ele, baixinho, só pra mim. — Quem diria, hein, menina? Lembra de quando você chegou na editora com aquele envelope pardo amassado?

Meu coração parou. Depois voltou, forte demais.

Sete anos.

Ele lembrava. Claro que lembrava. Ele tinha uma memória de editor, de quem decora vírgulas e datas de contrato.

— Lembro — respondi.

— Descanse. Amanhã é feriado. Na semana que vem a gente conversa sobre um projeto especial. Uma coisa grande. — Ele apertou meu ombro e soltou. — Você merece tudo isso, Celina. Cada pedacinho.

Eu não respondi. Fiquei olhando ele se afastar entre as estantes, e só depois de um tempo percebi que estava segurando o próprio pulso com tanta força que as unhas tinham deixado marcas.



Dandara me deixou na porta do Copan às onze e cinquenta e dois.

O edifício estava como sempre: aquela onda de concreto curvo se erguendo sobre o Centro, as linhas horizontais dos brises recortando a noite em fatias, mil e tantos apartamentos empilhados como as páginas de um livro deitado. Eu tinha comprado o apartamento no trigésimo segundo andar com o dinheiro do segundo livro. Era a única coisa que eu tinha feito com aquele dinheiro que parecia certa. A menina de Santos que dormia num quarto-e-sala com infiltração queria morar no céu, e agora morava.

— Me manda mensagem quando chegar lá em cima — disse Dandara.

— São trinta andares de elevador, Dan, não uma travessia do Atlântico.

— Manda mensagem.

— Mando.

Ela me deu um beijo na bochecha, e eu fiquei olhando o carro dela virar na Ipiranga até sumir. Depois entrei.

O porteiro da noite, seu Valdir, me cumprimentou com a cabeça sem tirar os olhos da televisão. O elevador demorou. Quando chegou, estava vazio, e a

luz fluorescente zumbia como um inseto preso. Eu apertei o 32 e me encostei na parede de metal e fechei os olhos.

Sete anos.

Eu tinha feito as contas tantas vezes. Tinha consultado calendários, fusos, até um astrólogo que a Dandara conhecia (sem explicar por quê). Tinha lido tudo o que existia sobre pactos — do Fausto de Goethe às histórias de violeiros do interior que trocavam a alma por um ponteio impossível na encruzilhada, à meia-noite de uma sexta-feira. Tinha pesquisado como quem pesquisa para um livro, com fichas e post-its, e em nenhum lugar havia uma resposta para a única pergunta que importava.

Dá para desfazer?

Em lugar nenhum. Nunca. Nem uma história em que o cobrador não vinha.

O elevador abriu. O corredor do trigésimo segundo andar estava escuro; a luz do sensor demorou a acender, e quando acendeu, piscou duas vezes antes de firmar. Eu ri sozinha, um riso meio histérico. *Clichê*, pensei. *Se eu escrevesse isso, a Dandara ia dizer que era clichê.*

Abri a porta. Acendi todas as luzes. Todas. A da sala, a da cozinha, a do corredor, o abajur da mesa de trabalho, até a luzinha da coifa. Mandeí a mensagem para a Dandara — *cheguei, viva, te amo* — e abri uma garrafa de vinho que tinha ganhado de uma editora portuguesa e nunca tinha tido coragem de beber, porque parecia cara demais para mim.

Onze e cinquenta e seis.

Sentei no sofá de frente para a janela. A vista do Copan à noite é absurda: o Centro inteiro se abre lá embaixo, as torres do Edifício Itália e do Martinnelli, as luzes da República, o rio de faróis da Consolação descendo em direção ao vale. Em algum lugar ali, a poucos quilômetros, ficava o cemitério. Eu conseguia quase ver a mancha escura das árvores entre os prédios.

Bebi metade da taça de uma vez. Tinha gosto de amora e madeira e coisa cara.

Onze e cinquenta e oito.

Pensei na minha mãe. Pensei nela como pensava sempre nessa data: os dedos dela furados de agulha, o cheiro de linha e ferro de passar no quarto em

Santos, a voz dela dizendo *você vai ser alguém, Celina, você vai ser alguém que ninguém vai poder pisar*. Pensei que ela tinha morrido sem ver nenhum livro meu publicado, e que se ela tivesse visto, talvez eu nunca tivesse precisado ir àquele cemitério.

Ou talvez tivesse. Talvez eu fosse do tipo que precisava.

Onze e cinquenta e nove.

Meu celular vibrou. Dandara: *dorme, maluca. amanhã pastel*. Coração vermelho.

Eu digitei *amanhã* e não consegui apertar enviar.

O relógio do micro-ondas, na cozinha, virou para 00:00.

Nada aconteceu.

Fiquei imóvel. contei. Um, dois, três, quatro. A geladeira zumbia. Lá embaixo, uma sirene passou na Ipiranga e se perdeu. Cinco, seis, sete. Senti a respiração voltar, devagar, como água entrando num barco furado. Oito, nove, dez.

Nada.

Comecei a rir. Uma risada alta, ridícula, que ecoou no apartamento iluminado como um palco. Sete anos. Sete anos de pesadelo, de pesquisa, de terapia em que eu falava de “ansiedade com prazos” porque não podia dizer a verdade. Sete anos achando que um homem de terno cinza num cemitério tinha sido mais do que uma alucinação de luto e de vodka barata. Eu ri até as lágrimas escorrerem, e pensei: *amanhã eu como dez pastéis. Amanhã eu conto pra Dandara. Amanhã eu começo o livro seis, e vai ser o melhor de todos, porque vai ser meu, só meu...*

Todas as luzes se apagaram ao mesmo tempo.

Não piscaram. Não falharam. Simplesmente deixaram de existir, como se alguém tivesse fechado um livro.

O riso morreu na minha garganta.

A única luz que restou foi a da cidade, entrando pela janela — e mesmo ela parecia mais fraca, distante, como se o vidro tivesse se tornado água escura. Senti o cheiro antes de qualquer coisa: fumaça. Não de incêndio. Fumaça de vela apagada, de incenso velho, de papel queimado na beira. O cheiro do cemitério naquela noite.

E depois senti o frio.

Ele veio do canto da sala, perto da estante. Um frio que não era de temperatura; era de *ausência*, como se o espaço ali tivesse sido escavado. Eu quis me virar e não consegui. Meu corpo inteiro tinha se transformado num animal pequeno que sabe, antes da mente, que está diante de um predador.

— Você deixou todas as luzes acesas.

A voz era baixa. Grave. Tinha um sotaque que não era daqui — nem de lugar nenhum que eu conhecesse; uma cadência antiga, de quem aprendeu português num tempo em que ainda se dizia *vossa mercê*. E tinha, por baixo, uma coisa que eu lembrava. Lembrava com o corpo. Um arrepio que começou na nuca e desceu pela coluna como um dedo.

— Como se a luz — continuou a voz — alguma vez tivesse impedido alguém como eu de entrar.

Consegui me virar.

Ele estava parado entre a estante e a janela. Alto. Terno cinza-chumbo, impecável, camisa preta aberta no colarinho. O cabelo escuro, um pouco longo, caía sobre a testa. O rosto era bonito de um jeito que doía olhar — maçãs altas, boca severa, a barba feita com precisão de navalha. Seria o rosto de um homem, se não fossem os olhos.

Os olhos eram brasa. Não *como* brasa. Brasa. Duas pequenas fogueiras acesas no fundo de um poço, vermelho-alaranjado, vivas, pulsando devagar, como coisa que respira.

Eu já tinha visto aqueles olhos. Sete anos antes, à luz de uma única vela, entre dois túmulos.

— Você atrasou — eu disse. Não sei de onde veio. Minha voz saiu firme, quase debochada, e eu me agarrei a ela como a uma tábua no mar. — Meia-noite e um. Para um contrato tão rigoroso, achei que você seria pontual.

Ele inclinou a cabeça. Um movimento lento, de ave de rapina. Algo no canto da boca dele se mexeu — não um sorriso. Uma lembrança de sorriso.

— Eu cheguei à meia-noite em ponto, Celina Duarte. — Ele deu um passo na minha direção. O assoalho não rangeu. — Passei o primeiro minuto olhando você rir.

O ar saiu dos meus pulmões.

Ele deu mais um passo. Ele estava a três metros, dois, e eu sentia o frio dele na pele do rosto, e por baixo do frio, contraditório, impossível, um calor de forno aberto.

— Sete anos — disse ele. — Duas mil quinhentas e cinquenta e sete noites, contadas uma a uma. Fama, fortuna, leitores que choram ao tocar a sua mão. Tudo conforme o combinado. Nem uma cláusula descumprida.

Ele parou diante de mim. Tão perto que eu precisava erguer o rosto para encontrar aqueles olhos. Tão perto que senti o cheiro dele: fumaça, ferro e alguma coisa doce por baixo, como cravo queimado.

Ergueu a mão — longa, pálida, um anel de ferro negro no indicador — e não me tocou. Parou a um centímetro do meu peito, bem em cima do coração, como quem mede uma coisa que lhe pertence.

— Vim buscar o que é meu.

CAPÍTULO

2

A Noite da Encruzilhada

— CELINA —

SETE ANOS ANTES, eu tinha vinte e um anos, oitenta e três reais na conta e uma mãe enterrada havia seis horas.

Ela morreu numa terça. Câncer de pâncreas, desses que só aparecem quando já é tarde, desses que levam quatro meses para transformar uma mulher forte numa coisa pequena e amarela numa cama de hospital público. Eu larguei a faculdade de Letras no segundo mês. Larguei o estágio no terceiro. No quarto, não havia mais nada para largar, então eu só fiquei ali, sentada na cadeira de plástico ao lado da cama, lendo para ela em voz alta as páginas do livro que eu estava escrevendo.

Chamava-se *Maré Baixa*. Era sobre uma costureira de Santos e a filha dela. Não tinha dragão nenhum, nem rainha, nem magia. Tinha uma mulher que costurava vestidos de noiva para meninas ricas e nunca tinha usado um, e uma menina que a odiava e a amava na mesma medida, e o mar indo e vindo no fundo de tudo como uma respiração. Minha mãe ouvia de olhos fechados. Às vezes eu achava que ela tinha dormido, e parava, e ela dizia, sem abrir os olhos: *continua*.

Na última noite, ela disse outra coisa.

— Vai ser publicado.

— Mãe.

— Vai. Eu sei. E você vai pôr meu nome na dedicatória.

Eu prometi. Ela morreu às quatro da manhã, enquanto eu dormia sentada, e eu nunca vou saber se ela queria dizer mais alguma coisa.

O manuscrito de *Maré Baixa* já tinha sido recusado por onze editoras quando ela morreu. A décima segunda recusa chegou no dia do enterro, por e-mail, enquanto eu estava no ônibus para Santos com uma caixa de cinzas no colo — *agradecemos o envio, mas o texto não se encaixa em nossa linha editorial no momento* —, e a ordem de despejo do quarto-e-sala que eu dividia com ela em São Paulo estava presa na porta quando voltei, naquela mesma noite, com a caixa vazia e as unhas sujas de areia.

A única pessoa que não tinha recusado o livro ainda era Otávio Prates.

Ele não tinha aceitado também. Ele tinha me chamado para um café, duas semanas antes, numa padaria perto da Editora Lume, e tinha lido as primeiras vinte páginas na minha frente, em silêncio, virando as folhas com o cuidado de quem toca uma coisa viva. Quando terminou, tirou os óculos e esfregou os olhos.

— Você escreve como quem sangra — disse ele. — Isso é raro. É muito raro.

— Mas.

— Mas ninguém compra sangue, menina. Não desse tipo. As pessoas querem sangue com espada, com coroa, com um homem bonito de capa preta. — Ele sorriu. — O mercado é um bicho faminto. Você tem talento para alimentá-lo. Ainda não tem o *prato*.

Eu devia ter feito alguma cara, porque ele riu baixinho e pediu mais dois cafés.

— Vou te contar uma história — disse ele. — Uma bobagem. Uma lenda de editora velha. Diz que, antigamente, quando um escritor não conseguia de jeito nenhum, quando já tinha tentado tudo, ele ia a um cemitério na noite de Finados. Meia-noite. Levava uma vela, uma folha em branco e uma gota do próprio sangue. Ficava num cruzamento entre as alamedas, onde quatro

caminhos se encontram. — Ele mexeu o açúcar no café, devagar. — E esperava alguém aparecer para negociar.

— Negociar o quê?

Otávio me olhou por cima dos óculos.

— O que você acha?

Eu ri. Ele riu também, e mudou de assunto, e falou de prazos de avaliação, de comitês editoriais, de *vamos ver, vamos ver*. Eu esqueci aquela história.

Até a noite do enterro, quando eu me vi parada diante do portão do Cemitério da Consolação às onze e meia da noite, com uma vela de sete dias comprada na farmácia, uma folha de caderno dobrada no bolso e um estilete de papelaria na mão.



Eu não lembro de ter pulado o muro. Lembro de estar do outro lado.

O Cemitério da Consolação, à noite, não parece um cemitério. Parece uma cidade. Uma cidade pequena, de mármore e granito, com ruas e casas e capelas de portas de ferro, anjos com asas quebradas, mulheres de pedra chorando sobre túmulos de barões do café. A garoa tinha parado, mas tudo ainda pingava. A luz dos postes da Rua da Consolação mal passava das árvores. Eu andava pelas alamedas como sonâmbula, procurando uma coisa que não sabia como era.

Achei.

Era um cruzamento no fundo do cemitério, onde quatro alamedas estreitas se encontravam ao redor de um pequeno canteiro de terra sem nada plantado. Ao redor, os túmulos eram mais antigos, as inscrições comidas pelo tempo. Não havia anjo nenhum ali. Só o silêncio, tão grosso que eu ouvia o meu próprio sangue.

Acendi a vela. Demorou; minhas mãos tremiam. Coloquei-a no centro do canteiro. Abri a folha de caderno no chão, ao lado. Era uma página arrancada do meu caderno de anotações de *Maré Baixa* — de um lado, rabiscos sobre a personagem da mãe; do outro, nada.

Sentei no chão molhado. Esperei.

Onze e quarenta. Onze e cinquenta. Eu me sentia ridícula e não conseguia ir embora, porque ir embora significava voltar para um quarto do qual eu ia ser despejada, numa cidade onde ninguém sabia meu nome, com um manuscrito que ninguém queria e uma promessa que eu não ia conseguir cumprir. Eu comecei a falar sozinha. Primeiro baixinho. Depois mais alto. Eu falei para a vela, para a terra, para os mortos. Eu li — de cabeça, porque sabia de cor — a primeira página de *Maré Baixa*:

“Minha mãe costurava vestidos de noiva com a boca cheia de alfinetes, e por isso, durante toda a minha infância, achei que o amor era uma coisa que se dizia sem abrir os lábios...”

Eu li até a voz falhar. E quando falhou, abri o estilete e cortei a ponta do dedo.

Uma gota. Caiu na folha em branco.

E o mundo ficou em silêncio de um jeito novo.

A chama da vela parou de tremer. Não diminuiu; ficou *imóvel*, uma lágrima de fogo congelada no ar. As gotas que pingavam das árvores pararam de pingar. Eu ouvi — juro que ouvi — o barulho da cidade sumir, como se alguém tivesse fechado uma porta entre mim e São Paulo.

— Você lê bem.

Ele estava sentado num túmulo, do outro lado do cruzamento. Pernas cruzadas. Terno cinza. Não estava ali antes; eu tinha certeza. Olhava para mim com aqueles olhos de fogo, e eu me lembro de ter pensado, com uma clareza absurda, que ele era a coisa mais bonita e mais errada que eu já tinha visto.

— Quem é você? — perguntei.

— Você sabe quem eu sou. Você me chamou. — Ele inclinou a cabeça. — A pergunta certa é: o que você quer?

Eu podia ter dito muitas coisas. Que minha mãe voltasse. Que o tempo voltasse. Mas eu era filha da Marta Duarte, e a Marta Duarte não tinha me criado para pedir milagres. Tinha me criado para pedir pagamento.

— Eu quero que leiam — falei. — Eu quero que leiam o que eu escrevo. Milhões de pessoas. Eu quero que ninguém nunca mais diga que o que eu faço não se encaixa. Eu quero que meu nome seja... — A voz falhou. — Eu quero ser alguém que ninguém pode pisar.

Ele ficou em silêncio por muito tempo. A chama da vela, congelada, refletia nos olhos dele como em dois espelhos.

— Sucesso — disse, por fim, como quem prova uma palavra. — Pedido antigo. Tão antigo quanto a tinta. — Ele se levantou. Desceu do túmulo sem fazer barulho. — Sete anos. Sete anos de tudo o que você pediu. E ao fim, a sua alma. Inteira.

— Só isso?

Ele riu. Foi a primeira vez que o ouvi rir: um som baixo e surpreso, como se não risse havia muito tempo.

— *Só isso* — repetiu. — Vocês sempre dizem isso. Ninguém nunca entende o que está vendendo até a hora de entregar.

Ele estendeu a mão. Entre os dedos dele havia uma folha — não de caderno; um pergaminho grosso, amarelado, coberto de uma caligrafia apertada e elegante, em tinta que parecia ainda úmida. Eu não conseguia ler as palavras. Elas se mexiam quando eu olhava, como peixes num aquário.

— Assine com o que já deu — disse ele.

Olhei para meu dedo cortado. Ainda sangrava.

Assinei.



— Vim buscar o que é meu.

Sete anos depois, no meu apartamento escuro no trigésimo segundo andar do Copan, ele estava diante de mim de novo, e a mão dele pairava a um centímetro do meu coração.

— Espera — eu disse.

— Não.

— Eu tenho perguntas...

— Você teve sete anos para fazê-las. — A voz dele era quase gentil. Isso era o pior. — Não vai doer tanto quanto você imagina, Celina Duarte. Vai doer de outra forma. Feche os olhos, se quiser.

Eu não fechei. Eu não ia dar isso a ele.

Ele encostou a mão no meu peito.

Foi como se alguém tivesse enfiado o braço inteiro num lago congelado — só que o lago era eu. O frio entrou pela palma da mão dele e se espalhou pelas minhas costelas, pelo meu estômago, pela minha garganta, e depois começou a *puxar*. Não era dor. Era pior do que dor. Era a sensação de tudo o que eu era sendo agarrado pela raiz: cada lembrança, cada palavra, cada noite em claro reescrevendo a mesma frase, a voz da minha mãe dizendo *continua*. Eu senti tudo isso começar a se descolar de mim como papel de parede velho.

Ouvi um som. Era eu, gritando.

E então ele parou.

O frio não foi embora, mas a mão dele ficou imóvel no meu peito, e a força que puxava se desfez como um nó que escorrega. Eu abri os olhos — não sabia que os tinha fechado — e o vi.

Ele estava olhando para a própria mão como se ela tivesse feito alguma coisa que ele não tinha mandado.

— Não — disse ele, baixinho.

— O que... — Eu não conseguia respirar direito. — O que foi?

Ele não respondeu. Pressionou de novo. Mais fundo. Dessa vez doeu de verdade — uma dor aguda, como uma agulha procurando uma veia que não estava lá. Os olhos dele se estreitaram. A brasa dentro deles se acendeu tanto que vi o reflexo vermelho na minha própria pele.

— Isso é impossível.

Ele tirou a mão de uma vez. Eu caí para trás no sofá, ofegando, segurando o peito. A taça de vinho tinha virado; uma mancha vermelha se espalhava pelo tapete como uma ferida.

Ele ficou de pé diante de mim, imóvel, e pela primeira vez — sete anos antes e agora — eu vi uma coisa no rosto dele que não era controle.

Era raiva. E por baixo da raiva, uma coisa que parecia muito com medo.

— O que você fez? — perguntou ele.

— Eu? Você que enfiou a mão no meu peito!

— *O que você fez com ela?* — A voz dele subiu, e as janelas vibraram. Literalmente: o vidro da sacada estremeceu nos caixilhos, e lá fora, bem longe, um alarme de carro começou a tocar. — Eu assinei esse contrato. Eu provei essa alma. Sete anos atrás ela estava inteira, ela era densa, ela tinha gosto de sal e de

tinta e de... — Ele se interrompeu. Respirou fundo. Quando falou de novo, a voz estava baixa outra vez, controlada, e de alguma forma isso me assustou mais. — Ela não está aqui.

— Como assim não está aqui?

— Não está *toda* aqui. Há um fio. Uma brasa. O suficiente para manter esse corpo andando e falando e me irritando. — Ele se inclinou sobre mim, uma mão de cada lado do meu corpo no encosto do sofá, me prendendo ali. O rosto dele estava a um palmo do meu. Eu sentia o calor da respiração dele, que cheirava a fumaça e cravo. — Mas o resto sumiu. Alguém tomou? Você vendeu de novo, para outro? Responda com cuidado, Celina Duarte. Vender a mesma coisa duas vezes é a única ofensa que a minha Corte não perdoa.

— Eu não vendi nada pra ninguém! — Eu estava tremendo. De medo, de frio, de raiva. — Eu nem sei como isso funciona! Eu passei sete anos achando que você era uma alucinação! Eu fui a um cemitério bêbada no dia do enterro da minha mãe e você apareceu num túmulo e eu assinei um papel que eu nem conseguia ler, e agora você me diz que perdeu a minha alma?

— Eu não perdi nada.

— Então cadê?

Ele me encarou. Por muito tempo. Os olhos dele percorreram meu rosto, minha boca, meu pescoço, como se procurassem uma rachadura por onde a coisa tivesse vazado. Eu me recusei a desviar o olhar, embora cada célula do meu corpo gritasse para eu fugir.

Então ele se endireitou. Ajeitou os punhos da camisa com uma calma quase ofensiva. Olhou para a mancha de vinho no tapete, para as luzes apagadas, para a janela onde a cidade continuava sua vida como se nada tivesse acontecido.

— Essa é a pergunta — disse ele. — Não é?

E então se virou para mim de novo, e havia uma coisa nova na voz dele, uma coisa que eu ia passar os dias seguintes tentando decifrar e que, só muito mais tarde, eu ia entender que era o começo de tudo.

— Onde está o resto de você?

CAPÍTULO

3

A Corte de Brasa

— A Z A E L —

EM CENTO E trinta e cinco anos, eu nunca tinha voltado de mãos vazias.

Novecentas e noventa e nove almas. Eu sabia cada uma delas pelo nome, pela data, pelo gosto. O barão de Vassouras que pediu que a geada poupasse o seu café e morreu rico, num casarão onde ninguém o amava. A cantora de rádio de 1947 que pediu uma voz que fizesse os homens chorarem, e fez, e chorou mais do que todos eles. O banqueiro, o general, o pastor, o pintor que nunca vendeu um quadro em vida e pediu apenas que, depois de morto, vendesse todos. Novecentos e noventa e nove contratos lavrados, cumpridos, cobrados. Eu nunca me atrasei. Eu nunca perdi uma cláusula. Eu nunca, jamais, olhei para um devedor por mais tempo do que o necessário para colher o que me devia.

E então houve Celina Duarte.

Saí do apartamento dela pela janela — não da forma como um homem sai, mas da forma como a fumaça sai de um quarto quando se abre uma fresta — e me deixei cair pela fachada curva do edifício até a rua. A cidade me recebeu como sempre: indiferente, molhada, cheia de luzes que não iluminavam

nada. Três da manhã, ou quase. Os bêbados da Ipiranga mal me notaram. Um cão de rua me notou, e se encolheu sob uma marquise, ganindo baixo.

Eu andava rápido. Precisava pensar.

Sete anos antes, naquele cruzamento do cemitério, eu tinha provado a alma dela como provo todas: no instante da assinatura, quando o sangue toca o pergaminho e o contrato se fecha, há um sopro, uma amostra, como o perfume de um vinho antes do primeiro gole. A maioria das almas tem um gosto simples. Ambição tem gosto de metal. Medo tem gosto de terra. Desespero, de água parada. Eu já tinha provado de tudo, e nada me surpreendia.

A dela tinha gosto de sal. De mar, de pele, de lágrima seca. E de tinta — aquela tinta ferrosa e amarga de pena antiga, que eu não sentia desde... Eu não sabia desde quando. Eu tinha uma lembrança vaga, quase uma ferida, de um tinteiro sobre uma escrivaninha, numa sala com janelas para uma baía. Eu não sabia de onde vinha. Eu tinha aprendido, há muito tempo, a não perguntar.

O gosto dela me acompanhou por sete anos. Isso também nunca tinha acontecido.

E agora, na hora da colheita, eu tinha enfiado a mão no peito dela e encontrado quase nada. Uma brasa. Um fio. O resto tinha ido embora como água de uma ânfora rachada.

Senti, então, a queimadura.

Parei no meio da calçada, em frente a uma banca de jornal fechada, e abri a camisa. Ali, sobre o meu esterno, onde nada nunca tinha marcado a minha pele, havia um desenho em brasa viva: um selo, um círculo de letras antigas ao redor de uma pena cruzada por uma chave. O selo de um contrato aberto. Brilhava como metal recém-tirado da forja, e doía. Doía com uma intensidade que me deixou tonto.

Eu sabia o que aquilo significava. Sabia na teoria. Nunca tinha visto.

Um contrato que não pode ser cumprido nem quebrado fica *aberto*. E um contrato aberto amarra as partes uma à outra até que se resolva.

E eu tinha andado — olhei para trás — umas três quadras.

A dor aumentava a cada passo. Não era uma dor de corpo; eu não tenho, exatamente, um corpo como os deles. Era uma dor de existência, como se

alguém estivesse puxando um fio que me atravessava de ponta a ponta, e a outra extremidade estivesse presa no trigésimo segundo andar daquele edifício em forma de onda.

Imaginei que, lá em cima, ela estivesse sentindo o mesmo.

Imaginei-a encolhida no sofá, segurando o pulso, sem saber o que estava acontecendo. E senti — que absurdo — uma satisfação mesquinha. *Que doa*, pensei. *Que doa em você também*.

Mas não voltei. Ainda não. Havia uma única pessoa capaz de me dizer o que estava acontecendo, e ela não costumava receber visitas sem convocação.

Eu fui assim mesmo.



Há uma cidade embaixo de São Paulo.

Os humanos acham que conhecem o subsolo da cidade deles: o metrô, as galerias pluviais, os rios enterrados — o Anhangabaú, o Saracura, o Itororó — que ainda correm sob o asfalto, cegos e esquecidos. Eles não estão de todo errados. A cidade de baixo começa nos rios. Onde a água foi enterrada viva, alguma coisa sempre escuta.

Entrei por uma porta de ferro sob o Viaduto do Chá, uma porta de serviço que nenhum funcionário da prefeitura jamais abriu, e descí. Escadas de pedra, depois de tijolo, depois de uma coisa que não era pedra nem tijolo e que brilhava suavemente em vermelho, como carvão sob a cinza. O ar esquentava a cada degrau. O cheiro de rio podre dava lugar ao de incenso, de cera, de papel. Sempre papel. A Corte de Brasa é, antes de tudo, um arquivo.

Ela se abre no fundo de uma caverna enorme, onde os rios enterrados se encontram e caem numa fenda sem fundo, e a água, ao cair, não faz barulho nenhum. Sobre a fenda, suspensa por correntes do tamanho de prédios, está a Corte: uma catedral invertida, de ferro negro e vidro fundido, com torres que apontam para baixo. Dentro dela, em galerias que se estendem por quilômetros, estão os contratos. Todos os contratos já firmados nesta parte do mundo, desde o primeiro bandeirante que trocou a alma por ouro no sertão. Milhões de pergaminhos, enrolados, selados, guardados em nichos que vão até onde a vista não alcança.

E no centro, sobre um trono que é, na verdade, uma escrivaninha enorme de madeira petrificada, senta-se a Senhora das Dívidas.

— Cobrador — disse ela, sem erguer os olhos do documento que lia. — Você não foi convocado.

— Não, Senhora.

— E veio mesmo assim.

— Sim, Senhora.

Ela ergueu os olhos.

A Senhora das Dívidas tem muitas formas, e escolhe uma diferente a cada século. Naquele, ela era uma mulher de meia-idade, elegante, com cabelos prateados presos num coque severo e óculos de leitura com corrente de pérolas. Parecia uma tabeliã. Parecia uma avó rica. Parecia, se você olhasse pelo canto do olho, uma coisa muito, muito antiga, sentada no fundo de um poço, esperando.

— Mostre-me — disse ela.

Abri a camisa. A marca brilhou.

Houve um murmúrio nas galerias. A Corte nunca está vazia: há escrivães, arquivistas, senhores de outras Casas que vêm consultar contratos, negociar, intrigar. Dezenas de rostos — alguns humanos demais, outros nem um pouco — se viraram para mim. Eu os ignorei.

— Um contrato aberto — disse a Senhora. Tirou os óculos. — Faz muito tempo que não vejo um desses. Conte.

Contei. Ela ouviu sem interromper, os dedos entrelaçados sobre a mesa. Quando terminei, ficou em silêncio por um longo tempo.

— A alma foi vendida inteira — disse, por fim.

— Sim.

— E não está inteira.

— Não.

— Vendida para outro?

— Ela jura que não. E eu... — Hesitei. — Eu acredito nela.

A Senhora ergueu uma sobranceira. Eu nunca, em cento e trinta e cinco anos, tinha dito que acreditava num devedor.

— Interessante — disse ela, e a palavra soou como uma lâmina sendo afiada.

— Interessante não é a palavra que eu usaria.

A voz veio de uma galeria à esquerda. Não precisei me virar para saber de quem era; reconheceria aquela voz em qualquer canto do Abismo. Mesmo assim me virei, porque não se dá as costas a Malthus.

O Senhor da Casa da Fome estava encostado numa coluna, comendo uvas. Ele sempre estava comendo alguma coisa. Naquele século tinha escolhido a forma de um homem gordo e jovial, de terno de linho branco e chapéu-panamá, como um coronel de engenho que tivesse sobrevivido ao próprio tempo. Os dedos dele brilhavam de anéis. Os olhos, pequenos e afundados na carne do rosto, eram completamente pretos.

— Eu usaria a palavra *fracasso* — continuou ele, arrancando mais uma uva do cacho com os dentes. — O Cobrador da Sétima Casa. O infalível. O pontual. O que nunca perdeu um centavo de alma. E agora volta à Corte com as mãos vazias e uma queimadura no peito, como um aprendiz.

— Malthus — eu disse. — Sempre um prazer.

— É, não é? — Ele sorriu. Tinha dentes demais. — Senhora, com todo o respeito, a lei é clara. Um cobrador que não entrega uma alma vendida responde por ela com a própria existência. A Sétima Casa precisa de um senhor competente. Se o atual não consegue colher sequer uma escritorzinha de romances de banca...

— *Romances de fantasia* — corrigi, e me arrependi no mesmo instante.

O silêncio que se seguiu foi absoluto. Malthus parou de mastigar. A Senhora das Dívidas inclinou a cabeça, muito devagar, e me olhou como se eu tivesse acabado de tirar a roupa no meio da Corte.

Eu não sabia por que tinha dito aquilo. Eu não tinha lido nenhum livro dela. Eu só sabia — da forma como se sabe algo num sonho — que *romance de banca* era errado, e que não ia deixá-lo dizer aquilo.

— Interessante — repetiu a Senhora.

— Senhora...

— Silêncio, Cobrador. — Ela pôs os óculos de volta. — Malthus tem razão sobre a lei. O contrato foi firmado, a devedora recebeu o que pediu, a

alma é devida. O Cobrador responde por ela. — Fez uma pausa. — Mas a lei também diz que um contrato aberto não é um contrato descumprido. É um contrato *pendente*. E pendências têm prazo.

Ela tocou o pergaminho sobre a mesa — e eu percebi, com um sobresalto, que era o meu contrato. O de Celina Duarte. A caligrafia que se mexia como peixes, a mancha marrom da gota de sangue no canto inferior.

— A próxima lua nova é em vinte e um dias — disse a Senhora. — Na noite de vinte e três de novembro, pelo calendário deles. Até lá, Cobrador, você vai encontrar o resto dessa alma e entregá-la à Corte. Inteira. Se não conseguir... — Ela deu de ombros, um gesto pequeno e elegante. — A sua existência quita a dívida. E a Sétima Casa terá outro senhor.

Malthus sorriu de novo, mais largo.

— E a devedora? — perguntei.

— O que tem ela?

— O que acontece com ela, até lá?

A Senhora me olhou por um longo momento. Eu sentia, mais do que via, o interesse dela crescer, como uma aranha que sente o fio da teia vibrar.

— Um corpo sem alma esfria, Cobrador. Você sabe disso. Primeiro os sentidos, depois a vontade, depois a memória. Ela tem uma brasa, você disse. Uma brasa dura o quê? Três semanas? — Ela voltou a ler o documento à sua frente. — Na lua nova, se a alma não estiver inteira, ela será uma casca. E cascas não interessam a ninguém.

Fiquei parado. A marca no meu peito queimava. A distância entre mim e aquele edifício em forma de onda devia ser de uns dois quilômetros, e o fio que nos ligava parecia esticado ao ponto de se romper.

— Mais alguma coisa? — perguntou a Senhora, sem olhar.

— A marca, Senhora. Quanto posso me afastar dela?

— Você está se afastando agora. Diga você.

— Dói.

— Contratos abertos não gostam de distância. — Ela virou uma página. — Trinta passos, mais ou menos. Mais do que isso e os dois começam a sentir. Muito mais do que isso, por muito tempo, e um de vocês se rompe. Eu não arriscaria.

Atrás de mim, Malthus riu. Uma risada gorda, molhada, que ecoou pelas galerias.

— Ah, que maravilha — disse ele. — O Cobrador da Sétima Casa vai ter que *morar* com a devedora. Diga, Azael: você vai dormir no sofá ou no tapete, como um cão?

Eu não respondi. Fiz uma reverência à Senhora, me virei e caminhei para a saída, e enquanto caminhava, ouvi a voz dela, baixa, só para mim — ou talvez fosse só na minha cabeça:

Romances de fantasia, Cobrador?

Não me virei.



O dia já clareava quando voltei ao Copan. A garoa tinha recomeçado, fina e cinzenta. Subi pela fachada como tinha descido, como fumaça ao contrário, e a cada andar a dor no peito diminuía, até que, ao chegar à sacada do trigésimo segundo, ela se reduziu a um latejar surdo, quase tolerável.

Ela estava no chão da sala.

Não desmaiada. Sentada, encostada no sofá, os joelhos dobrados contra o peito, segurando o pulso esquerdo com a mão direita. Ainda usava a roupa do evento — uma blusa preta, uma saia longa, botas — e o rímel tinha escorrido. A mancha de vinho no tapete tinha secado e escurecido. Ela tinha acendido uma vela na mesa de centro. Uma só.

Quando entrei pela porta da sacada, ela ergueu os olhos. Estavam vermelhos, mas secos.

— Você voltou — disse ela.

— Voltei.

— Isso aqui. — Ela estendeu o pulso. Ali, na pele fina da parte de dentro, havia uma marca igual à minha: o círculo de letras, a pena, a chave. Brilhava fraca na luz da manhã. — Começou a doer umas três e pouco. Eu achei que ia morrer. Eu achei que era isso. Que era assim que se morria.

— Não é.

— Então o que é?

Eu podia ter mentido. Eu era bom em mentir; era metade do meu ofício. Mas olhei para ela, sentada no chão com o rímel escorrido e o queixo erguido, me desafiando com uma vela acesa como se aquilo fosse uma arma, e não consegui.

Contei tudo. O contrato aberto. A Corte. Os vinte e um dias. A brasa que restava nela e o que aconteceria quando se apagasse. A lua nova. Os trinta passos.

Ela ouviu em silêncio. Quando terminei, ficou um tempo olhando para a vela.

— Então, se você não encontrar minha alma em vinte e um dias, você deixa de existir.

— Sim.

— E eu viro uma... casca.

— Sim.

— E até lá a gente não pode ficar a mais de trinta passos um do outro.

— Não sem consequências.

Ela riu. Foi uma risada horrível, rachada, e eu senti alguma coisa no meu peito, sob a marca, que não era dor de contrato.

— Isso é a coisa mais clichê que eu já ouvi — disse ela. — Se eu mandasse isso para a minha editora, ela ia devolver com um bilhete: *forçado demais, Celina*.

— Eu não entendi.

— Claro que não. — Ela se levantou, apoiando-se no sofá. Cambaleou um pouco. Eu dei um passo para ampará-la e ela ergueu a mão, me parando.

— Não. Não me toca.

Parei.

Ela me olhou de cima a baixo — o terno molhado de garoa, a camisa aberta, a marca brilhando no meu peito — com um desprezo tão perfeito que eu quase o admirei.

— E agora? — perguntou ela. — O que acontece agora?

Tirei o paletó molhado. Dobrei-o com cuidado sobre o braço do sofá. Olhei ao redor da sala: as estantes cheias até o teto, as pilhas de papel sobre a mesa de trabalho, as cortinas, a janela com a cidade inteira lá embaixo. Pensei

em Malthus rindo. Pensei na Senhora dizendo *interessante*. Pensei no gosto de sal e tinta que me acompanhava havia sete anos.

— Agora — respondi — eu moro aqui.

CAPÍTULO

4

Trinta Passos

— CELINA —

EU NÃO DORMI. Não sei se ele dormiu; acho que não. Quando finalmente desisti de fingir e saí do quarto, às dez da manhã, ele estava sentado na poltrona de leitura perto da janela, exatamente onde eu o tinha deixado, de pernas cruzadas, olhando a cidade sob a chuva como quem olha um aquário.

Ele tinha tirado o paletó. Tinha arregaçado as mangas da camisa preta até os cotovelos. Os antebraços eram pálidos, com veias escuras demais sob a pele, e havia, no pulso direito, uma cicatriz fina e antiga, como de um corte feito com papel.

— Bom dia — disse ele, sem se virar.

— Não tem nada de bom nele.

— Concorde. Mas é o costume.

Fui até a cozinha. Liguei a cafeteira. Ele não se moveu, mas eu sentia o olhar dele nas minhas costas como uma mão.

— Você não dorme? — perguntei.

— Não como vocês.

— Come?

— Não como vocês.

— Que ótimo. Um hóspede barato.

— Eu não sou um hóspede.

— É, eu sei. — Peguei uma caneca. A minha favorita, rachada na borda, com a frase *escritores fazem isso com palavras* que a Dandara tinha me dado de aniversário como piada. — Você é o meu credor. O homem que veio buscar minha alma e não achou. Que, aliás, deve ser a primeira vez na história que um cobrador vem buscar uma dívida e o devedor sai no lucro.

— Você não está no lucro. Você está morrendo.

A caneca tremeu na minha mão. Coloquei-a no balcão com cuidado.

— Obrigada pela delicadeza.

— Você prefere que eu minta?

— Eu prefiro que você não esteja aqui.

— Isso — disse ele — nós temos em comum.



A primeira coisa que fiz foi testar.

Não porque eu duvidasse dele. Eu tinha sentido a dor da noite anterior — aquela dor que começou no pulso e foi subindo pelo braço até o peito, até a garganta, como se meu sangue tivesse sido trocado por arame farpado. Eu sabia que era real. Mas eu precisava *saber*, do jeito que eu sabia as coisas: medindo, anotando, transformando em regra. Uma personagem não pode ter um poder sem limites claros. Era a primeira coisa que eu ensinava nas oficinas.

— Fica aqui — falei, depois do café.

Ele ergueu uma sobrancelha.

— Fica sentado aí. Eu vou andar até a porta. Depois até o corredor. Você me avisa quando começar a doer.

— Você vai sentir quando começar a doer.

— Eu quero saber se a gente sente ao mesmo tempo.

Ele me olhou com uma expressão que eu ainda não sabia ler — seria curiosidade? —, mas acenou com a cabeça.

Contei os passos. A sala até a porta: onze. A porta até o elevador: dezoito. No vigésimo sétimo passo, parada diante das portas de metal do elevador, senti o primeiro calor no pulso. Não dor ainda. Uma quentura, como quando você encosta a pele numa xícara.

— Vinte e sete — gritei.

Do apartamento, a voz dele, abafada:

— Vinte e sete.

Ele sentia ao mesmo tempo. Anotei mentalmente. Dei mais um passo em direção à escada. Vinte e oito. Vinte e nove. No trigésimo, o calor virou queimação. No trigésimo terceiro, eu me curvei, segurando o pulso, sem ar. A marca brilhava através da pele, vermelha como ferro em brasa. Senti o gosto de cobre na boca. No trigésimo quinto, meus joelhos dobraram.

Ele estava do meu lado antes que eu caísse.

Eu não vi ele vir. Não ouvi a porta. Num segundo eu estava sozinha no corredor escuro, no outro ele estava ali, uma mão segurando meu braço, a outra espalmada nas minhas costas, e a dor desapareceu como uma luz apagada.

— Trinta e cinco — disse ele, perto do meu ouvido. A voz dele estava tensa. — Satisfeita?

Eu me afastei. Devagar. Ele me soltou sem resistência.

— Você também sentiu.

— Eu senti.

— Doeu em você também.

— Doeu — admitiu ele, e havia algo no jeito como disse isso, uma surpresa contida, como se a dor fosse uma coisa nova para ele, uma coisa que ele não sabia bem onde guardar.

Voltamos para o apartamento em silêncio. Eu peguei um caderno — sempre há um caderno por perto, na minha casa — e escrevi, em letras grandes:

REGRAS.

1. Trinta passos = desconforto. Trinta e cinco = não.

2. Ele sente ao mesmo tempo.

3. Ele não dorme, não come (?), não bate na porta.

Ele leu por cima do meu ombro.

— Você está fazendo uma lista.

— Eu faço listas.

— Para quê?

— Pra não enlouquecer.

Ele ficou em silêncio. Depois estendeu a mão, pegou a caneta da minha mão — os dedos dele roçaram os meus, frios, e eu tirei a mão como se tivesse levado choque — e escreveu, com uma caligrafia inclinada e elegante, de outro século:

4. Ele não toca nela sem permissão.

Olhei para a frase. Olhei para ele.

— Isso é uma promessa?

— Isso é uma regra. Você quer regras. — Ele devolveu a caneta. — Salvo para impedir que você se mate num corredor, como ainda há pouco.

— Isso é uma cláusula de exceção.

— Eu sou um homem de contratos, Celina Duarte.

— Para de me chamar assim.

— Assim como?

— Pelo nome inteiro. Como se eu fosse um processo.

Ele pensou por um momento. Pareceu realmente pensar, como se estivesse escolhendo entre opções numa prateleira.

— Celina — disse.

E foi pior. Muito pior. O meu nome, dito por aquela voz, com aquele sotaque antigo, saiu como uma coisa que ele estivesse provando. Eu senti o som descer pela minha nuca.

— Esquece — falei. — Volta pro nome inteiro.

Ele sorriu. Foi a primeira vez que o vi sorrir de verdade — pequeno, de canto, rápido —, e eu odiei o que aquilo fez com o meu estômago.



A segunda coisa foi a Dandara.

Ela tocou o interfone ao meio-dia, com dois sacos de pastel da feira da Rua Augusta e o tipo de determinação que só ela tinha. Eu tinha esquecido. Eu tinha esquecido completamente que tinha prometido.

— Ela não pode te ver — falei, desesperada, com o interfone na mão.

— Ela vai me ver de qualquer jeito, se ficar mais de trinta passos dentro deste apartamento.

— Você pode ficar invisível? Virar fumaça? Sei lá, ir pra sacada?

— A sacada fica a doze passos da porta. Ela vai me ver pelo vidro.

— Então se esconde no meu quarto!

Ele me olhou com uma dignidade ofendida que, em qualquer outro contexto, teria sido engraçada.

— Eu não vou me esconder num armário, Celina Duarte.

— Não é num armário. É no quarto.

— Não.

A campainha tocou. A Dandara tinha subido sozinha; o seu Valdir a conhecia havia anos. Eu ouvi a voz dela do outro lado da porta: *Abre, maluca, os pastéis tão esfriando, e eu trouxe caldo de cana, e se você não abrir eu vou ligar pros bombeiros dizendo que você tá tendo um surto criativo.*

Olhei para ele. Ele olhou para mim.

— Você é o quê? — sussurrei. — Rápido. Um nome. Uma profissão. Qualquer coisa.

Ele pensou por um segundo.

— Consultor.

— Consultor de quê?

— Contratos.

Eu abri a porta.

Dandara Oliveira entrou como entrava em todos os lugares: como uma frente fria, como um desfile de escola de samba. Vinte e nove anos, um metro e oitenta de pernas, tranças longas até a cintura presas num coque enorme, óculos de armação verde-limão, um vestido amarelo que doía de olhar num dia cinzento. Ela tinha quatrocentos mil seguidores no TikTok falando de livros e um MBA em gestão que não usava para nada além de organizar a minha vida.

Ela deu dois passos para dentro, viu o homem de camisa preta parado no meio da minha sala e parou tão de repente que o caldo de cana balançou no copo.

— Oi — disse ela.

— Boa tarde — disse ele.

Dandara olhou para ele. Depois para mim. Depois para ele de novo. Os olhos dela fizeram um percurso completo — o cabelo, os ombros, os antebraços nus, a camisa aberta no colarinho (graças a Deus fechada o suficiente para esconder a marca), as calças de corte perfeito, os sapatos — e voltaram para o rosto dele. Eu vi o exato momento em que ela registrou os olhos. Eu vi ela piscar.

— Lentes — falei, rápido. — Ele usa lentes. É... estético.

— Uhum — disse Dandara.

— Esse é o... — Eu não sabia o nome que ele ia usar. Eu não sabia nem se ele tinha outro.

— Azael — disse ele. E estendeu a mão. — Sou consultor da Celina. Contratos.

Dandara apertou a mão dele. Segurou um pouco mais do que o necessário. Solto.

— Contratos — repetiu ela.

— Direitos internacionais — inventei. — Tradução. Cinema. Tem uma produtora interessada nos *Filhos da Cinza* e eu precisava de alguém pra ver as letras miúdas.

— E ele veio ver as letras miúdas — disse Dandara, devagar — num feriado de Finados. Às dez da manhã. De camisa amassada.

— Ao meio-dia — corrigiu ele.

— Ele chegou cedo — falei.

— Muito cedo — concordou Dandara, e colocou os pastéis sobre a mesa com uma calma ameaçadora. — Bom. Eu trouxe pastel pra dois, mas a gente divide em três. Azael, você come pastel?

— Não como vocês — respondeu ele, e eu quis morrer.

— Ele é vegano — falei.

— Pastel de palmito, então — disse Dandara, empurrando um saco para ele. — Senta aí, consultor.

E ele sentou.

Eu nunca vou esquecer aquela hora. O Cobrador da Sétima Casa, sentado à minha mesa de jantar, segurando um pastel de palmito com dois dedos como quem segura um objeto arqueológico, enquanto a Dandara o interrogava com a eficiência de um delegado. *De onde você é? Que sotaque é esse? Português? Português de onde? Há quanto tempo trabalha com contratos? Muito tempo, quanto? Você conhece a Celina de onde?*

Ele respondia tudo com frases curtas, absolutamente verdadeiras e completamente enganosas. *Do Rio, originalmente. Há muito tempo. Desde antes de ela publicar. Nos conhecemos num cemitério.*

— Num cemitério — repetiu Dandara.

— Num velório — falei. — Da minha mãe. Ele era... amigo da família.

Dandara me olhou. Eu conhecia aquele olhar. Era o olhar que ela dava quando um livro tinha uma reviravolta que ela tinha adivinhado na página trinta.

Mas não disse nada. Só pegou um pastel de carne e mordeu.

Foi então que eu percebi.

Eu também tinha mordido um pastel. De queijo, o meu favorito, da barraca do seu Hiroshi, que eu comia todo domingo havia seis anos. Eu conhecia aquele gosto como conhecia minha própria letra: a massa fina e estalando, o queijo puxa-puxa, o óleo quente, aquela pontinha de sal.

Não tinha gosto de nada.

Mastiguei. Engoli. Mordi de novo. Nada. Textura, sim — a massa crocante, o queijo quente —, mas o gosto tinha sumido, como se alguém tivesse apagado a cor de uma fotografia. Peguei o caldo de cana. Bebi um gole longo. Água morna. Água morna e grossa.

Pousei o copo devagar.

Do outro lado da mesa, ele estava me olhando. Não a Dandara. Ele. Os olhos de brasa fixos no meu rosto com uma intensidade que me deixou sem ar. Ele sabia. Ele sabia exatamente o que estava acontecendo.

Primeiro os sentidos, ele tinha dito. Depois a vontade. Depois a memória.

— Cê tá bem? — perguntou Dandara.

— Tô — falei. — Tô ótima. É que tá... muito bom.



Ela foi embora às duas. Na porta, enquanto ele estava na sala, ela me segurou pelo cotovelo e falou baixinho, rápido:

— Eu não sei quem é esse cara, mas ele não tirou os olhos de você uma vez. Nenhuma. Nem quando eu derrubei o caldo de cana no colo dele.

— Você fez isso de propósito.

— Claro que fiz. Ele nem piscou. Ele só ficou olhando você. Celina, sério. Ele é perigoso?

Eu pensei em mentir. Eu pensei, por um segundo, em contar tudo.

— Sim — falei.

Dandara apertou meu cotovelo.

— Perigoso tipo *me liga se precisar* ou perigoso tipo *personagem do seu livro*?

— Tipo personagem do meu livro.

Ela me encarou por muito tempo. Depois suspirou, ajeitou os óculos verdes e disse:

— Então tá. Mas se ele te machucar, eu juro que eu mato ele.

— Dan, eu acho que não dá pra matar ele.

— Ninguém me desafia assim, amiga.

Ela me deu um beijo na testa e foi embora. Eu fechei a porta. Encostei a testa na madeira fria. Fiquei ali muito tempo, de olhos fechados, sentindo a ausência do gosto do pastel na boca como quem sente a falta de um dente.

— Começou — disse ele, atrás de mim.

Não me virei.

— Quanto tempo?

— Não sei. Os sentidos vão primeiro. Gosto, cheiro, depois cor. Depois...

— Depois a vontade. Eu ouvi da primeira vez.

O silêncio dele pesou atrás de mim. Depois ouvi os passos dele se afastando, e depois o som de uma coisa que eu não esperava: páginas. Papel sendo folheado.

Me virei.

Ele estava diante da estante principal da sala, aquela onde eu guardava os exemplares de autora dos meus próprios livros — cinco volumes dos *Filhos da Cinza*, em todas as edições, traduções, capas duras, brochuras —, e tinha tirado o primeiro. *A Filha da Cinza*. A capa preta com a pena dourada pegando fogo.

— O que você tá fazendo?

Ele abriu o livro. Passou os dedos pela primeira página, a da dedicatória, onde estava escrito, em letras pequenas: *Para M. D., que me ensinou a costurar com palavras*.

— Você disse que não vendeu sua alma para outro — disse ele, sem tirar os olhos da página. — Eu acredito. Então ela foi para algum lugar que você não sabe. — Ele virou a página. — A minha experiência diz que as pessoas escondem a alma nas coisas que mais amam. Os avaros no ouro. Os vaidosos no espelho.

Ele ergueu os olhos para mim por cima do livro, e a brasa neles brilhou.

— Me diga, Celina Duarte. O que você mais amou nesses sete anos?

CAPÍTULO

5

Tudo o Que Ela Escreveu

— A Z A E L —

ELA NÃO RESPONDEU à minha pergunta. Ela me olhou como se eu tivesse cuspido no chão da casa dela, disse *vai à merda, consultor*, e se trancou no quarto.

O quarto ficava a nove passos da estante. Eu contei.

Então eu fiz a única coisa que me pareceu razoável. Sentei na poltrona perto da janela, cruzei as pernas, abri *A Filha da Cinza* na primeira página e comecei a ler.

Eu não lia um livro havia — não sei. Décadas. Leio contratos o tempo todo; leio cláusulas, testamentos, declarações juradas, a caligrafia trêmula dos desesperados. Mas um livro, um livro de histórias, inteiro, do começo ao fim, por nenhuma razão além de saber o que acontece? Não. Isso era coisa de gente. Eu tinha deixado de ser gente havia muito tempo.

A primeira frase dizia:

“No reino de Vael, as crianças nascidas durante incêndios eram afogadas antes de completar um dia, e foi por isso que minha mãe me escondeu dentro de um forno de pão.”

Eu li a frase três vezes.

Depois li a página. Depois o capítulo. A história era sobre uma menina chamada Néssa, nascida num incêndio, criada em segredo por uma padeira num reino onde o fogo era crime e a magia pertencia aos homens da Torre. Néssa crescia com cinza nas unhas e uma raiva sem nome. Quando a padeira foi enforcada por esconder a filha, Néssa queimou a praça inteira, e não sabia se tinha feito aquilo por vontade ou por acidente. Era uma história de fantasia, cheia de reis e torres e um príncipe sombrio chamado Varek, o Príncipe Corvo, que caçava meninas como ela e acabava, claro, apaixonado por ela.

Eu teria achado tudo aquilo uma bobagem. Era o tipo de coisa que eu teria descartado em qualquer outro século.

Mas havia uma coisa nas páginas.

Senti na primeira linha. Um calor. Não uma metáfora; um calor real, físico, que subia do papel para a ponta dos meus dedos como o vapor de uma xícara. Fraco, muito fraco, quase nada. Mas eu conhecia aquele calor. Eu tinha passado sete anos com ele na boca.

Sal. Tinta. Mar.

Fechei o livro. Abri de novo. O calor continuava ali, espalhado pelas páginas, mais intenso em certas passagens — quando a padeira morria, quando Néssa olhava o próprio reflexo num balde de água e não reconhecia o rosto, quando ela dizia, para Varek, no capítulo dezenove: *“Você acha que eu tenho medo do fogo? Eu sou o que sobrou depois dele.”*

Nessas páginas, o calor era quase uma chama.

Continuei lendo.



Terminei o primeiro às cinco da tarde. A chuva tinha parado. Do quarto dela vinha silêncio, e um tempo depois, o som de um chuveiro. Peguei o segundo livro.

O Príncipe Corvo. Era narrado em parte por Varek, e eu me vi, para minha irritação crescente, analisando-o como quem analisa um rival. Ele era alto, sombrio, cruel por obrigação, gentil por acidente. Ele tinha olhos cinzentos — não de brasa — e um passado trágico que ela revelava aos poucos, em fragmentos, como quem tira farpas da pele. Ele amava Néssa de uma forma que me pareceu excessiva e mal calculada. Ele dizia coisas como “*eu queimaria esta torre pedra por pedra se você me pedisse, e depois queimaria a mim mesmo se você me olhasse com nojo*”.

Eu achei aquilo exagerado.

Depois achei aquilo irritante.

Depois, no capítulo trinta e um, quando Varek encontrava Néssa ferida num campo de batalha e a carregava por três dias através da neve, sem parar, sem dormir, falando com ela o tempo todo para que ela não fechasse os olhos — eu me peguei relendo a passagem. Duas vezes. E quando terminei, fechei o livro com força demais, e o barulho ecoou na sala vazia.

Ela tinha escrito aquilo. Ela tinha imaginado um homem que faria aquilo por ela.

Não. Por Néssa. Uma personagem.

Eu não sei por que aquela distinção me pareceu tão frágil.

Também foi no segundo livro que morreu Íris, a amiga de Néssa — uma menina de cabelo vermelho que ria alto e roubava maçãs. A morte de Íris ocupava um capítulo inteiro, curto, quase sem diálogo. Quando cheguei nele, o calor das páginas foi tão forte que quase soltei o livro. A tinta parecia úmida. Eu toquei uma linha — “*e eu fiquei ali, segurando a mão dela, até que a mão não fosse mais dela*” — e senti, com uma nitidez que me atravessou como uma faca, uma cadeira de plástico. Uma cama de hospital. O cheiro de álcool e de soro. Uma mulher amarela, magra, de olhos fechados, dizendo *continua*.

Era a lembrança dela. Não da personagem. Dela.

Estava ali, dentro da página. Uma lasca da alma de Celina Duarte, presa entre as palavras como uma flor prensada.

Fechei os olhos.

Entendi.



A noite caiu. Eu li o terceiro livro, *A Torre Partida*, e o quarto, *O Inverno de Vacl*. Li sem pressa e sem parar, como quem segue uma trilha de sangue na neve. Em cada livro havia lascas: algumas pequenas como faíscas, outras grandes, densas, pesadas, que me deixavam com a respiração presa. Eu aprendi a reconhecer os momentos em que ela tinha escrito com tudo o que tinha. Eles brilhavam. E à medida que avançava, percebia uma coisa que me deixava cada vez mais inquieto: os livros mais recentes brilhavam menos.

No primeiro, a alma dela estava em quase toda página. No quarto, em menos da metade. No quinto — eu peguei *A Rainha Queimada*, o que ela tinha lançado na noite anterior — o calor era tênue, intermitente, como uma lâmpada com mau contato. Havia frases lindas, cenas bem construídas, e páginas inteiras que eram só papel e tinta. Frias.

Ela tinha dado tanto de si que quase não sobrava o que dar.

Ou alguém estava levando.

Parei no meio do quinto livro. Era madrugada. A cidade, lá embaixo, tinha se recolhido a uma respiração lenta de faróis e sirenes. Eu fiquei olhando a capa — a mulher de costas, com uma coroa de chamas na cabeça — e fiz as contas.

Os livros dela tinham vendido, segundo o que ouvi na conversa com a amiga, perto de quatro milhões de exemplares só no Brasil. Mais as traduções. Mais os livros emprestados, os de biblioteca, os de segunda mão. Milhões de livros, cada um com uma cópia daquelas lascas. Não uma cópia — isso era o mais perturbador. A alma não se copia. Ela se *reparte*. Cada exemplar levava uma partícula, e cada leitor, ao ler, levava um pouco consigo. Um brilho, um calor, uma frase que ficava. Aquele rapaz de quem a amiga dela tinha falado, com a data da morte de Íris tatuada na costela. Aquela moça com a coroa de arame. Todos eles carregavam um grão de Celina Duarte dentro do peito, sem saber.

Era por isso que eles a amavam tanto. Era por isso que choravam ao tocar a mão dela.

Eles estavam reconhecendo a si mesmos.

Eu ri sozinho, no escuro. Foi uma risada baixa e incrédula, e eu cobri a boca com a mão, como se alguém pudesse ouvir.

Sete anos antes, ela tinha me pedido que milhões de pessoas a lessem. E eu tinha dado. Eu tinha posto o contrato em movimento: as coincidências, as portas certas, a editora certa, o algoritmo certo, os ventos certos. Era assim que funcionava; era assim que sempre tinha funcionado. O que eu não tinha previsto — o que ninguém na Corte, em mil anos de contratos, parecia ter previsto — era que ela fosse *pagar adiantado*. Que, a cada página, ela fosse entregando a alma não para mim, mas para eles.

Ela não tinha vendido a alma duas vezes. Ela tinha dado de graça. Milhões de vezes.

E não se pode colher o que já foi dado.



Às quatro da manhã eu ouvi um barulho no quarto.

Não um grito. Um gemido baixo, abafado, como de alguém que está se afogando de boca fechada. Fiquei imóvel na poltrona. Depois ouvi de novo.

Fui até a porta. Não abri. *Ele não toca nela sem permissão*. Eu mesmo tinha escrito. Mas a porta do quarto estava entreaberta, e pela fresta eu a vi: deitada de lado, encolhida, os punhos fechados contra o peito, o rosto molhado. Dormindo. Pesadelo.

O que eu fiz depois não tem desculpa e não tem explicação.

Fiquei ali, na fresta, olhando para ela.

Eu já tinha visto muitos humanos dormindo. É o momento em que eles estão mais frágeis, o momento em que a alma deles fica mais perto da pele. Eu já tinha entrado em quartos assim para cobrar o que me deviam. Eu sabia como eles respiravam, como se mexiam, como murmuravam. Não havia nada de novo naquilo.

Só que havia.

Ela tinha o cabelo escuro espalhado no travesseiro, e uma das mãos agarra o lençol como se fosse uma corda. Os lábios se mexiam. Ela dizia alguma coisa. Eu me inclinei, sem perceber, e ouvi:

— ...continua... mãe... continua...

E eu senti, no meio do peito, exatamente sob a marca, uma coisa que não sentia havia cento e trinta e cinco anos. Não sabia que nome tinha. Era como uma fome, mas não era de alma. Era como uma raiva, mas não era contra ela. Era o desejo de atravessar aquela porta, entrar naquele pesadelo, encontrar a coisa que a estava fazendo chorar e rasgá-la ao meio com as próprias mãos.

E era, também, uma outra coisa. Mais funda. Mais antiga. Mais perigosa.

Minha, disse uma voz dentro de mim. *Ela é minha. Ela foi minha antes de ser deles. Cada página, cada lasca, cada lágrima. Minha.*

Dei um passo para trás.

Voltei para a poltrona. Peguei *A Rainha Queimada* e abri de novo no ponto onde tinha parado. Li até o fim. As últimas páginas eram as mais frias do livro inteiro — quase nada de alma, só um final correto, bem amarrado, sem brasa. Mas na última página, depois do ponto final, havia uma nota da autora. Uma página curta, de agradecimentos. E ali, de repente, o calor voltava, intenso como um fogo de chão:

“Este é o quinto livro. Eu não sei se vai haver um sexto. Às vezes eu acho que dei tudo o que tinha para estas páginas, e que, se escrever mais uma, vai sobrar só a casca. Se isso acontecer, quero que vocês saibam: tudo o que eu era está aqui. Cuidem bem.”

Eu li aquilo e fiquei imóvel por muito tempo.

Ela sabia. Não com a cabeça. Com alguma coisa mais funda. Ela sabia o que estava fazendo.



Quando ela saiu do quarto, às oito da manhã, com os olhos inchados e o cabelo preso de qualquer jeito, eu ainda estava na poltrona. Os cinco livros estavam empilhados na mesinha ao meu lado. Ela parou no meio da sala, olhando para a pilha, depois para mim.

— Você leu?

— Li.

— Todos?

— Todos.

Ela cruzou os braços. Ela estava usando uma camiseta enorme e desbotada com o logo de uma banda que eu não conhecia, e meias de lã, e parecia muito pequena e muito furiosa.

— E aí? — disse, com um desafio na voz que não conseguia esconder outra coisa, uma coisa mais frágil. — Qual o veredito, consultor? Romance de mulherzinha com dragão?

Olhei para ela por muito tempo. Pensei em Varek carregando Néssa pela neve. Pensei em Íris e na mão que deixava de ser dela. Pensei na cadeira de plástico. Pensei na nota de agradecimento.

— O Príncipe Corvo — falei — é um idiota.

Ela piscou.

— O quê?

— Ele ama a moça e passa três livros tentando matá-la por *dever*. Ele tem a chance de fugir com ela no segundo livro, capítulo vinte e dois, e não foge porque o pai dele, um homem que o trancava numa torre, mandou que ficasse. Ele é covarde. — Eu me ouvi dizendo aquilo e não consegui parar. — Se ele fosse homem de verdade, teria queimado a Torre no primeiro livro e poupado todo mundo do trabalho.

Ela ficou de boca aberta.

Depois — e eu não estava preparado para isso — ela riu. Uma risada verdadeira, surpresa, que saiu do fundo do peito e encheu a sala.

— Você tá com *ciúmes* de um personagem?

— Eu não tenho ciúmes. Eu tenho opinião.

— Você leu cinco livros numa noite e tá com ciúmes do Varek.

— Eu li cinco livros numa noite — falei, me levantando, e ela parou de rir quando viu meu rosto — e encontrei a sua alma.

O silêncio caiu entre nós como uma lâmina.

— O quê?

Peguei *A Filha da Cinza* do topo da pilha. Abri no capítulo da padeira enforcada. Estendi o livro para ela.

— Toque a página.

Ela hesitou. Depois estendeu a mão e encostou os dedos no papel.

Eu vi o momento em que ela sentiu. Os olhos dela se arregalaram. A respiração falhou. A marca no pulso dela brilhou, fraca, como uma brasa soprada.

— Está quente — sussurrou.

— Está em todos eles — falei. — Em todas as páginas que você escreveu com o que tinha de melhor. Você não perdeu a sua alma, Celina Duarte. Você a escreveu. Pedaco por pedaco. E vendeu quatro milhões de cópias dela.

CAPÍTULO

6

O Sebo da Rua Benjamin Constant

— CELINA —

EU PASSEI A manhã inteira tocando páginas.

Sentada no chão da sala, com todos os exemplares que eu tinha em casa espalhados ao meu redor como as peças de um quebra-cabeça, eu abria um livro, encostava os dedos, sentia. Às vezes nada. Às vezes um calor morno, como o de uma xícara abandonada. E às vezes — no capítulo da padeira, na morte de Íris, na cena em que Néssa reencontra o forno de pão onde foi escondida, agora em ruínas — um calor tão forte que me deixava tonta, e eu fechava os olhos e via coisas que não estavam escritas ali. A linha de costura enrolada no dedo da minha mãe. O cheiro do mar em Santos às seis da manhã. O som das minhas próprias teclas às três da madrugada, num quarto-e-sala com infiltração.

Eu tinha posto tudo aquilo nos livros. Eu sabia que tinha. É o que todo escritor diz: *eu pus muito de mim nesse livro*. A gente fala isso em entrevista, em lançamento, em post de Instagram. Ninguém espera que seja literal.

— Quatro milhões — eu disse, pela décima vez, segurando *O Príncipe Corvo* contra o peito. — Mais as traduções. Mais os e-books. Os e-books contam?

— Não sei — disse ele, da poltrona. Ele não tinha se mexido a manhã inteira. Me observava como quem observa um experimento.

— Como assim não sabe?

— Isso nunca aconteceu antes, Celina Duarte. Não que eu saiba. Eu não sei se e-books contam. Eu não sei se audiolivros contam. Eu não sei se aquela menina que tatuou a sua frase na costela tem um grão da sua alma na pele ou no coração. — Ele se inclinou para a frente, os cotovelos nos joelhos. — Mas eu sei de alguém que pode saber.



O Centro de São Paulo, numa terça-feira depois de feriado, tem aquele cheiro particular de pão de queijo, urina e chuva velha. Saímos do Copan às onze, pegamos a Ipiranga, atravessamos a República por baixo do olhar dos camelôs e dos pregadores evangélicos com caixas de som, e descemos pela São João até o Vale do Anhangabaú. Eu ia na frente. Ele vinha atrás, sempre a uns cinco ou seis passos, com as mãos nos bolsos do paletó cinza, e as pessoas se afastavam dele sem saber por quê. Vi uma senhora fazer o sinal da cruz quando ele passou. Vi um menino de rua, de uns dezoito anos, arregalar os olhos e sair correndo.

— Você faz isso de propósito? — perguntei, por cima do ombro.

— Faço o quê?

— Isso. Assustar as pessoas.

— Eu não faço nada. Elas sentem.

— Sentem o quê?

Ele demorou a responder.

— O que eu sou.

Atravessamos o Viaduto do Chá — eu senti um arrepio estranho no meio da ponte, como se alguma coisa lá embaixo estivesse respirando, e ele me olhou de um jeito que me fez não perguntar — e entramos na Rua Benjamin Constant, uma ruazinha estreita e meio esquecida atrás da Praça da Sé, cheia

de prédios antigos com fachadas sujas, lojas de ferragens, uma lanchonete chamada Bom Gosto que eu tinha certeza de que nunca tinha tido gosto nenhum. Ele parou diante de uma porta que eu nunca teria notado: madeira escura, vidro fosco, uma placa de esmalte descascado que dizia *SEBO ONDINA — LIVROS RAROS — COMPRA E VENDE*.

— Um sebo — falei.

— Um sebo.

— Você me trouxe a um sebo.

— A pessoa mais bem informada desta cidade sobre contratos trabalha aqui. — Ele empurrou a porta. Um sino tocou lá dentro, um som pequeno e rachado. — E ela odeia ser chamada de pessoa.



Lá dentro era maior do que parecia. Muito maior. A loja se estendia para o fundo num corredor estreito de estantes que iam até o teto — um teto alto, de estuque descascado — e depois se abria em salas e mais salas, todas cheias de livros. Livros nas prateleiras, livros no chão, livros empilhados em colunas tortas que pareciam desafiar a gravidade. O cheiro era de papel velho, poeira e alguma coisa doce, como baunilha queimada. A luz entrava por claraboias sujas e caía em feixes cheios de poeira dourada.

E no fundo, atrás de um balcão de madeira coberto de papéis, havia uma mulher.

Era difícil dizer a idade dela. Podia ter quarenta, podia ter setenta. A pele era morena, enrugada nos cantos dos olhos, e o cabelo, completamente branco, estava cortado muito curto. Usava um cardigã cinza enorme e óculos redondos de aro de tartaruga, e estava lendo um livro tão velho que a capa de couro tinha se desfeito em lascas. Quando entramos, ela não ergueu os olhos.

— Cobrador — disse. — Não te vejo desde que você me vendeu aquele Machado autografado falso.

— Não era falso.

— Era falso e você sabe. A dedicatória dizia “ao amigo Antero”, e o Machado nunca teve amigo nenhum chamado Antero. Eu verifiquei. — Ela virou uma página. — Quem é a moça?

— Celina Duarte.

Então ela ergueu os olhos.

Eles eram de uma cor estranha. Não de brasa, como os dele. Eram cinzentos e claros como água de rio, e quando pousaram em mim, eu tive a sensação muito precisa de estar sendo lida. Não olhada. *Lida*, como uma página, da primeira à última linha.

— Ah — disse ela, baixinho. — *Ah*.

Ela fechou o livro. Tirou os óculos. Olhou para o meu pulso esquerdo, onde a marca estava escondida sob a manga do casaco, e eu juro que ela a viu através do tecido.

— Um contrato aberto — disse ela. — Não acredito. Venha cá, menina. Deixa eu te ver.

Eu olhei para ele. Ele fez um gesto pequeno com a cabeça. Eu me aproximei do balcão.

Ondina — porque era claramente ela — segurou minha mão entre as dela. As mãos dela eram quentes e secas, cheias de manchas, com unhas curtas e muito limpas. Ela virou minha palma para cima, puxou a manga do casaco e olhou a marca por um longo tempo. Depois, sem pedir licença, encostou a ponta do dedo indicador bem no centro do meu peito, sobre o esterno.

Eu senti uma coisa estranha. Como um eco. Como se alguém tivesse batido num sino dentro de mim e o som tivesse se espalhado, muito longe, por muitos lugares.

— Você escreve — disse Ondina.

— Escrevo.

— Muito.

— Cinco livros.

— Não estou falando dos livros. Estou falando *disso*. — Ela pressionou o dedo um pouco mais. — Você escreve com a alma. Literalmente. Tem gente que escreve com a cabeça, tem gente que escreve com o estômago, tem gente que escreve com o rancor. Você escreve com a alma, e ela sai de você e vai para as páginas e das páginas vai para... — Ela fechou os olhos. Ficou em silêncio. — Meu Deus. Quantos leitores você tem?

— Uns... milhões?

Ondina abriu os olhos e soltou minha mão como se ela estivesse quente demais.

— Ah, Cobrador — disse ela, olhando para ele por cima do meu ombro.
— Você se meteu numa enrascada e tanto.



Ela nos fez sentar numa salinha nos fundos, entre pilhas de enciclopédias, e serviu um café num bule de ágata lascado. Eu aceitei por educação. Não tinha gosto de nada. Ele não aceitou.

— Vou explicar uma vez — disse Ondina, sentando-se numa cadeira de vime que rangeu sob o peso dela, embora ela não fosse pesada. — Depois vocês se viram.

“A alma não é uma coisa. É uma substância. Quando alguém vende a alma, vende a substância inteira, e o Cobrador vai buscar e ela está ali, densa, pronta para ser colhida. Mas a alma também se gasta. Todo mundo gasta um pouco na vida: num amor, num filho, num trabalho bem feito. Isso é normal. Gasta-se e se repõe; a alma cresce como unha. Mas há gente que gasta mais do que repõe. Artistas, principalmente. Os bons. Os que põem tudo.”

Ela me olhou.

— Você pôs tudo, menina. E pôs num lugar que se reproduz. Cada livro impresso leva um pouco do que você pôs. Cada pessoa que lê, quando lê de verdade, leva um pouco do que estava no livro. Não muito. Uma lasca. Uma faísca. Mas milhões de faíscas...

— Fazem uma fogueira — falei.

— Fazem uma alma inteira, espalhada pelo país. — Ela tomou um gole de café. — E o seu Cobrador aqui não pode ir de casa em casa arrancando lascas do peito das pessoas.

— Por que não? — perguntei, e me arrependi no mesmo instante, porque ele se virou para mim com um olhar estranho.

— Pode — disse Ondina. — Tecnicamente, pode. Mas uma lasca de alma alheia, tomada à força, não sai limpa. Ela leva junto um pedaço do hospedeiro. A pessoa fica... — Ela procurou a palavra. — Vazia. Não morre. Dorme. Um sono sem sonhos. E não acorda mais.

O silêncio na salinha ficou espesso.

— Então como a gente recupera? — perguntei.

— A única forma limpa de recuperar uma lasca é ela ser devolvida. De livre vontade. A pessoa precisa *querer* devolver. E as pessoas, menina, não costumam querer devolver o que as faz sentir vivas.

Eu olhei para ele. Ele olhava para o chão.

— Mas tem outra coisa — continuou Ondina, e a voz dela mudou. Ficou mais baixa. — E é por isso que eu estou contando tudo isso de graça, o que eu nunca faço. Na semana passada, entrou um rapaz aqui. Vinte e poucos anos. Queria vender uma coleção de livros da mãe dele. A mãe era enfermeira. Leitora. Tinha os seus livros todos, menina, com marca-páginas, anotações, frases sublinhadas.

— E?

— E ela estava internada. Num sono sem sonhos. Fazia duas semanas. Os médicos não sabiam o que era. — Ondina pousou a xícara. — Eu toquei os livros dela. Estavam frios. Gelados. Como se alguém tivesse passado por eles com uma esponja.

Ele levantou a cabeça. A brasa nos olhos dele estava acesa.

— Alguém já está colhendo — disse.

— Alguém já está colhendo — confirmou Ondina. — E esse alguém sabe exatamente o que está fazendo. Porque não é só a enfermeira. Eu fui ver. Tem pelo menos mais seis no Hospital das Clínicas. Todos leitores. Todos dormindo.

Eu senti o sangue descer do rosto.

— Isso começou antes do vencimento — falei. — Antes de ontem.

— Bem antes — disse Ondina. — Alguém sabia que a sua alma estava espalhada antes mesmo do seu Cobrador descobrir. — Ela olhou para ele com uma expressão difícil de ler, meio pena, meio acusação. — Você tem inimigos, Azael. E pelo visto eles leem mais do que você.



Sáímos do sebo às duas da tarde. Eu estava zozza, com uma sacola de papel cheia de livros que Ondina tinha enfiado nas minhas mãos na saída — *pra*

you ler, menina, já que vai ter que aprender as regras de um mundo novo — e com a cabeça girando com tudo o que ela tinha dito. Atrás de mim, ele estava em silêncio.

Foi por isso que eu não percebi.

A Rua Benjamin Constant tem um beco no meio, uma passagem estreita entre dois prédios que leva a uma galeria abandonada. Eu passei por ele sem olhar. Dei mais três passos. E então senti alguma coisa me puxar pelo braço com uma força que não era humana, e no instante seguinte eu estava dentro do beco, com as costas contra uma parede de tijolos molhados e uma mão fria e áspera apertando o meu pescoço.

A coisa que me segurava tinha a forma de um homem. Mais ou menos. Era magro demais, alto demais, com a pele cinzenta e esticada sobre os ossos como papel molhado, e não tinha olhos. No lugar deles havia dois buracos fundos, escuros, e no meio do rosto, onde deveria estar o nariz, havia só duas fendas que se abriam e fechavam, *farejando*.

— Cheirosa — disse a coisa. A voz era úmida, como água escorrendo num cano. — Tão cheirosa. Sal e tinta. Ele disse que você ia cheirar assim.

Eu não conseguia gritar. A mão dela apertava minha garganta e o ar não passava. Eu chutei, arranhei, e era como arranhar uma pedra.

— Só uma provinha — disse a coisa, aproximando o rosto sem olhos do meu peito. — Ele não vai se importar. Só uma lasquinha...

E então ela não estava mais lá.

Eu caí de joelhos no chão molhado, tossindo, com as mãos na garganta. Ergui os olhos.

Ele estava no fundo do beco. E a coisa sem olhos estava presa contra a parede, um metro acima do chão, com a mão dele fechada ao redor do seu pescoço cinzento — exatamente como ela tinha feito comigo.

Mas não era o mesmo homem que tinha saído comigo do sebo. Os olhos dele já não eram brasa; eram fogo aberto, labaredas que lambiam as tēmporas e projetavam sombras vermelhas nas paredes do beco. A sombra dele no chão não era a sombra de um homem. Era maior, mais larga, e tinha alguma coisa que se abria a partir dos ombros, como asas feitas de fumaça.

— Quem te mandou? — perguntou ele. A voz dele era calma. Isso foi o mais assustador. Completamente calma.

— Cobrador... — gorgolejou a coisa. — Cobrador, por favor...

— *Quem te mandou?*

— A Casa... a Casa da Fome... o Senhor disse... disse que ela estava sozinha, que você não...

— Ela não está sozinha.

— Por favor...

Ele inclinou a cabeça, aquele movimento lento de ave de rapina, e olhou para a coisa como quem olha um inseto.

— Você tocou nela — disse ele, baixinho. — Você pôs a mão no pescoço dela.

— Eu não sabia...

— Ninguém toca no que é meu.

Ele apertou.

Eu não vou descrever o que aconteceu depois. Não porque não lembre; eu lembro de tudo, com uma precisão que ainda me acorda à noite. Não vou descrever porque não tenho palavras certas, e eu sempre tenho palavras certas. Só vou dizer que houve um som como de papel rasgando, e um cheiro de queimado, e que quando terminou, não havia nada contra a parede além de uma mancha de fuligem em forma de homem, e uma chuva fina de cinza cinzenta caindo devagar sobre o chão molhado do beco.

Ele ficou parado diante da parede por um longo momento. Depois, devagar, o fogo nos olhos dele foi diminuindo, encolhendo, até voltar a ser brasa. A sombra no chão voltou a ter o tamanho de um homem. Ele baixou o braço.

E se virou para mim.

Eu ainda estava de joelhos no chão. A sacola de Ondina tinha caído e os livros estavam espalhados na poça. Meu pescoço latejava. Minhas mãos tremiam.

Ele atravessou o beco em três passos e se ajoelhou na minha frente. Estendeu a mão para o meu rosto — e parou. A um centímetro. Exatamente como na primeira noite.

— Posso? — perguntou.

Eu não consegui responder. Fiz que sim com a cabeça.

Ele tocou meu queixo, com uma delicadeza impossível para a mão que tinha acabado de fazer aquilo, e ergueu meu rosto para olhar meu pescoço. Os olhos dele percorreram as marcas vermelhas que os dedos da coisa tinham deixado. A mandíbula dele se contraiu.

— Você está sangrando — disse ele.

Eu olhei para baixo. Tinha cortado a palma da mão no chão, ao cair. Uma linha fina de sangue escorria até o pulso.

— Não é nada.

— É seu — disse ele, e havia uma coisa na voz dele, uma rouquidão, que eu nunca tinha ouvido antes. — Então não é nada.

E eu entendi, ali, de joelhos num beco imundo do Centro de São Paulo, com cinza de monstro caindo no meu cabelo, que o Cobrador da Sétima Casa não estava mais falando só da minha alma.

CAPÍTULO

7

Uma Cama Só

— CELINA —

LE ME CARREGOU de volta.

Eu protestei. Eu disse que podia andar, que não era nada, que era só um arranhão na mão e uma marca no pescoço e que eu tinha andado sozinha por São Paulo a vida inteira, obrigada. Ele ouviu tudo em silêncio, me pegou no colo como se eu não pesasse nada, e começou a andar.

Não pela rua. Eu não sei bem por onde. Lembro de entrar no beco e de o beco não acabar onde devia; lembro de um corredor escuro que cheirava a fumaça, e de uma escada, e de um vento quente no rosto, e então eu estava na sala do meu apartamento no trigésimo segundo andar do Copan, e o relógio do micro-ondas dizia que tinham se passado só quatro minutos.

— Como você fez isso?

— Há atalhos.

— Atalhos.

— A cidade tem dobras. Quem sabe onde ficam pode passar por elas. — Ele me pôs sentada no sofá com um cuidado que contrastava absurdamente com tudo o que eu tinha visto no beco. — Não se mexa.

— Eu não sou uma criança.

— Não. Você é uma mulher que quase teve uma lasca da alma arrancada por um farejador da Casa da Fome. Não se mexa.

Ele foi até a cozinha. Ouvi armários sendo abertos, gavetas, água correndo. Quando voltou, trazia uma bacia com água morna, um pano de prato limpo, a caixa de primeiros socorros que eu guardava embaixo da pia e nunca tinha aberto, e uma garrafa de cachaça que um leitor de Minas tinha me dado num evento.

— Isso é pra mim ou pra ferida? — perguntei.

— Escolha.

Eu ri, sem querer. Ele se ajoelhou diante do sofá e estendeu a mão aberta, com a palma para cima, e esperou.

Ele não toca nela sem permissão.

Pus minha mão na dele.



Ele limpou o corte devagar. A água na bacia foi ficando rosada. Ele tinha mãos de quem já tinha feito aquilo antes — muitas vezes, em algum outro tempo —, e não falou nada enquanto trabalhava, só se concentrou, com a testa um pouco franzida, como se aquele corte de dois centímetros na minha palma fosse a coisa mais importante do mundo.

— Onde você aprendeu isso? — perguntei.

— Não lembro.

— Como assim não lembra?

Ele hesitou, com o algodão encharcado de cachaça suspenso no ar.

— Vai arder — disse.

Ardeu. Eu sibilei entre os dentes e ele segurou minha mão com mais firmeza, o polegar pressionando de leve o centro da minha palma, ao lado do corte, num gesto que era quase um carinho. Eu olhei para o rosto dele. De perto, à luz da tarde que entrava pela janela, ele parecia mais jovem do que eu tinha pensado. Trinta e poucos. Havia uma linha fina entre as sobrancelhas, uma marca de expressão, de alguém que passou muito tempo franzindo a

testa. Os cílios eram escuros e longos. Havia uma pequena cicatriz no queixo, quase invisível, que não combinava com nada no resto dele.

— O que era aquilo? — perguntei, baixinho. — No beco.

— Um farejador. Cães da Casa da Fome. Eles caçam almas soltas, restos, sobras. Não pensam muito. Obedecem.

— Ele disse que o senhor dele sabia que eu ia ter cheiro de sal e tinta.

A mão dele parou.

— Eu ouvi.

— Quem é o senhor dele?

— Malthus. — Ele disse o nome como quem cospe. — Senhor da Casa da Fome. Ele quer a minha Casa há duzentos anos. Estava na Corte quando a Senhora me deu o prazo. Ele riu.

— Ele sabe que minha alma está espalhada?

— Agora, eu acho que sabe. A pergunta é desde quando. — Ele começou a enrolar a gaze na minha mão. — A enfermeira de Ondina caiu no sono há duas semanas. Antes do vencimento. Antes de eu chegar. Alguém sabia o que você tinha feito com a sua alma antes de mim.

— Como?

— Não sei. — Ele terminou o curativo e prendeu a ponta com um pedaço de esparadrapo. Mas não soltou minha mão. Ficou olhando para ela, para os meus dedos, como se estivesse lendo alguma coisa ali. — Mas vou descobrir.

Ficamos assim por um momento. A minha mão na dele. Os joelhos dele no meu tapete manchado de vinho. A luz cinzenta da tarde. Eu sentia a frieza dos dedos dele e, por baixo, aquele calor contraditório, como uma fornalha atrás de uma parede de gelo.

— Você matou ele — falei.

— Sim.

— Daquele jeito.

— Sim.

— Você podia não ter matado. Ele já tinha me soltado. Você podia ter só... sei lá. Mandado ele embora.

Ele ergueu os olhos para mim. E não havia remorso neles. Nenhum. Havia uma coisa limpa e terrível, como o fundo de um rio.

— Ele tocou em você — disse ele. — Ele pôs a mão no seu pescoço e tentou tirar uma coisa que não era dele. Eu podia ter mandado ele embora. E ele teria voltado, ou outro teria vindo, sabendo que podia te tocar e sair inteiro. — Ele apertou minha mão de leve. — Agora todos eles sabem que não podem.

— Isso não é proteção. Isso é posse.

— Talvez.

— Eu não sou sua.

Ele não respondeu. Soltou minha mão devagar, se levantou, pegou a bacia de água rosada e voltou para a cozinha. Eu fiquei sentada no sofá, olhando para o curativo na palma da mão, com o coração batendo rápido demais, e com uma raiva enorme de mim mesma por não saber se ele tinha ouvido.



À noite, as coisas pioraram.

Eu fui para o quarto às onze. Ele ficou na sala, na poltrona, com a pilha de livros que Ondina tinha me dado — tratados antigos, um deles em latim, outro em português de Portugal do século dezoito, todos com títulos como *Das Obrigações e dos Pactos* e *Breve Tratado das Almas Vendidas*. Ele tinha dito que ia ler. Eu tinha dito boa noite, ele tinha dito boa noite, e eu tinha fechado a porta e me sentido absurdamente como uma adolescente de castigo.

A distância entre a poltrona e a minha cama era de nove passos. Eu contei.

Eu deitei. Apaguei a luz. Fiquei olhando para o teto, sentindo o latejar do corte na mão e o latejar diferente, mais fundo, da marca no pulso. Fechei os olhos.

E sonhei.

Não lembro de tudo. Lembro de uma casa em Santos, a casa da minha infância, mas a casa estava vazia, e as paredes estavam cobertas de páginas — páginas dos meus livros, coladas umas sobre as outras, do chão ao teto, como papel de parede. E eu andava pelos cômodos procurando a minha mãe e ela não estava em lugar nenhum, e as páginas começavam a se descolar das paredes, uma por uma, e a voar pela janela, e eu tentava segurar e elas escorregava-

vam dos meus dedos, e eu sabia, com aquela certeza dos sonhos, que se a última página voasse, eu ia desaparecer junto.

E então havia alguém na casa. Alguém sem olhos. Farejando.

Acordei gritando.

Não um grito alto. Um grito estrangulado, preso na garganta, que doeu ao sair. Eu me sentei na cama, encharcada de suor, o coração batendo como um martelo, e a primeira coisa que vi foi a silhueta dele na porta.

— Celina.

— Eu tô bem.

— Você não está bem.

— Eu tô... — Minha voz falhou. Eu cobri o rosto com as mãos. — Eu tô bem. Volta pra sala.

Ele não voltou. Mas também não entrou. Ficou parado na porta, uma sombra contra a luz fraca do corredor, e eu sentia o olhar dele sobre mim mesmo sem ver os olhos.

— Você sonhou com o farejador — disse ele.

— Como você sabe?

— Eu senti. — Ele hesitou. — A marca. Quando você sente alguma coisa muito forte, eu sinto também. Medo. Dor. — Uma pausa. — Outras coisas.

Eu tirei as mãos do rosto e olhei para ele.

— Que outras coisas?

Ele não respondeu.

Ficamos em silêncio. Lá fora, a cidade rumorejava. Um helicóptero passou longe. Eu olhei para o relógio na mesinha: três e dezessete da manhã. Pensei em fechar os olhos de novo e ver aquela casa cheia de páginas voando. Pensei na mão cinzenta no meu pescoço.

— Não consigo dormir de novo — falei.

— Eu sei.

— Você pode... — Eu me odiei pelo que ia dizer. Eu me odiei profundamente. — Você pode ficar aqui? Não *aqui* aqui. Só... no quarto. Na poltrona. Sei lá.

Ele olhou ao redor. Meu quarto não tinha poltrona. Tinha a cama, um guarda-roupa, uma estante pequena, uma escrivaninha com uma cadeira dura de madeira e pilhas de livros no chão.

— A cadeira — falei.

Ele entrou. Puxou a cadeira da escrivaninha e a colocou ao lado da cama, a um metro de distância. Sentou-se nela, as costas retas, as mãos sobre os joelhos, como um guarda de palácio.

Eu dei de novo. Fechei os olhos. Fiquei ouvindo a respiração dele — se é que ele respirava; eu nunca tinha certeza. Fiquei sentindo a presença dele no escuro, aquele frio e aquele calor ao mesmo tempo, e percebi que a marca no meu pulso tinha parado de latejar.

— Por que você fez aquilo? — perguntou ele, depois de muito tempo.

— Aquilo o quê?

— O contrato. Eu sei o que você pediu. Mas não sei por quê. Você tinha vinte e um anos e talento. Você podia ter esperado.

Eu fiquei calada por muito tempo. Achei que não ia responder. E então, no escuro, com os olhos fechados e o cheiro de cravo queimado no ar, eu respondi.

Contei da minha mãe. Da Marta Duarte, costureira, que costurava vestidos de noiva para as filhas dos ricos de Santos e criou uma filha sozinha num apartamento de dois cômodos na Ponta da Praia. Que tinha os dedos furados e as costas tortas e uma teimosia de pedra. Que dizia *você vai ser alguém que ninguém vai poder pisar*, e dizia isso porque ela tinha sido pisada a vida inteira — pelos clientes que atrasavam pagamento, pelo meu pai que foi embora antes de eu nascer, pelo dono do apartamento, pelo médico do posto que levou três meses para pedir um exame. Contei do hospital. Da cadeira de plástico. De ler *Maré Baixa* para ela em voz alta. Da promessa da dedicatória.

— Ela morreu numa terça — falei. — E na quarta eu enterrei ela, e na quarta à noite a décima segunda editora recusou o livro dela. O livro *sobre* ela. E tinha uma ordem de despejo na porta. E eu pensei... — A voz falhou de novo. Eu engoli. — Eu pensei: ela passou a vida inteira esperando, e esperar matou ela. Eu não vou esperar.

O silêncio dele foi longo.

— E *Maré Baixa*? — perguntou ele. — Foi publicado?

— Não.

— Por quê?

— Porque depois do contrato, eu não consegui mais escrever nada daquilo. Eu sentei para revisar e as palavras não vinham. O que vinha era Vael. Néssa. Dragões. Fogo. O Otávio leu as primeiras páginas da *Filha da Cinza* e me ligou chorando. Um mês depois eu tinha um contrato de três livros. — Eu ri, baixinho, sem graça nenhuma. — Eu nunca coloquei o nome dela numa dedicatória. Eu coloquei *M. D.* Iniciais. Porque o livro não era pra ela. O livro dela ficou numa gaveta.

— Qual gaveta?

— Eu não sei. Eu perdi. Na mudança, acho. Eu procurei por anos. — Eu me virei de lado, de costas para ele. — Eu perdi o livro da minha mãe e vendi a minha alma e escrevi cinco livros sobre uma menina que queima tudo o que toca. Bonita história, não é? Dava um livro.

Ele não respondeu. Mas depois de um tempo eu ouvi a cadeira ranger, e senti — não um toque, ele não me tocou — senti o peso dele mudar de lugar no escuro, se inclinar para a frente, mais perto.

— Dava — disse ele, muito baixo. — Dava um livro que eu leria.

Eu adormeci assim.



Na noite seguinte, a cadeira não bastou.

Eu acordei às duas, depois às três, depois às quatro, cada vez com o coração disparado e a marca queimando. E cada vez ele estava ali, na cadeira, e cada vez que eu acordava ele dizia meu nome — só o primeiro, *Celina*, nunca mais o inteiro —, e eu voltava a dormir, e a casa de páginas voltava, e o farejador voltava.

Às quatro e meia, eu desisti.

— Isso não tá funcionando.

— Eu percebi.

— Ondina disse alguma coisa nesses livros? Sobre a marca? Sobre pesadelos?

Ele ficou em silêncio por um momento.

— *Breve Tratado das Almas Vendidas*, capítulo nove — disse. — “Do contrato aberto e dos males que acarreta.” Diz que a marca se acalma pelo contato. Que a distância a inflama e a proximidade a apaga. — Ele fez uma pausa. — Diz que os antigos devedores dormiam com a mão sobre a marca do credor.

— Você leu isso ontem.

— Li.

— E não me disse.

— Você disse que não era minha.

Eu fiquei olhando para o teto escuro. Sentindo a marca latejar no meu pulso como um segundo coração. Pensando em todas as cenas que eu já tinha escrito exatamente assim — *a heroína e o vilão forçados a dividir a mesma cama por um motivo mágico absurdo* —, e em quantas vezes eu tinha revirado os olhos ao reler, e em como a Dandara ia rir da minha cara se soubesse.

— Fica do seu lado — falei.

Ele não se mexeu.

— Você ouviu? Fica do seu lado da cama. Por cima do lençol. De roupa. E se você encostar em mim fora do pulso, eu juro que eu...

— Você o quê?

— Eu escrevo você num livro e mato você no primeiro capítulo.

Ouvi o que parecia, inacreditavelmente, uma risada baixa no escuro.

Ele se levantou da cadeira. Deu a volta na cama. Senti o colchão afundar do outro lado, devagar, sob o peso dele. Ele se deitou de costas, por cima do lençol, de roupa, os sapatos ainda nos pés — eu sabia, porque ouvi o couro roçar no tecido —, a um palmo de distância. Ficamos os dois olhando para o teto.

Então eu estendi o braço esquerdo, com o pulso para cima, no espaço entre nós.

Ele demorou. Depois senti os dedos dele — frios, longos — encontrarem a parte de dentro do meu pulso, bem em cima da marca, e pousarem ali. Leves. Sem apertar.

A dor desapareceu. Simplesmente desapareceu, como uma onda que recua.

Ouvi ele soltar o ar devagar, como se a dor nele tivesse ido embora também.

— Celina — disse ele, no escuro.

— Hum.

— O Príncipe Corvo teria ficado na cadeira.

— Eu sei.

— É por isso que ele é um idiota.

E eu dormi, pela primeira vez em três noites, sem sonhar com nada.

CAPÍTULO

8

O Frasco

— A Z A E L —

O EDIFÍCIO COPAN tem mil cento e sessenta apartamentos e cerca de cinco mil moradores. Eu descobri isso na terceira noite, deitado ao lado dela, por cima do lençol, com dois dedos pousados sobre a marca no seu pulso e os olhos abertos no escuro.

Ela dormia de lado, virada para mim. Tinha se virado durante a noite, sem perceber, e agora o rosto dela estava a menos de um palmo do meu ombro, a respiração lenta e quente batendo na manga da minha camisa. Ela tinha uma ruga pequena entre as sobrancelhas mesmo dormindo. A boca estava entreaberta. Uma mecha de cabelo tinha caído sobre a bochecha, e eu passei vinte minutos olhando para aquela mecha, pensando se tirá-la de lá violaria a regra número quatro.

Decidi que violaria. Não tirei.

Em vez disso, comecei a sentir o prédio.

Não é um sentido que eu saiba explicar. É como ouvir, mas sem som; como cheirar, mas sem ar. Uma alma tem uma *pressão*, uma temperatura, e quando você passa tempo suficiente colhendo-as, aprende a senti-las através

das paredes, como um peixe sente a corrente. Eu fiquei deitado no escuro e deixei esse sentido se espalhar pelo edifício, andar por andar, apartamento por apartamento, como água descendo por uma escada.

Cinco mil almas. Cinco mil temperaturas diferentes. Velhos e jovens, insones e adormecidos, um casal brigando no décimo andar, uma criança com febre no vigésimo terceiro, um homem sozinho chorando baixinho no bloco B.

E entre elas, aqui e ali, como faíscas num campo escuro: sal e tinta.

Dezessete. Contei dezessete apartamentos onde havia alguém com uma lasca dela no peito. Dezessete leitores dormindo a poucos metros de onde eu estava, sem saber que a autora dos livros que amavam morava no mesmo edifício. Ou talvez soubessem, e fosse por isso que tinham se mudado para lá.

Fiquei muito tempo pensando nisso.



Na quarta noite, ele apareceu.

Eu estava no terraço. Ela tinha dormido cedo, exausta depois de um dia inteiro tentando escrever — tentando e não conseguindo, sentada diante do computador por horas, digitando e apagando, digitando e apagando, até jogar o notebook no sofá e chorar de raiva no banheiro com o chuveiro ligado para eu não ouvir. Eu ouvi. A marca me dizia tudo.

O terraço do Copan fica a três andares acima do apartamento dela: vinte e poucos passos, se contados em linha reta através do concreto. A marca latejava, mas era suportável. Eu precisava de ar. Ou do que eu chamava de ar.

A cidade, lá de cima, era um mar de luz alaranjada sob um céu sem estrelas. O vento era frio e cheirava a chuva que ainda não tinha caído. Eu fiquei na beira do parapeito, olhando para baixo, e senti a temperatura do ar mudar atrás de mim. Um calor oleoso. Um cheiro de fruta madura demais, de carne começando a passar.

— Que vista — disse Malthus. — Entendo por que você se apegou.

Não me virei.

— Você não foi convidado.

— Eu nunca sou. — Ouvi os passos dele no concreto, pesados, e o barulho de alguma coisa sendo mastigada. Pêssego, pelo cheiro. — Você matou o meu farejador.

— Ele tocou no que não devia.

— Ele era um bom cão. Velho, fiel. Estava comigo desde a febre amarela de 1903. — Malthus parou ao meu lado no parapeito. Usava o mesmo terno de linho branco, agora manchado de suco de pêssego na lapela. — Mas eu entendo. Eu também não gosto que toquem nas minhas coisas.

— Ela não é sua coisa.

— Não. Ela é sua. — Ele sorriu de lado, um sorriso cheio de dentes. — Não é isso que você disse para o meu cão antes de transformá-lo em fuligem? *Ninguém toca no que é meu?* A notícia se espalhou, Cobrador. A Corte inteira está comentando. O frio, o cumpridor, o infalível Azael, protegendo uma devedora como um noivo protege a noiva.

Eu não respondi. Fiquei olhando a cidade.

— Eu vim te fazer um favor — disse Malthus.

— Você nunca fez um favor a ninguém em quatrocentos anos.

— Isso não é verdade. Eu fiz muitos favores. Todos eles cobrados, claro. — Ele terminou o pêssego e jogou o caroço por cima do parapeito. Ouvi ele cair, trinta e cinco andares abaixo, sem barulho nenhum. — Mas este é de graça. Considere uma cortesia entre Casas.

— Diga.

— Você sabe o que ela é para você? Eu não digo a moça. Digo a *alma*. Você sabe que número ela é?

Eu fiquei imóvel.

Malthus riu, baixinho, satisfeito.

— Sabe. Claro que sabe. Você conta. Você sempre contou. — Ele se inclinou para mais perto, e o cheiro de fruta podre ficou insuportável. — Novecentas e noventa e nove almas cobradas pela Sétima Casa desde que você assumiu o posto. E ela é a milésima. A *última*. A que fecha o seu próprio contrato.

O vento parou de soprar.

— Eu li o seu contrato, Azael — disse ele, muito suavemente. — Não fique surpreso. Os arquivos da Corte estão abertos aos senhores das Casas, e eu tenho muito tempo livre. Mil almas e você está livre. O seu nome de volta, a sua liberdade, o fim do serviço. Você pode sair da Corte, pode ser o que era antes. Pode até morrer, se quiser, como um homem decente. — Ele sorriu. — Ela não te contou que é a sua chave, porque ela não sabe. Mas você sabe. E eu me pergunto se você vai lembrar disso daqui a dezenove dias, quando estiver deitado ao lado dela, segurando o pulsinho dela, enquanto a alma dela continua espalhada pela cidade e o seu prazo acaba.

— O que você quer, Malthus?

— Quero que você saiba que eu sei. Só isso. — Ele se afastou do parapeito, limpando os dedos melados num lenço de seda. — E quero que você saiba que existe outra forma de recolher uma alma espalhada. Uma forma mais rápida do que ficar indo de casa em casa pedindo por favor.

— Qual?

— Ah. — Ele sorriu. — Isso não é de graça.

Me virei para ele, finalmente. Ele recuou um passo — só um, quase imperceptível —, e eu senti uma satisfação fria ao ver aquilo.

— Foi você — falei. — A enfermeira. Os leitores no hospital. Você está colhendo há semanas.

— Eu? — Malthus pôs a mão no peito, ofendido. — Eu sou um senhor da Corte, Cobrador. Senhores não colhem almas que não lhes pertencem. É contra a lei. — Ele inclinou a cabeça. — Mas se alguém estivesse colhendo, e se esse alguém entregasse a alma inteira à Corte antes de você, quem você acha que a Senhora consideraria o melhor senhor para a Sétima Casa?

E então ele desapareceu. Não como fumaça, como eu. Como gordura derretendo numa frigideira: ele simplesmente escorreu para dentro do concreto e deixou para trás uma mancha engordurada e o cheiro de pêssego podre.

Fiquei sozinho no terraço, com o vento voltando a soprar e a cidade brilhando lá embaixo.

Mil almas e você está livre.



Eu não menti para ela. Isso é importante. Eu quero que fique claro, pelo menos para mim mesmo: eu nunca disse nada a ela que não fosse verdade.

Eu só não disse tudo.

O meu contrato foi firmado em 1889, numa noite de que não me lembro, por um homem que não sei quem era. O que eu sei é o que está escrito nele, porque é a única coisa daquele tempo que me foi permitido guardar: o serviço à Sétima Casa da Corte de Brasa, na função de Cobrador, até que mil almas devidas fossem colhidas e entregues. Ao fim, a quitação. O nome devolvido. A liberdade.

Cento e trinta e cinco anos. Novecentas e noventa e nove almas.

E quando a Senhora me entregou o contrato de Celina Duarte, sete anos atrás, para que eu fosse àquele cemitério na noite de Finados, eu soube que ela seria a milésima. Eu soube antes mesmo de vê-la. Eu senti naquele túmulo e esperei uma menina chorando com uma vela de farmácia, e pensei: *é você. Você é o fim.*

E então ela leu.

Eu não contei isso a ninguém. Não contaria nem sob tortura. Mas antes de ela cortar o dedo, antes da gota de sangue, antes do contrato, ela leu em voz alta, de cabeça, a primeira página de um livro que ninguém tinha querido. *Minha mãe costurava vestidos de noiva com a boca cheia de alfinetes, e por isso, durante toda a minha infância, achei que o amor era uma coisa que se dizia sem abrir os lábios.* E eu, que estava ali havia vinte minutos esperando o momento certo de aparecer, fiquei imóvel atrás do túmulo, ouvindo, até que ela terminou.

Foi a primeira vez em mais de um século que eu desejei alguma coisa para mim.

Não sei o que era. Não era a alma dela. Era a voz. Era aquela frase. Era a vontade absurda, impossível, de que ela continuasse lendo.

Mas ela parou de ler, e cortou o dedo, e eu apareci, e fiz o meu trabalho.



Desci do terraço às três da manhã.

Não para o apartamento dela. Para o vigésimo nono andar, bloco C. Doze passos de distância em linha reta. A marca latejou e se aquietou.

O apartamento era pequeno. Uma quitinete. Morava ali um homem de trinta e um anos chamado Rodrigo, garçom num bar da Bela Vista, que tinha voltado do trabalho às duas e dormido de roupa no sofá. Na estante — uma estante de tijolos e tábuas, de estudante — havia os cinco livros dos *Filhos da Cinza*, gastos, as lombadas rachadas de tanto serem abertos. No braço do sofá, aberto e virado para baixo, estava *A Rainha Queimada*. Ele tinha dormido lendo.

Eu fiquei de pé ao lado dele, no escuro, e senti a lasca.

Era pequena. Uma faísca. Morava logo abaixo do esterno, perto do coração, e brilhava a cada respiração dele como uma brasa soprada. Sal e tinta. Eu conhecia aquele gosto melhor do que o meu próprio nome.

Uma lasca de alma albeia, tomada à força, não sai limpa, tinha dito Ondina. *Ela leva junto um pedaço do hospedeiro*.

Mas Ondina não sabia tudo. Há maneiras de colher que os farejadores não conhecem, que exigem paciência e precisão, e eu tinha cento e trinta e cinco anos de prática. Se a lasca fosse pequena o bastante, e se eu a tirasse durante o sono, no ponto exato em que ela se solta um pouco do resto — o momento em que um sonho termina e outro ainda não começou —, ela sairia quase limpa. O homem não cairia no sono sem sonhos. Ele acordaria. Ele iria trabalhar. Ele viveria.

Só que, da próxima vez que abrisse aquele livro, não sentiria nada.

Eu me ajoelhei ao lado do sofá. Estendi a mão sobre o peito dele, sem tocar. Esperei. A respiração dele era lenta, regular. Debaixo das pálpebras, os olhos se mexiam: ele estava sonhando. Eu esperei o sonho acabar.

Quando acabou, eu puxei.

Foi rápido. Foi como tirar um espinho. A faísca saiu do peito dele e veio para a minha mão, quente, pulsando, do tamanho de uma lágrima. O homem suspirou no sono, se mexeu, virou para o outro lado. Continuou respirando.

Continuou dormindo. Na manhã seguinte, iria acordar com uma vaga sensação de ter perdido alguma coisa, como quem esquece um sonho bom.

Eu fiquei olhando a faísca na palma da minha mão. Era dela. Era um pedaço dela. Sal e tinta e mar.

Tirei do bolso interno do paletó um frasco pequeno — vidro escuro, rolha de cortiça, do tipo que os boticários usavam no tempo em que eu ainda tinha um nome. Eu o carregava havia mais de um século; usava para guardar amostras, contratos em miniatura, coisas pequenas que a Corte precisava ver. Abri a rolha. Deixei a faísca cair lá dentro.

Ela brilhou contra o vidro, fraca, como um vaga-lume preso.

Fechei a rolha.

Fiquei ajoelhado no chão daquela quitinete por muito tempo. Olhando o frasco. Olhando o homem que dormia. Olhando a capa de *A Rainha Queimada*, virada para baixo sobre o braço do sofá, a mulher de costas com a coroa de chamas na cabeça.

Dezessete, pensei. Dezessete aqui no prédio. Milhões lá fora. Dezenove dias. Mil almas e você está livre.

Não havia nada de errado no que eu estava fazendo. Eu dizia isso para mim mesmo enquanto subia de volta para o trigésimo segundo andar, atravessando o concreto como fumaça. A alma era devida. A alma era da Corte. Eu era o Cobrador, e colher era o meu trabalho. E se eu conseguisse recolher o suficiente, uma lasca por noite, dez por noite, cem — sem deixar ninguém no sono sem sonhos, sem machucar ninguém, só tirando aquilo que nunca tinha pertencido a eles —, então talvez, quem sabe, eu pudesse devolver alguma coisa a ela antes da lua nova. Talvez ela voltasse a sentir o gosto do café. Talvez as cores voltassem.

Talvez ela conseguisse escrever de novo.

E talvez, no fim, eu conseguisse entregar a Corte o que era devido e sair livre.

As duas coisas não cabiam no mesmo frasco. Eu sabia disso. Eu sabia desde o começo.

Entrei no quarto dela. Ela continuava dormindo, de lado, virada para o lugar onde eu deveria estar, com o braço esquerdo estendido sobre o lençol e o pulso para cima, esperando. A marca brilhava fraca na escuridão.

Guardei o frasco no bolso interno do paletó, do lado esquerdo. Do lado do coração, se eu tivesse um.

Deitei ao lado dela, por cima do lençol, de roupa.

E pousei os dedos sobre o pulso dela, e a dor foi embora, e ela suspirou no sono e disse alguma coisa que eu não entendi. Eu fiquei acordado até o amanhecer, olhando para o teto, sentindo o peso do frasco contra o peito, tão pequeno e tão quente, como uma segunda marca que ninguém mais podia ver.

CAPÍTULO

9

A Caneta

— CELINA —

A EDITORA LUME ocupava os três últimos andares de um prédio art déco na Rua Barão de Itapetininga, a poucas quadras do Theatro Municipal. Eu conhecia aquele prédio de cor. Conhecia o elevador de grade sanfonada que rangia no quarto andar, o cheiro de cera do piso de taco, a recepcionista, Dona Cida, que me chamava de *minha estrela* desde o primeiro livro. Conhecia a sala do Otávio, no último andar, com a janela que dava para os telhados do Centro e a estante de originais encadernados em couro, um para cada livro que ele tinha editado em trinta anos de carreira.

Os cinco meus estavam lá. Eu sabia exatamente em que prateleira.

— Você vai ter que esperar no saguão — falei, no elevador.

— O saguão fica a quanto da sala dele?

— Sei lá. Uns vinte passos?

— Vinte e quatro — disse ele, depois de um segundo, como se tivesse medido o prédio de cima a baixo sem se mexer. — Tolerável.

— Você não vai entrar. Você não vai falar com ninguém. Você vai sentar no sofá de couro do saguão, pegar uma revista e fingir que é um consultor esperando a cliente.

— Eu *sou* um consultor esperando a cliente.

— Você é um demônio de terno que transformou um monstro em cinza com uma mão só.

— Ninguém aqui sabe disso.

— A Dona Cida vai saber. Ela sabe tudo.

Ele me olhou de lado, com aquela sombra de sorriso no canto da boca que ele estava fazendo cada vez com mais frequência e que eu odiava cada vez mais, por razões que eu me recusava a examinar.

As portas do elevador se abriram.



— Minha estrela! — disse Dona Cida, levantando-se da mesa da recepção com os braços abertos. Ela tinha uns sessenta anos, cabelo pintado de acaju e uma coleção infinita de cardigãs com botões de pérola. Me abraçou com força. Depois olhou por cima do meu ombro e parou.

Ele estava parado atrás de mim, as mãos nos bolsos, olhando para ela com uma cortesia perfeita e gelada.

— Boa tarde — disse.

Dona Cida não respondeu. Ela ficou olhando para ele por um longo segundo, e eu vi a mão dela subir, sem querer, até o crucifixo de ouro que usava no pescoço, e apertar.

— Esse é o... meu consultor — falei. — Ele vai esperar aqui.

— Claro — disse Dona Cida, numa voz estranhamente fina. — Claro, querida. Fique à vontade, moço. Tem café na garrafa térmica.

— Obrigado.

Ele sentou-se no sofá de couro, cruzou as pernas, pegou uma revista de arquitetura da mesinha de centro e abriu numa página qualquer. Parecia um anúncio de relógio suíço. Dona Cida continuou olhando para ele, apertando o crucifixo, até que eu toquei o braço dela.

— O Otávio tá me esperando?

— Tá, querida, tá sim. — Ela piscou, como se acordasse. — Pode subir. Ele tá animadíssimo. Faz semanas que ele não fala de outra coisa.



Otávio me recebeu de pé, com as mãos estendidas.

— Celina, minha menina. — Ele segurou minhas mãos entre as dele e me beijou nas duas faces, como sempre fazia, à moda francesa. As mãos dele eram secas e mornas. O anel de prata no dedo mínimo estava frio. — Você está abatida. Está dormindo?

— Mais ou menos.

— Está escrevendo?

— Menos ainda.

— Ah. — Ele me soltou e foi até a janela, as mãos cruzadas nas costas. — O livro seis. Eu sei. Eu sei que você está cansada. Cinco livros em sete anos é um ritmo desumano. Ninguém te culpa. Ninguém vai te pressionar. — Ele se virou. — Mas eu tenho uma coisa que vai te animar.

Ele foi até a mesa e tirou de uma gaveta uma caixa grande, de papelão preto, com uma pena dourada gravada na tampa. Abriu.

Dentro havia um box. Cinco livros em capa dura, encadernados em tecido preto com letras douradas, cada um com uma fita marcadora vermelha. As bordas das páginas eram pintadas de vermelho-sangue. Os títulos brilhavam na lombada: *A Filha da Cinza*. *O Príncipe Corvo*. *A Torre Partida*. *O Inverno de Vael*. *A Rainha Queimada*.

— Edição de colecionador — disse Otávio, e a voz dele tremeu levemente de emoção. — Dez mil exemplares numerados. Ilustrações inéditas. Mapa de Vael em papel vegetal. Uma carta sua, manuscrita, reproduzida em fac-símile. E o mais importante... — Ele abriu o primeiro volume. Na primeira página, depois da guarda, havia uma folha de papel mais grosso, cor de marfim, com uma moldura de chamusca gravada em relevo e um espaço em branco no centro. — Uma folha de rosto autografada em cada um. Dez mil autógrafos. À mão.

Eu fiquei olhando para aquela folha em branco.

— Dez mil — repeti.

— Eu sei. É muito. Mas temos três semanas. Você assina mil por dia e ainda descansa no fim de semana. — Ele sorriu. — E o lançamento, Celina. Você não vai acreditar. O Theatro Municipal. Dia vinte e três. Uma noite inteira. Uma leitura sua, no palco, à meia-noite. Os leitores vão receber os boxes na entrada e abrir todos juntos, ao mesmo tempo, quando o relógio bater doze horas. Já esgotou. Os ingressos esgotaram em quarenta minutos.

Dia vinte e três.

O sangue desceu do meu rosto. Eu senti, através do chão, através de cinco andares de concreto e taco, a marca no meu pulso dar um solavanco, como se alguém tivesse puxado o fio do outro lado.

— Dia vinte e três de novembro? — perguntei. Minha voz saiu estranha.

— Lua nova — disse Otávio, alegre. — Achei poético. A Rainha Queimada renasce na noite mais escura do mês. O marketing adorou.

— Você escolheu a data por causa da lua.

— Eu escolhi a data porque é bonita. — Ele inclinou a cabeça, com aquele olhar paternal por cima dos óculos. — Por quê? Tem algum compromisso?

Eu olhei para ele. Olhei de verdade, talvez pela primeira vez em sete anos. O blazer de veludo cor de vinho. Os óculos de aro dourado. O sorriso bonito, generoso, que eu tinha amado quando não tinha mais ninguém para amar. E pensei, sem querer, numa padaria perto daquele prédio, num café com açúcar, numa voz dizendo *vou te contar uma história, uma bobagem, uma lenda de editora velha*.

— Não — falei. — Nenhum compromisso.

— Ótimo! — Ele bateu palmas, uma vez. — Então vamos começar. Eu sei que você odeia canetas esferográficas. Por isso, para essa edição, eu mandei buscar uma coisa especial.

Ele voltou à gaveta e tirou um estojo de madeira escura, comprido, com fecho de latão. Abriu-o diante de mim como quem abre um porta-joias.

Dentro, sobre veludo vermelho, havia uma caneta-tinteiro. Era antiga — muito antiga —, de corpo preto e laqueado, com detalhes em ouro velho e uma pena de ouro gravada com arabescos tão finos que pareciam renda. Havia uma inscrição no corpo, quase apagada pelo tempo. Eu me inclinei

para ler e não consegui; as letras pareciam se mexer, como peixes num aquário.

Senti um frio no estômago.

— É linda — falei.

— Pertenceu a um escritor — disse Otávio, tirando-a do estojo com reverência. — Um grande escritor. Não posso dizer quem; foi uma condição do colecionador que me vendeu. Mas dizem que ele escreveu a obra-prima dele com ela. — Ele a estendeu para mim. — Considere um presente. Pelos seus sete anos de casa.

Eu não peguei.

— Otávio...

— Pegue, menina. Ela foi feita para a sua mão.

Eu peguei.

Era pesada, mais pesada do que devia ser, e quente. Quente como uma coisa viva. Senti-a se acomodar entre os meus dedos como se tivesse sido moldada para eles. E senti também outra coisa — muito leve, quase imperceptível —, uma espécie de sucção, como a de uma boca minúscula na ponta dos meus dedos.

— Vamos testar — disse Otávio, e empurrou uma pilha de folhas de rosto cor de marfim para a minha frente. — Só umas vinte, hoje. Para você pegar o jeito.

Eu destampeei a caneta. A tinta da pena era de um vermelho tão escuro que parecia preto.

Assinei a primeira.

Celina Duarte. A tinta deslizou pelo papel grosso com uma suavidade perfeita, quase líquida demais, e quando eu ergui a pena do papel, senti. A mesma coisa que eu tinha sentido no lançamento, autografando para Luíza com zê. A mesma coisa que eu tinha sentido em centenas de lançamentos, ao longo de sete anos, sem saber o que era. Um calor saindo de mim junto com a tinta. Uma lasca. Uma vela assoprada.

Só que mais forte. Muito mais forte.

Eu olhei para a assinatura. Ela brilhou, por um instante, num vermelho vivo, e depois secou e ficou marrom-escuro, como sangue velho.

— Perfeito — disse Otávio, suavemente, atrás de mim. — Mais uma.
Eu assinei mais uma.

E mais uma. E mais uma. Eu não sei bem por que continuei. Era como se a caneta quisesse; como se minha mão tivesse vontade própria. A cada assinatura, eu sentia aquela pequena sucção, aquela pequena perda, e cada vez ela parecia mais natural, mais certa, como respirar para fora sem nunca respirar para dentro. Na décima segunda, minha visão escureceu nas bordas. Na décima quinta, eu percebi que a sala tinha perdido as cores: o blazer vinho de Otávio estava cinza, a estante de couro estava cinza, a luz da janela estava cinza.

Na décima sétima, a porta da sala se abriu com um estrondo.



Ele estava parado na soleira.

Eu não sei como ele tinha subido. Não ouvi o elevador, não ouvi passos. Ele simplesmente estava ali, com a mão ainda espalmada na porta que tinha aberto, e os olhos — os olhos dele não estavam brasa. Estavam fogo.

— Solte a caneta — disse ele.

Otávio se virou, devagar. Eu vi o rosto dele, e não havia surpresa nele. Havia uma coisa estranha, muito controlada, como alguém que estava esperando um convidado e finalmente ouve a campainha.

— Celina — disse Otávio, sem tirar os olhos dele. — Quem é esse homem?

— Solte a caneta, Celina — repetiu ele, ignorando Otávio completamente.

Eu olhei para a minha mão. Os dedos estavam fechados ao redor do corpo preto e dourado com tanta força que os nós estavam brancos. Eu tentei abrir. Não consegui. A caneta estava quente, quase pulsando, e eu sentia aquela boca minúscula sugando, sugando, mesmo sem tocar o papel.

— Eu não... — Minha voz saiu fraca. — Eu não consigo.

Ele atravessou a sala em dois passos. Não olhou para Otávio. Ajoelhou-se ao lado da minha cadeira, e não pediu permissão — não havia tempo para isso — e fechou a mão dele sobre a minha, sobre a caneta.

Houve um som. Como gordura numa frigideira. Um cheiro de queimado.

Os dedos dele forçaram os meus a se abrirem, um por um. A caneta caiu sobre a mesa e rolou até a pilha de folhas assinadas, deixando um rastro de gotas escuras.

E as cores voltaram. Não todas; o mundo ainda estava pálido, desbotado, como uma fotografia deixada ao sol. Mas o blazer de Otávio voltou a ser vinho, e a luz da janela voltou a ser dourada, e eu consegui respirar.

Ele ainda segurava minha mão. Eu olhei para a dele: a palma estava queimada. Uma marca vermelha e brilhante, em forma de caneta, atravessava a pele pálida de lado a lado.

— Você se queimou — sussurrei.

— Não importa.

Ele se levantou. E então, pela primeira vez, se virou para Otávio.

Os dois se encararam por cima da mesa. O editor grisalho, de blazer de veludo e óculos dourados, e o demônio de terno cinza com a mão queimada. Por um momento, ninguém se mexeu. O silêncio era tão completo que eu ouvia o tique-taque do relógio de parede.

— Senhor Prates — disse ele, por fim, numa voz que era quase cortês.

— Senhor...?

— Consultor.

— Consultor. — Otávio sorriu. Ajeitou os óculos. — A Celina não me disse que tinha contratado um consultor.

— Ela não contratou. — Ele pegou a caneta de cima da mesa, com a mão queimada, e não pareceu sentir dor nenhuma. Ergueu-a contra a luz. A tinta vermelha-escura brilhou dentro do corpo laqueado. — Onde o senhor conseguiu isto?

— Com um colecionador.

— Que colecionador?

— Um colecionador discreto. — O sorriso de Otávio não se alterou. — É um presente para a minha autora. Não vejo por que isso seria da conta de um *consultor*.

Ele ficou olhando para Otávio por muito tempo. Eu vi, ou achei ter visto, uma coisa passar entre os dois — um reconhecimento, uma medição, como dois cães que se cheiram antes de decidir se vão brigar.

Então ele pôs a caneta de volta no estojo de veludo vermelho. Fechou a tampa. E enfiou o estojo no bolso do paletó.

— Ela vai assinar as suas folhas — disse ele. — Mas não com isto.

— Isso não é uma decisão sua.

— Não. — Ele se virou para mim e estendeu a mão boa. — É dela. Celina?

Eu olhei para Otávio. Para o homem que tinha me dado tudo. Que tinha me chamado de *menina* durante sete anos. Que tinha escolhido a lua nova porque era *poética*.

E vi que ele estava olhando, não para mim, nem para o demônio ao meu lado, mas para as dezessete folhas de rosto que eu tinha assinado. Elas estavam empilhadas sobre a mesa, e as assinaturas brilhavam, muito fracas, num vermelho que pulsava como um coração.

Ele olhava para elas como um homem olha para um prato de comida depois de três dias de fome.

Peguei a mão do demônio.

— Eu estou cansada, Otávio — falei, me levantando. As pernas tremiam. — Na semana que vem a gente conversa. Eu assino as folhas. Com a minha caneta.

— Claro, menina — disse Otávio, e o sorriso dele voltou, generoso, paternal, perfeito. — Claro. Descanse. Você sabe que eu só quero o melhor para você.



No elevador, nenhum de nós falou.

Quando as portas se fecharam e a grade sanfonada rangeu no quarto andar, eu segurei a mão dele — a queimada — e a virei para cima. A marca da caneta tinha começado a escurecer, como carne passada no ferro.

— Você não sente dor? — perguntei.

— Sinto.

— Então por que fez isso?

Ele não respondeu. Ficou olhando para a minha mão, segurando a dele.

— Você sabia — falei. — Lá do saguão. Você sabia o que estava acontecendo.

— Eu senti você esfriar. — A voz dele estava baixa, áspera. — Vinte e quatro passos de distância e eu senti você esfriando como se alguém tivesse aberto uma janela no inverno. Cada assinatura era uma lasca. Você estava se dando para aquela caneta, Celina. E aquela caneta não é de nenhum colecionador.

— De quem é?

O elevador chegou ao térreo. A grade se abriu. Ele não saiu.

— Eu não sei ainda — disse ele. — Mas a tinta tem cheiro de pêssego podre.

CAPÍTULO

10

Página em Branco

— CELINA —

O CURSOR PISCAVA.

Eu estava sentada diante do notebook havia três horas. Na tela, um documento em branco com um título que eu tinha digitado às nove da manhã, com uma esperança que agora parecia patética: *OS FILHOS DA CINZA — LIVRO 6 — CAPÍTULO 1*.

Embaixo, nada.

Não por falta de tentativa. Eu tinha escrito umas quarenta primeiras frases e apagado todas. *No sexto inverno depois da queda da Torre, Néssa...* Apagar. *A coroa pesava...* Apagar. *Ninguém em Vael lembrava...* Apagar, apagar, apagar. As palavras saíam de mim como água de uma torneira quebrada — mornas, sem cor, sem gosto. Eram frases corretas. Eram frases que qualquer pessoa poderia ter escrito. E eu sabia, com uma certeza que me apertava a garganta, que se eu tocasse aquela tela ela estaria fria.

Eu tinha escrito todos os dias durante sete anos. Nos dias bons e nos dias ruins, com febre, com ressaca, no aeroporto, no banheiro de hotel em turnê. Escrever era a única coisa que eu sabia fazer sem pensar. Era respirar.

E agora eu não conseguia respirar.

— Você não come há dois dias — disse ele, da poltrona.

— Não tem gosto.

— Não importa. Seu corpo ainda precisa.

— Meu corpo — falei, sem tirar os olhos da tela — é uma casca em construção. Você mesmo disse.

Ele não respondeu. Eu ouvi as páginas do livro que ele estava lendo — um dos tratados de Ondina, *Das Obrigações e dos Pactos* — virando com uma regularidade irritante. Ele lia muito. Ele lia o tempo todo. Desde o dia na Editora Lume, ele quase não tinha parado: lia os tratados, relia meus livros, fazia anotações num caderninho de capa de couro com aquela letra inclinada de outro século. Às vezes eu o pegava olhando para mim por cima do livro, com uma expressão que eu não sabia nomear.

A mão queimada dele estava enfaixada. Eu tinha feito o curativo, na noite de sexta-feira, em silêncio, enquanto ele me olhava. A queimadura não estava cicatrizando. Estava escurecendo, cada dia um pouco mais, como se a tinta da caneta tivesse entrado na pele dele.

— Celina.

— Que é.

— Você precisa sair desse apartamento.

— Não preciso não.

— Faz quatro dias que você não sai. Faz quatro dias que você não fala com a sua amiga. Faz quatro dias que você está sentada aí, olhando para uma tela vazia, ficando mais fria a cada hora. Eu sinto. — Ele fechou o livro. — Você está desistindo.

— Eu não estou desistindo.

— Está. Está fazendo exatamente o que os tratados dizem que os devedores fazem quando a alma começa a sair. Primeiro os sentidos. Depois a vontade.

Eu me virei na cadeira.

— Você sabe o que eu queria? — falei, e minha voz saiu mais alta do que eu esperava. — Eu queria que você calasse a boca. Só isso. Que você parasse de narrar a minha morte como se fosse um documentário da National Geograp-

hic. *Primeiro os sentidos. Depois a vontade. Observe como a fêmea humana para de comer.*

— Eu não estou narrando sua morte.

— Está sim! É só o que você faz! Você fica aí sentado nessa poltrona, lendo os seus livrinhos de demônio, me olhando como se eu fosse um inseto num vidro, contando os dias! — Eu me levantei. — Dezesete. Dezesete dias, não é? Você sabe exatamente. Você conta tudo. Você contou as noites, os passos, os leitores. Você sabe exatamente quanto tempo falta pra eu virar uma casca e pra você virar... sei lá o quê.

Ele se levantou também. Devagar.

— Você acha que eu quero isso?

— Eu acho que você não quer nada! Eu acho que você é uma coisa que não quer nada, que não sente nada, que veio buscar uma dívida e ficou preso aqui comigo porque não tem escolha, e eu acho que no fundo você só está esperando a hora de...

— *Eu não estou esperando nada.*

A voz dele ecoou no apartamento. As janelas vibraram. A luz do abajur piscou.

Eu me calei. Ele também. Ficamos parados a três metros de distância, ofegando — eu ofegando; ele, eu não sabia —, e a marca no meu pulso queimava como se eu tivesse encostado numa panela.

— Você quer saber o que eu sinto? — disse ele, baixo. Muito baixo. — Eu sinto você. O tempo todo. Cada vez que você tem medo. Cada vez que você chora no banho achando que eu não ouço. Cada vez que você olha para essa tela e uma parte sua morre um pouco mais. Eu sinto como se fosse comigo, porque, por causa dessa maldita marca, *é* comigo. E não existe nada, em cento e trinta e cinco anos de existência, que eu tenha detestado mais do que sentir você desistir.

— Então para de sentir.

— Eu não consigo.

— Tenta mais.

— Você acha que eu não tentei? — Ele deu um passo na minha direção.

— Você acha que eu queria isso? Eu tinha *uma* tarefa. Uma. Vir até aqui,

colher a sua alma e ir embora. E agora estou dormindo na sua cama, comendo pastel de palmito com a sua amiga, lendo os seus livros às quatro da manhã e me queimando por uma caneta que eu deveria ter deixado você usar até o fim. Isso teria resolvido o meu problema, não teria? Teria sido mais fácil. Eu deveria ter deixado você se esvaziar naquela mesa.

— Por que não deixou?

Ele não respondeu.

— *Por que não deixou?*

— Porque você é minha — disse ele.

Eu dei um tapa nele.

Não pensei. Minha mão subiu e estalou no rosto dele com um barulho seco que encheu a sala. Eu senti o impacto na palma, no pulso, no ombro. A cabeça dele virou para o lado, só um pouco. Ele não levou a mão ao rosto.

Silêncio.

Ele virou o rosto de volta, devagar, e me olhou. E não havia raiva nos olhos dele. Havia uma coisa muito pior: havia fome. Uma fome tão nua e tão antiga que me fez dar um passo para trás.

Minhas costas bateram na estante.

Ele não me tocou. Ele pôs as duas mãos na estante, uma de cada lado da minha cabeça, os antebraços encostando nos livros, e se inclinou, e eu fiquei presa ali, entre a madeira e o corpo dele, sem encostar em nada, sentindo o calor dele a dois dedos da minha pele. O cheiro de fumaça e cravo. A respiração dele no meu rosto — e ele respirava, sim, agora eu tinha certeza; respirava rápido e raso, como eu.

— Eu não sou sua — falei. A voz saiu como um sopro.

— Você disse isso antes.

— E vou dizer de novo.

— Diga. — Ele baixou o rosto até quase encostar no meu. Os olhos dele estavam tão perto que eu via as chamas se movendo lá dentro, lentas, como algas num rio. — Diga de novo, Celina. Me olhe nos olhos e diga.

Eu abri a boca.

Não saiu nada.

A boca dele estava a um centímetro da minha. Eu sentia o hálito dele nos meus lábios, quente, e sentia a marca no meu pulso pulsar no ritmo do meu coração, e sentia o meu corpo inteiro inclinar-se para a frente, só um pouco, só o suficiente, como uma planta procurando luz...

O celular tocou.

Nós dois congelamos.

Ele fechou os olhos. Ficou um segundo assim, imóvel, a testa quase encostada na minha, e eu ouvi ele soltar o ar num suspiro longo e trêmulo. Depois tirou as mãos da estante e deu um passo para trás.

O celular continuou tocando sobre a mesa. Eu passei por ele sem olhar, com as pernas bambas, e atendi.

— Dan.

— Celina. — A voz da Dandara estava estranha. Rouca, como se ela estivesse chorando. — Celina, você tá em casa?

— Tô. O que foi?

— É a Bia. A Bia Mendes. Do canal *Bia Lê Tudo*, lembra? A que foi no seu lançamento de outubro em Pinheiros, que fez aquele vídeo com a tatuagem da Íris?

— Lembro. O que aconteceu?

— Ela tá no hospital. Faz cinco dias. Ela... ela dormiu, Celina. Ela foi dormir na terça e não acordou mais. Os médicos não sabem o que é. Não é coma, eles dizem, os exames são todos normais, ela só... dorme. E não sonha. Eles fizeram não-sei-que exame de ondas cerebrais e disse que ela não tá sonhando. — A voz da Dandara falhou. — E tem mais gente. Tem mais gente no mesmo andar, com a mesma coisa. A mãe da Bia disse que tem uns dez.

Eu me virei. Ele estava parado no meio da sala, olhando para mim, e eu soube, pela expressão no rosto dele, que ele tinha ouvido tudo.

— Que hospital? — perguntei.



O Hospital das Clínicas fica na Avenida Doutor Enéas Carvalho de Aguiar, um labirinto de prédios cinzentos e corredores compridos onde o cheiro de desinfetante não consegue esconder o cheiro de gente doente. Dandara estava

esperando na entrada do Instituto Central, de moletom e chinelo, sem os óculos verdes — com os óculos reserva, pretos, que ela odiava. Os olhos estavam vermelhos. Quando me viu, me abraçou com tanta força que doeu.

Quando viu quem estava atrás de mim, não disse nada. Só ergueu uma sobancelha.

— Ele me trouxe — falei.

— Claro que trouxe.

O andar ficava no nono. Uma ala de neurologia, com uma placa na porta dupla que dizia *ACESSO RESTRITO*. A mãe da Bia — uma mulher pequena, de cabelo curto e grisalho, com uma camiseta da filha que dizia *LEIA MAIS LIVROS* — estava sentada numa cadeira de plástico no corredor, segurando um copo de café que não bebia. Quando me viu, os olhos dela se encheram de lágrimas.

— Ela ia ficar tão feliz — disse ela. — Ela ia ficar tão feliz de você ter vindo.

Eu entrei no quarto.

A Bia era uma garota de vinte e três anos, cabelo cacheado pintado de rosa, piercing no nariz. Eu me lembrava dela: tinha me feito chorar no lançamento de outubro, mostrando a tatuagem de Íris no ombro e contando que tinha começado a ler meus livros num momento em que não queria mais viver. Agora ela estava deitada numa cama de hospital, ligada a uma série de máquinas que piscavam com uma regularidade tranquila, e parecia dormir. Só dormir. A respiração lenta, o rosto calmo.

Mas não havia nada debaixo das pálpebras. Nenhum movimento. Nenhum sonho.

Ele parou ao lado da cama. Olhou para ela por muito tempo. Depois estendeu a mão — a mão boa — sobre o peito dela, sem tocar.

— Nada — disse, baixinho. — Nenhuma lasca. Ela foi esvaziada.

— Como? — sussurrei.

Ele não respondeu. Olhou ao redor do quarto. Sobre a mesinha de cabeceira, a mãe da Bia tinha colocado algumas coisas da filha: um celular, uma escova de cabelo, um porta-retratos. E um livro. *A Rainha Queimada*, edição de pré-venda, com uma capa diferente da que tinha chegado às livrarias.

Ele pegou o livro. Abriu na primeira página.

Havia um autógrafo. O meu autógrafo. *Para Bia, que me lê com o coração. A cinza também é fogo. Celina Duarte.* A tinta era vermelho-escura, quase preta, e tinha secado num tom marrom de sangue velho.

Ele encostou o polegar na assinatura. Depois o retirou e cheirou.

— Pêssego — disse.

Eu senti o chão sair debaixo dos meus pés.

— Dandara — falei, sem me virar. — O lançamento de outubro. Em Pinheiros. Quem levou as canetas?

Dandara piscou, confusa.

— As canetas? A editora, ué. A Lume sempre leva. Você sabe disso. O Otávio é maníaco com caneta. Ele diz que autógrafo de autora da Lume tem que ser com tinta da Lume. — Ela franziu a testa. — Por quê?

Eu não respondi. Eu estava pensando em sete anos de lançamentos. Em centenas de eventos. Em dezenas de milhares de autógrafos. Em todas as vezes em que eu tinha sentido aquela pequena perda na ponta dos dedos, aquele calor que saía de mim com a tinta, e tinha pensado que era cansaço. Que era o que todo escritor sentia.

E nas canetas. Sempre as mesmas canetas. Pretas, elegantes, com a pena dourada da Lume gravada na lateral. Que Otávio me entregava na mesa de autógrafos com um sorriso e recolhia no fim do evento com outro.

— Quantos? — perguntei, e minha voz não parecia minha. — Quantas pessoas no andar?

— Onze — disse a mãe da Bia, da porta. — Onze, com a minha filha. Os médicos disseram que estão vindo mais de outros hospitais.

Onze. Onze leitores. Onze pessoas que tinham ficado numa fila, às vezes por horas, para me ver. Que tinham chorado quando chegaram à mesa. Que tinham me mostrado tatuagens e me contado como meus livros tinham salvado a vida delas.

E eu tinha assinado os livros delas com uma caneta que as esvaziou.

Eu saí do quarto. Atravessei o corredor. Não sei para onde estava indo; só sabia que precisava sair, que precisava respirar, que precisava de ar. Ouvi a Dandara me chamar. Ouvi passos atrás de mim. Entrei numa escada de incên-

dio, desci dois lances e me sentei no degrau, no escuro, com as costas contra a parede fria de concreto.

Ele se sentou ao meu lado. Não disse nada.

— Fui eu — falei.

— Não.

— Fui eu. Foi a minha mão. Foi o meu nome.

— Foi a tinta. — Ele falou devagar, com cuidado, como quem fala com um animal ferido. — Alguém pôs na sua mão uma coisa que transformava cada autógrafa num canal. Cada vez que você assinava, um pedaço de você ia para o livro, e o livro ficava ligado àquela tinta. E quando a pessoa lia, quando abria o livro e encostava naquela página... o canal se abria nos dois sentidos. — Ele hesitou. — Alguém estava puxando pelo outro lado.

— Otávio.

— Ou quem está por trás dele.

Eu cobri o rosto com as mãos.

— Ela me disse que meus livros salvaram a vida dela — falei, entre os dedos. — Ela me disse que leu o capítulo da Íris na noite em que ia se matar e que decidiu não se matar. E eu fiz isso com ela. Eu enfiei a mão no peito dela e...

— *Você* não fez nada.

— Então por que eu me sinto assim?

Ele ficou em silêncio. Depois, muito devagar, como se estivesse pedindo licença com o corpo inteiro, ele estendeu o braço e passou-o pelos meus ombros.

Eu não me afastei.

Encostei a cabeça no ombro dele. O paletó cinza cheirava a fumaça e a hospital. E eu chorei — chorei de verdade, pela primeira vez desde a meia-noite de Finados, com soluços que doíam no peito vazio, e ele ficou ali, imóvel, me segurando, sem dizer nada, numa escada de incêndio do Hospital das Clínicas.

Quando finalmente consegui parar, ergui o rosto.

— Eu vou consertar isso — falei.

— Eu sei.

— Eu vou acordar a Bia. E os outros. E vou descobrir quem fez isso. E vou fazer ele pagar.

Ele me olhou. A brasa nos olhos dele brilhou, mais forte, e alguma coisa parecida com orgulho passou pelo rosto dele.

— Agora sim — disse ele. — Agora você parece a Rainha Queimada.

CAPÍTULO

11

Tinta de Pacto

— A Z A E L —

ONDINA SEGUROU O estojo de madeira com uma pinça de prata, como quem segura um escorpião.

— Tire isso daqui — disse ela.

— Preciso saber o que é.

— Eu sei o que é. Todo mundo que tem nariz sabe o que é. Tire isso do meu sebo antes que os livros comecem a apodrecer.

Ela estava certa sobre o cheiro. Desde que eu tinha aberto o estojo sobre o balcão, um odor doce e enjoativo de fruta passada tinha se espalhado pela loja, e eu tinha visto, com meus próprios olhos, as páginas de um exemplar de *Iracema* sobre o balcão começarem a se enrugar nas bordas, como folhas de alface fora da geladeira.

Celina estava sentada numa banquetta ao meu lado, pálida, com as mãos enfiadas nas mangas do casaco. Ela não tinha dormido. Eu também não. Tínhamos voltado do hospital às duas da manhã e ela tinha ficado sentada no sofá, olhando para a janela, até o sol nascer. Às oito, tinha se levantado, lavado

o rosto, e dito: *vamos ao sebo*. Era a primeira coisa que ela queria fazer em quatro dias. Eu não ia discutir.

— É de Malthus — falei.

— Óbvio que é de Malthus. — Ondina largou a pinça e limpou as mãos no cardigã, com nojo. — Tem a assinatura dele em cada molécula. Mas não foi ele que usou. Malthus não escreve. Ele não sabe escrever; nunca soube. Ele come. — Ela empurrou o estojo de volta para mim com a ponta de um lápis. — Isso é uma *pena de cobrança*. Coisa antiga. Proibida pela Corte desde mil seiscentos e pouco. A tinta é feita com o sangue de uma testemunha.

Celina ergueu a cabeça.

— Testemunha?

Ondina olhou para ela. Depois para mim. Depois de novo para ela, com uma expressão que eu não sabia ler.

— Ele não te contou?

— Contou o quê?

— Todo contrato da Corte tem três partes, menina. O devedor, o credor e a testemunha. — Ondina tirou os óculos e esfregou os olhos. — É a regra mais velha que existe. Um contrato sem testemunha não fecha. A testemunha não precisa aparecer, não precisa falar, não precisa nem estar visível. Mas tem que estar lá. Tem que ouvir o pedido e ver a assinatura. E ela recebe uma cópia.

— Uma cópia do contrato.

— Uma cópia-testemunha. Um espelho. Normalmente fica guardada na Corte, nos arquivos, e ninguém nunca mais pensa nela. Mas se a testemunha for esperta, e gananciosa, e tiver amigos na Casa da Fome... — Ondina apanhou o estojo com o lápis. — Ela pode usar a cópia. Pode misturar o próprio sangue à tinta e fazer uma pena que liga as duas coisas: o contrato e quem segura a caneta. E cada vez que o devedor escreve com essa pena, a alma dele sai pela tinta e vai para a cópia.

— E de lá para quem tem a cópia — falei.

— E de lá para quem tem a cópia.

Celina ficou muito imóvel. Eu senti, pela marca, a temperatura dela cair. Não de frio. De entendimento.

— Ele estava lá — disse ela, muito baixo. — No cemitério. O Otávio estava lá.

— Você o viu?

— Não. — Ela olhou para mim. — Mas foi ele que me contou a história. Foi ele que me disse onde ir, que dia, que hora. Que eu precisava de uma vela e de sangue. Ele me mandou para lá. E depois ficou... — A voz dela falhou. — Ficou assistindo.

Eu fechei os olhos.

Eu deveria ter percebido. Eu, que sinto a temperatura de cada alma num edifício de cinco mil pessoas. Eu deveria ter sentido uma terceira presença naquele cruzamento, sete anos atrás, escondida entre os túmulos. Mas eu não tinha sentido nada. Eu tinha passado vinte minutos atrás daquele túmulo ouvindo uma menina ler a primeira página de um livro, e não tinha sentido mais nada no mundo.

— Eu não vi — falei. — Eu não senti. Eu estava... distraído.

Ondina me olhou por cima dos óculos com uma expressão que, numa mulher menos velha e menos perigosa, eu teria chamado de piedade.

— Distraído — repetiu ela. — O Cobrador da Sétima Casa. Distraído num cruzamento.

— Ondina.

— Não estou dizendo nada. — Ela pôs os óculos de volta. — Só que você nunca foi distraído em cento e trinta e cinco anos. E agora você aparece no meu sebo com a mão queimada por uma pena de cobrança e uma devedora que você chama pelo primeiro nome.

Celina olhou para mim. Eu não olhei para ela.



O resto da manhã foi gasto em regras.

Ondina sabia mais do que dizia, sempre. Mas naquela manhã ela disse mais do que costumava: talvez por causa de Celina, talvez por causa dos onze leitores no Hospital das Clínicas, talvez porque, debaixo daquele cardigã cinza e daquela língua afiada, ela também tivesse alguma coisa que se parecia com um coração.

A cópia-testemunha não estava na Corte; se estivesse, a Senhora saberia. Estava com Otávio, ou com Malthus. Cada autógrafo feito com as canetas da Lume ao longo de sete anos — e eu fiz as contas, enquanto Ondina falava: dezenas de milhares — tinha criado um canal entre um livro, um leitor e aquela cópia. Malthus vinha usando esses canais havia semanas, talvez meses, para puxar as lascas aos poucos. Era por isso que os leitores dormiam. Era por isso que estavam frios.

Mas era um processo lento. Ineficiente. Uma lasca de cada vez, um leitor de cada vez, e cada um que caía no sono chamava atenção. Era preciso algo maior. Algo que puxasse tudo de uma vez.

— Dez mil folhas de rosto — disse Celina, de repente. — Autografadas com aquela caneta. Dez mil leitores abrindo os boxes ao mesmo tempo, no mesmo lugar, à meia-noite. Na lua nova.

Ondina ficou em silêncio por um longo momento.

— Bem — disse, por fim. — Isso resolveria.

— Ela assinou dezessete — falei.

— Dezessete não é nada. Mas ele vai querer mais. Ele vai encontrar outra forma de fazer você assinar. — Ondina olhou para Celina. — Você não pode assinar mais nada que venha daquela editora, menina. Nem um bilhete. Nem um recibo.

— E se ele já tiver outro jeito?

— Então você vai ter que descobrir qual é antes do dia vinte e três.



Voltamos para o Copan no fim da tarde. Celina estava exausta, mas era um cansaço diferente — não o cansaço de quem desiste, mas o de quem trabalhou. Ela tinha enchido seis páginas do caderno com anotações. Regras, nomes, datas. Um mapa de setas ligando *Otávio a Malthus a caneta a cópia-testemunha a Theatro Municipal, 23/11, meia-noite*. No canto de uma das páginas, eu vi, escrito pequeno e depois riscado: *ele estava lá*.

Ela tomou banho. Eu fiquei na sala, olhando a cidade.

Quando ela saiu, estava usando uma camisa minha.

Eu não sei como aquilo aconteceu. Eu tinha poucas roupas no apartamento dela — tinha trazido algumas do lugar onde as guardava, um quarto alugado numa pensão da Liberdade que eu mantinha havia décadas e quase nunca usava, numa das poucas saídas que a marca permitia, com ela esperando no táxi, impaciente —, e uma delas era uma camisa branca de algodão, antiga, de colarinho mole, que eu usava por baixo do paletó nos dias de calor. Ela tinha deixado a camisa no cesto de roupa limpa, ao lado das dela.

Ela saiu do banheiro com essa camisa. Grande demais para ela, as mangas dobradas três vezes, a barra batendo no meio das coxas. O cabelo molhado escorrendo pelos ombros, deixando marcas escuras no tecido branco.

Ela parou na porta da sala quando me viu olhando.

— As minhas tão todas sujas — disse, na defensiva. — Eu não lavo roupa há quatro dias. Você reparou.

Eu não respondi. Eu não conseguia.

— Para de me olhar assim.

— Assim como?

— Assim. — Ela fez um gesto vago com a mão. — Como se eu fosse... sei lá. Um prato de comida.

— Você não é um prato de comida.

— Então para.

Eu desviei os olhos. Foi a coisa mais difícil que eu fiz naquele dia, mais difícil do que segurar a pena de cobrança com a mão nua.

Ela foi para o quarto. Eu ouvi a cama ranger. Ouvi ela se ajeitar debaixo do lençol, suspirar, virar de lado. Ouvi o estalo da luz do abajur sendo apagada.

— Você vem? — perguntou ela, do escuro. A voz sonolenta.

— Daqui a pouco.

— A marca vai doer.

— Daqui a pouco.

Ela não respondeu. Em poucos minutos, a respiração dela ficou lenta e regular. Ela tinha adormecido.

Eu fiquei na sala.

Tirei o frasco do bolso interno do paletó. Ele tinha agora vinte e três lascas. Vinte e três faíscas presas no vidro escuro, brilhando como vaga-lumes num pote. Dezessete do Copan — todas, uma por noite, às vezes duas, enquanto ela dormia. E mais seis de prédios vizinhos, nos poucos lugares que ficavam a menos de trinta passos de onde ela estava, nas noites em que eu sentia que ela dormia fundo o bastante para eu me arriscar.

Rodrigo, o garçom, tinha relido *A Rainha Queimada* no domingo e largado o livro na metade. Eu senti. Eu senti a decepção dele através de três andares de concreto, aquela vaga sensação de que alguma coisa tinha se perdido, de que o livro não era mais o mesmo. Ele não sabia o que era. Ele achava que tinha mudado, que tinha crescido, que tinha ficado velho demais para fantasia.

Eu tinha feito aquilo com ele.

Segurei o frasco contra a luz da cidade. As lascas pulsavam. Sal e tinta. Eu sentia o calor delas através do vidro, e sentia, também, uma coisa que não devia sentir: o desejo de abrir aquele frasco, levar até o quarto e despejar o conteúdo no peito de Celina. Devolver. Ver a cor voltar ao rosto dela. Ver ela provar alguma coisa e sorrir.

Seria tão pouco. Vinte e três lascas de milhões. Nem um centésimo do que ela tinha perdido.

E se eu fizesse isso, se eu devolvesse o que tinha colhido, a alma dela ficaria um pouco mais inteira — e um pouco menos minha para entregar à Corte.

Mil almas e você está livre.

Guardei o frasco.



Fui para o quarto às três da manhã.

Ela estava de lado, como sempre, virada para o meu lugar na cama, com o braço esquerdo estendido e o pulso para cima. A marca brilhava fraca. A minha camisa tinha escorregado de um dos ombros dela, e o colarinho mole estava torto sobre a clavícula, e o cabelo, agora quase seco, estava espalhado sobre o travesseiro — o *meu* travesseiro, o do lado esquerdo, onde eu nunca deitava a cabeça.

Ela dormia com o rosto enfiado no meu travesseiro, vestindo a minha camisa.

Eu fiquei parado ao pé da cama.

Há uma coisa que eu nunca disse a ninguém, e que só vou dizer aqui, nesta página, porque ninguém vai ler. Em cento e trinta e cinco anos de existência na Corte, eu nunca tinha desejado nada. Não da forma como os humanos desejam. Eu colhia almas porque era meu trabalho. Eu lia contratos porque era meu ofício. Eu andava pela cidade, subia em terraços, olhava as luzes, e não sentia vontade de nada daquilo; era só o que eu fazia, como um relógio faz tique-taque.

E agora eu desejava tudo.

Eu desejava a mecha de cabelo que caía sobre a bochecha dela. Eu desejava o ombro descoberto pela minha camisa. Eu desejava o som que ela fazia quando ria de verdade, aquele riso que vinha do fundo do peito e que eu tinha ouvido uma única vez, quando chamei o Príncipe Corvo de idiota. Eu desejava a voz dela lendo em voz alta num cemitério. Eu desejava as frases dela, as que ela tinha escrito e as que ainda não tinha, as que talvez nunca fosse escrever se eu não fizesse alguma coisa. Eu desejava que ela me olhasse da forma como eu a olhava. Eu desejava que ela dissesse o meu nome — não *consultor*, não *Cobrador*, não *Azael*, que era só um título que a Corte tinha me dado. O meu nome. O verdadeiro. O que eu não lembrava.

Eu desejava, se fosse honesto, uma coisa que nem a alma dela inteira poderia pagar.

Eu queria o resto.

O riso dela, a raiva dela, os pesadelos dela, os cafés sem gosto e as frases riscadas no canto da página. As manhãs de domingo e as madrugadas de escrita. A teimosia de pedra que ela tinha herdado da mãe. Os anos que ela ainda tinha pela frente. *Ela*. Inteira. Não para entregar a ninguém. Para mim.

Era a coisa mais perigosa que eu já tinha sentido. Era a coisa mais egoísta. E era — eu sabia, mesmo sem ter palavras para isso — a coisa mais humana que tinha acontecido comigo desde 1889.

Deitei ao lado dela, por cima do lençol, de roupa.

Pousei os dedos sobre o pulso dela. A marca se acalmou.

Ela se mexeu no sono. Murmurou alguma coisa. E então, sem acordar, se aproximou, se encolheu contra o meu lado, e encostou a testa no meu ombro.

Eu fiquei imóvel até o amanhecer, com o frasco pesando no bolso do paletó e ela pesando no meu ombro, e não soube dizer qual das duas coisas me queimava mais.

CAPÍTULO

12

Testemunha

— CELINA —

EU VOLTEI À Editora Lume numa segunda-feira chuvosa, dia nove de novembro, catorze dias antes da lua nova, e dessa vez não pedi para ele esperar no saguão.

Dona Cida nos viu sair do elevador e não disse *minha estrela*. Ficou de pé atrás da mesa da recepção, apertando o crucifixo com as duas mãos, e quando passamos por ela, disse, muito baixo:

— Ele está esperando vocês desde as oito.

Eu parei.

— Dona Cida.

Ela olhou para mim. Os olhos dela estavam úmidos.

— Eu trabalho aqui há vinte e dois anos, querida — disse ela. — Eu vi muita coisa nesse prédio. Coisas que não se conta para ninguém. Eu rezo toda noite. — Ela olhou para ele, e depois de volta para mim. — Tome cuidado.



Otávio estava sentado atrás da mesa, com as mãos cruzadas sobre o mata-borrão de couro verde. Não se levantou quando entramos. Não estendeu as mãos, não me beijou nas duas faces. Tinha tirado os óculos e os segurava pela haste, girando-os devagar entre os dedos.

Sobre a mesa, diante dele, havia uma pilha de folhas de rosto cor de marfim. Mil, talvez. Em branco.

— Sente-se, Celina — disse ele.

Eu não sentei.

— Você estava lá — falei.

Ele não perguntou onde. Não fingiu não entender. Ficou olhando para mim com aqueles olhos cinzentos e cansados, sem os óculos, e por um momento pareceu muito mais velho do que eu jamais o tinha visto.

— Estava — disse.

Foi tão simples. Uma palavra só. Eu tinha passado o fim de semana inteiro ensaiando aquela conversa, imaginando as negações, as desculpas, a fúria. Tinha escrito no caderno todas as perguntas, em ordem. E ele simplesmente disse *estava*, como quem confirma o horário de uma reunião, e todas as minhas perguntas viraram pó.

— Atrás do túmulo do Barão de Itapetininga — continuou ele. — O de mármore rosa, com o anjo sem cabeça. Você passou por ele duas vezes antes de achar o cruzamento. Eu estava tão perto que poderia ter tocado no seu casaco.

— Por quê?

— Porque alguém tinha que testemunhar. — Ele pôs os óculos sobre a mesa. — E porque eu fui pago para isso.

Ao meu lado, ele não se mexia. Mas eu sentia, pela marca, uma coisa crescendo nele — uma pressão, um calor, como uma caldeira fechada.

— Senhor Prates — disse ele, com uma calma assustadora. — Quem pagou?

Otávio olhou para ele pela primeira vez. E sorriu. Um sorriso pequeno, triste.

— O senhor sabe quem pagou, Cobrador.



Ele contou tudo. Eu não esperava isso. Acho que ninguém esperava — nem ele mesmo. Mas ele contou, sentado atrás daquela mesa, com as mãos tremendo levemente, numa voz baixa e firme, como se estivesse lendo um relatório.

Em 2018, a Editora Lume estava falida. Trinta anos de história, quatrocentos títulos no catálogo, uma reputação impecável no mercado — e uma dívida que ia engolir tudo. Os bancos tinham fechado as portas. Os distribuidores tinham parado de pagar. Ele tinha hipotecado o apartamento, vendido a casa de praia, empenhado o relógio do pai. Não bastava.

— Eu tinha cinquenta e um anos — disse ele. — A Lume era a minha vida. Não tinha mulher, não tinha filhos. Tinha os livros. Tinha aquela estante. — Ele apontou para a parede atrás de mim, para os originais encadernados em couro. — Cada um daqueles livros eu tirei do nada. Cada autor que ninguém queria. E eu ia perder tudo.

Um homem apareceu num lançamento, em novembro daquele ano. Gordo, simpático, de terno de linho branco. Comendo uvas. Disse que admirava o trabalho da Lume. Disse que podia ajudar.

— Ele não queria a minha alma — disse Otávio, com uma risada seca. — Disse que a minha alma era magra demais, que não valia a pena. Queria outra coisa. Queria que eu encontrasse almas para ele. Gente com talento. Gente desesperada. Que eu as orientasse, que eu indicasse o caminho. Que eu fosse — ele procurou a palavra — um corretor. E que eu testemunhasse os contratos.

— Mas os contratos não eram dele — falei.

— Não. Eram da Corte. Da Sétima Casa, a maioria. — Ele olhou para o demônio ao meu lado. — Malthus não pode cobrar almas que vendem a si mesmas para outra Casa. Mas uma testemunha pode guardar a cópia. E quem tem a cópia... — Ele deu de ombros. — O senhor sabe o resto, Cobrador.

— Quantos? — perguntou ele. A voz dele estava muito baixa.

Otávio fechou os olhos.

— Quatro. Antes dela. Um pintor, uma cantora, dois escritores. Nenhum deu muito certo. As almas eram... comuns. Malthus ficou irritado. — Ele abriu os olhos e olhou para mim. — E então você apareceu na minha padaria com um envelope pardo amassado.

Eu me sentei. Não queria, mas as pernas cederam. Afundei na cadeira de couro diante da mesa dele, a mesma cadeira onde tinha sentado centenas de vezes, para discutir capas, prazos, revisões, e fiquei olhando para ele como se nunca o tivesse visto.

— Você leu *Maré Baixa* — falei. — Na minha frente. Você chorou.

— Chorei.

— Era verdade?

— Era. — A voz dele falhou. Pela primeira vez. — Era a coisa mais bonita que eu tinha lido em dez anos. E eu sabia, enquanto lia, que se eu te deixasse ir embora com aquele envelope, você ia passar a vida inteira mandando aquele livro para editoras que não iam entender, até desistir, ou até morrer de fome, como a sua mãe. — Ele se inclinou para a frente. — Eu te dei uma saída, Celina. Eu te dei tudo. Dinheiro, fama, leitores. O Copan. Uma vida. Sem mim, você não teria nada disso.

— Sem você, eu teria a minha alma.

— E de que adianta uma alma num quarto-e-sala despejado? — Ele bateu a mão na mesa. As folhas de rosto em branco tremeram. — De que adianta uma alma inteira e um livro numa gaveta? Você sabe quantos escritores geniais morreram inteiros e esquecidos? Eu sei. Eu conheci dezenas. Eu os enterrei.

— E a Bia? — perguntei.

Ele se calou.

— A Bia Mendes, vinte e três anos, cabelo rosa, tatuagem da Íris no ombro. Está no Hospital das Clínicas, dormindo, sem sonhar. E mais dez. E mais quantos? Quantos, Otávio? Quantos leitores você esvaziou com as suas canetas bonitas da Lume?

Ele baixou os olhos para a mesa.

— Isso não era para acontecer assim.

— Como era para acontecer?

— Malthus disse que seriam só lascas. Pequenas. Que ninguém ia perceber. Que os leitores iam sentir um pouco menos de amor pelos livros, só isso. Que era o preço. — Ele passou a mão pelo rosto. — Mas ele tem fome. Ele sempre tem fome. E as lascas começaram a vir maiores, e as pessoas começaram a dormir, e eu...

— E você continuou levando as canetas.

— Eu não tinha escolha!

— Você tinha escolha. — Era ele quem tinha falado. O demônio. Ele estava de pé atrás da minha cadeira, e a voz dele saiu com um eco estranho, como se viesse de muito longe, de uma caverna sob a cidade. — Você sempre teve. Todos vocês têm. É a única coisa que a Corte não pode tirar de vocês.

Otávio olhou para ele. E havia ódio nos olhos do editor. Ódio e alguma outra coisa — uma espécie de inveja amarga.

— Fácil falar — disse Otávio —, para alguém que não tem nada a perder.

— Você não faz ideia do que eu tenho a perder.

A pressão na marca ficou insuportável. Eu senti o ar da sala esquentar, a madeira da mesa estalar, o vidro da janela gemer nos caixilhos. Ele deu um passo à frente, e a sombra dele no chão se esticou e se alargou, e as bordas dela começaram a se abrir em asas de fumaça...

— Não — disse Otávio, e ergueu a mão esquerda.

No dedo mínimo, o anel de prata. Eu já o tinha visto mil vezes. Mas nunca tinha visto aquilo: o anel brilhava, um brilho oleoso, amarelado, como gordura ao sol. E no centro, onde eu sempre tinha achado que havia uma pedra escura, havia um pequeno selo gravado. Uma boca aberta, cheia de dentes.

O demônio parou. A sombra encolheu.

— Selo da Casa da Fome — disse Otávio. — Eu estou sob a proteção de Malthus, Cobrador. Se o senhor tocar em mim, é guerra entre as Casas. E a Senhora das Dívidas não perdoa quem começa uma guerra. — Ele baixou a mão. — O senhor perderia a sua Casa antes da lua nova. E ela perderia a única pessoa que está tentando salvá-la.

Silêncio.

Eu olhei para trás. O rosto dele estava contorcido numa expressão que eu nunca tinha visto — uma fúria tão contida que parecia doer. Os punhos estavam fechados. A mão queimada, enfaixada, tinha começado a sangrar através da gaze: um sangue escuro, quase preto.

— Onde está a cópia-testemunha? — perguntou ele.

— Em segurança.

— Com você ou com ele?

Otávio sorriu.

— Dia vinte e três, Celina — disse ele, se virando para mim, ignorando a pergunta. — Teatro Municipal. Meia-noite. Os ingressos estão vendidos, a imprensa está avisada, os boxes estão impressos. Faltam só as folhas de rosto. — Ele empurrou a pilha em branco na minha direção. — Você pode assinar. Ou não. Não faz diferença. Malthus vai dar um jeito. Ele sempre dá.

Eu me levantei. Peguei a pilha de folhas de rosto em branco. E rasguei. Não todas — eram mil, e eu não tinha força para isso —, mas rasguei as primeiras vinte, devagar, uma por uma, na frente dele, e deixei os pedaços caírem sobre o mata-borrão de couro verde.

— Você me chamou de menina por sete anos — falei. — Eu achava que era carinho.

Ele não respondeu.

Saí da sala. Não olhei para trás.



Choveu a tarde inteira. À noite, a chuva engrossou.

Eu subi para o terraço do Copan às onze. Não sei por quê. Precisava de ar; precisava de céu; precisava de qualquer coisa que não fossem as quatro paredes de um apartamento onde eu já não sentia gosto de nada. Ele veio atrás, claro. Ficou na porta de acesso, abrigado da chuva, enquanto eu ia até o parapeito.

A cidade, lá embaixo, era um borrão de luzes alaranjadas, derretidas pela água. Eu deixei a chuva me molhar. Era fria, eu sabia que era fria, mas eu não sentia o frio direito — sentia a umidade, o peso da roupa colando no corpo, mas a temperatura vinha amortecida, como através de uma luva grossa.

Mais um sentido indo embora.

— Você vai pegar uma pneumonia — disse ele, da porta.

— E daí? Faltam catorze dias. A pneumonia demora mais.

Ele não respondeu. Depois de um tempo, ouvi os passos dele na poça. Ele veio até o parapeito e parou ao meu lado, sem guarda-chuva, sem nada, e deixou a chuva encharcá-lo também. A água escorria pelo rosto dele, pelo cabelo escuro, colava a camisa preta nos ombros.

Ficamos assim, lado a lado, olhando a cidade.

— Ele disse que eu não tenho nada a perder — falei, finalmente. — O Otávio. Ele disse isso pra você.

— Disse.

— E você disse que ele não fazia ideia.

— Disse.

— O que você tem a perder?

Ele ficou calado por muito tempo. A chuva tamborilava no concreto ao nosso redor.

— Eu não fui sempre isso — disse ele.

Eu me virei para olhar para ele.

— Eu já fui humano — continuou ele, sem me olhar. — Há muito tempo. Nasci num lugar com uma baía. Rio de Janeiro, eu acho. Lembro de pouca coisa. Uma escrivania perto de uma janela. Um tinteiro de vidro verde. O cheiro do mar de manhã. — Ele fez uma pausa. — Uma mulher que cantava na cozinha. Não sei quem era. Minha mãe, talvez.

— O que aconteceu?

— Eu fiz o que você fez. Fui a algum lugar, numa noite, e pedi uma coisa. Não lembro o quê. Assinei um contrato. E quando acabou o prazo, eles não levaram a minha alma para o Abismo. Me deram um serviço. Me fizeram Cobrador. — Ele passou a mão pelo rosto molhado. — E me tiraram o nome.

— O nome?

— A primeira coisa que a Corte tira de quem entra no serviço. O nome verdadeiro. Ele fica guardado no contrato, nos arquivos, e você recebe outro. *Azael*. Não é um nome. É um cargo. Um título. — Ele riu, baixo, sem graça.

— Eu passei cento e trinta e cinco anos sem saber como me chamava.

Eu fiquei olhando para ele. Para o rosto molhado de chuva, para a linha entre as sobrancelhas, para a pequena cicatriz no queixo que não combinava com nada. Uma cicatriz de homem. De quando ele era homem.

— É isso que você tem a perder — falei, devagar. — O nome. Se você não entregar minha alma, você não vai saber nunca.

Ele não respondeu. Mas eu senti, pela marca, uma coisa se quebrar dentro dele — uma coisa muito pequena e muito antiga, como um osso fino que racha.

— Eu vou descobrir — falei.

Ele se virou para mim.

— O quê?

— O seu nome. Eu vou descobrir. — A chuva escorria pela minha boca, e eu nem sentia o gosto dela. — Eu sou boa em pesquisa. Eu passei sete anos pesquisando pactos e demônios e encruzilhadas. Eu sei mexer em arquivo, em hemeroteca, em cartório. Se você foi humano no Rio, você deixou rastro. Todo mundo deixa. Eu vou achar.

— Celina...

— Eu não vou deixar você morrer sem saber como se chama.

Ele ficou me olhando. A água escorria pelo rosto dele e, por um momento, eu não consegui saber se era só chuva.

— Por quê? — perguntou ele, rouco. — Por que você faria isso? Eu vim para tirar tudo de você.

— Porque você tirou aquela caneta da minha mão. — Eu dei um passo na direção dele. — Porque você se queimou e não disse nada. Porque você me carregou pelo beco e limpou a minha mão e ficou numa cadeira dura a noite inteira porque eu tinha medo do escuro. Porque você leu cinco livros meus numa noite e ficou com ciúmes de um personagem. — Mais um passo. Estávamos quase encostados. — Porque você me chama de Celina quando acha que eu estou dormindo.

Ele fechou os olhos.

— Regra número quatro — disse, num fio de voz.

— Eu sei.

— Eu não toco em você sem permissão.

— Eu sei.

Eu ergui a mão e toquei o rosto dele. A pele estava molhada e fria, e por baixo, quente, quente como brasa debaixo da cinza. Ele se inclinou na minha mão, só um pouco, como um animal que há muito tempo não é tocado.

— Então eu dou — falei.

E o beijei.

Eu não sei o que esperava. Algo frio, talvez. Algo de outro mundo. Mas a boca dele era quente, e macia, e tremia — tremia de verdade, como se ele tivesse medo de que eu fosse desaparecer —, e quando ele finalmente me beijou de volta, foi com uma fome tão contida e tão antiga que me tirou o ar. As mãos dele subiram até o meu rosto, as duas, a boa e a queimada, e me seguraram como se eu fosse a última coisa inteira do mundo.

E eu senti.

No meio da chuva, no meio do frio que eu não sentia mais, no meio do mundo sem gosto e sem cor, eu *senti* o beijo dele. O gosto. Fumaça e cravo e alguma coisa doce por baixo. A primeira coisa que eu provava em dez dias.

Quando nos separamos, eu estava chorando. Ele também, eu acho. Ou era a chuva.

— Celina — disse ele, a testa encostada na minha.

— Hum.

— Diga de novo que não é minha.

Eu ri, molhada, sem fôlego.

— Amanhã — falei. — Amanhã eu digo.

CAPÍTULO

13

A Cidade Embaixo da Cidade

— AZAEL —

— TRÊS REGRAS — falei, diante da porta de ferro sob o Viaduto do Chá.

— Não coma nada. Não beba nada. Não diga seu nome inteiro a ninguém.

— Por quê?

— Comer prende você. Beber faz você esquecer. E o nome inteiro é a chave da sua casa. Quem tem a chave, entra.

Celina olhou para a porta. Estava fechada com uma corrente enferrujada e um cadeado de latão do tamanho de um punho, e coberta de pichações — nomes de gangues, corações, um *JESUS VOLTA* em tinta vermelha escorrida. Às duas da tarde de uma quarta-feira, o Vale do Anhangabaú passava atrás de nós num rumor de ônibus e camelôs, e ninguém nos olhava.

— Você já fez isso antes? — perguntou ela. — Trouxe alguém?

— Nunca.

— Ótimo. Muito tranquilizador.

Eu toquei o cadeado. Ele se abriu sozinho, com um estalo seco. A corrente escorregou para o chão como uma cobra morta.

Ela respirou fundo. Pegou a minha mão — a boa; a queimada continuava enfaixada e escurecendo — e apertou.

Desde a noite no terraço, ela pegava a minha mão com frequência. Na cozinha, quando eu passava atrás dela. No sofá, enquanto lia. Ao atravessar a rua. Não dizia nada; só estendia os dedos e esperava, e eu estendia os meus, e ela os segurava. Eu não sabia o que fazer com aquilo. Eu ficava imóvel cada vez, como um homem que encontra um pássaro pousado no ombro e tem medo de respirar.

Não tínhamos voltado a nos beijar. Não da forma como no terraço. Ela tinha dito *amanhã eu digo*, e no dia seguinte não tinha dito nada — nem que era minha, nem que não era. Tinha só acordado com a testa no meu ombro, me olhado por muito tempo, e se levantado para fazer um café que não tinha gosto.

Eu esperava. Eu era bom em esperar. Tinha esperado cento e trinta e cinco anos sem saber pelo quê.

Abri a porta.



Ela não falou nada durante a descida. Eu senti, pela marca, o medo dela crescer a cada degrau, e depois mudar — virar outra coisa, uma espécie de assombro — quando as escadas de tijolo deram lugar à pedra que brilhava em vermelho, e o ar ficou quente, e o cheiro de rio podre virou cheiro de papel.

Quando chegamos ao fundo, e a caverna se abriu diante de nós, ela parou.

Eu entendia. A primeira vez que vi a Corte de Brasa, há cento e trinta e cinco anos, também parei. A catedral invertida, de ferro negro e vidro fundido, suspensa por correntes sobre a fenda onde os rios enterrados caíam em silêncio. As torres apontando para baixo, para o escuro. As luzes vermelhas nas galerias, como janelas de um navio afundado. E os sons — os murmúrios, as penas riscando, o farfalhar de milhões de pergaminhos — que subiam da estrutura como a respiração de um bicho enorme.

— Meu Deus — sussurrou ela.

— Não diga isso aqui.

— Por quê?

— Eles acham de mau gosto.

Ela olhou para mim, e eu vi, apesar do medo, o canto da boca dela tremer num sorriso.

— Você tá fazendo piada.

— Eu não faço piadas.

— Tá sim. Você tá nervoso e tá fazendo piada. — Ela apertou minha mão mais forte. — Que fofo.

Ninguém, em toda a minha existência, tinha me chamado de *fofo*. Eu não soube como responder. Então fiz a única coisa que consegui: comecei a andar pela ponte de ferro que levava à entrada da Corte, segurando a mão dela, e não soltei.



Devedores têm direito a audiência. É uma das regras mais antigas, e uma das menos usadas, porque quase nenhum devedor sabe que pode pedir, e os poucos que sabem não têm coragem. Celina tinha lido isso no *Breve Tratado de Ondina* e sublinhado três vezes. *O devedor de contrato aberto pode requerer à Corte que se verifique a integridade das partes e a guarda das cópias.*

A guarda das cópias. Se a cópia-testemunha do contrato dela não estivesse nos arquivos, onde a lei dizia que devia estar, isso era prova de roubo. E roubo de contrato era o único crime que a Senhora punia sem perguntar.

Era um bom plano. Era o plano dela. Eu tinha passado a noite inteira tentando encontrar uma falha nele e não tinha encontrado nenhuma.

A Senhora das Dívidas nos recebeu na escrivaninha de madeira petrificada. Naquele dia, ela usava um tailleur cor de chumbo e um broche de ônix em forma de chave. Os óculos com corrente de pérolas estavam pendurados no peito. Ela olhou para Celina por cima da mesa por um longo momento, e eu senti a marca no meu peito queimar.

— A devedora — disse a Senhora. — Viva e falando, depois de dez dias. Interessante.

— Boa tarde — disse Celina.

As galerias murmuraram. Ninguém cumprimentava a Senhora das Dívidas. Ninguém lhe desejava boa tarde.

A Senhora inclinou a cabeça.

— Boa tarde — respondeu, para o espanto de todos, inclusive o meu. — Você tem um pedido, devedora?

— Tenho. — Celina soltou a minha mão e deu um passo à frente. Eu vi as pernas dela tremerem e o queixo dela se erguer, e senti um orgulho tão feroz que me assustou. — Eu requeiro à Corte que se verifique a guarda da cópia-testemunha do meu contrato. Nos termos do Tratado.

A Senhora ergueu uma sobancelha.

— Você leu o Tratado.

— Li. Duas vezes. Está mal traduzido, aliás. O capítulo nove tem um erro de concordância.

O murmúrio nas galerias se transformou num silêncio absoluto.

Eu fechei os olhos.

E então a Senhora das Dívidas riu.

Era um som que ninguém ali tinha ouvido, ou que ninguém lembrava de ter ouvido. Um riso curto, seco, como uma página que se rasga. Durou um segundo. Depois ela pôs os óculos e tocou um sino de prata sobre a mesa.

— Arquivista — disse ela.



O arquivista era uma criatura pequena, do tamanho de uma criança de seis anos, com uma cabeça grande e calva, dedos compridos manchados de tinta e óculos tão grossos que os olhos pareciam ovos atrás deles. Chamava-se Plínio, ou era assim que eu o tinha ouvido ser chamado nos últimos cem anos. Ele levou Celina e a mim pelas galerias dos arquivos — corredores de nichos que subiam até perder de vista, cada um com um pergaminho enrolado e selado, cada selo com uma cor diferente — até a seção dos contratos da Sétima Casa firmados no século vinte e um.

O nicho do contrato de Celina estava ali, com uma etiqueta de latão: *DUARTE, C. — 02/11 — CONSOLAÇÃO*. O original estava na mesa da Senhora; o nicho guardava apenas o espaço para a cópia-testemunha.

Estava vazio.

Plínio ajeitou os óculos, enfiou um dedo comprido no nicho, apalpou o fundo e se virou para nós com uma expressão de horror genuíno.

— Não está — disse, numa voz fina e aguda. — Não está! Está registrada a entrada! Eu registrei a entrada! Mas não está!

— Quem registrou? — perguntei.

Plínio folheou um livro de registros que carregava preso ao cinto por uma corrente.

— Entregue pela testemunha. Prates, O. Recebida por... — Ele parou. Engoliu em seco. — Recebida por um escrivão da Casa da Fome. Em substituição. Porque eu estava... eu estava de folga. — Os olhos dele se encheram de lágrimas atrás das lentes. — Eu nunca tiro folga. Eu tirei uma folga em quarenta anos. Era o aniversário da minha... Ele disse que cobria para mim. Ele disse que era um favor...

— Malthus — disse Celina.

Ninguém respondeu. Ninguém precisava.



Voltamos à mesa da Senhora com Plínio choramingando atrás de nós. E ele estava lá.

Malthus estava sentado numa cadeira de veludo ao lado da escrivaninha, comendo figos de uma bandeja de prata. Terno de linho branco. Chapéu-panamá no colo. Ele sorriu quando nos viu, com a boca cheia de sementes vermelhas.

— Ah, a devedora — disse ele. — Finalmente nos conhecemos. Eu sou um grande fã.

— Você roubou a cópia — disse Celina.

— Eu? — Malthus pôs a mão no peito. — Senhora, eu protesto. Um escrivão da minha Casa recebeu uma cópia para arquivamento, como favor a um colega. Se ela foi extraviada depois, isso é responsabilidade do arquivo, não da minha Casa.

— Você mandou testemunhar o meu contrato. Você fez uma caneta com o sangue da testemunha. Você esvaziou onze leitores...

— Acusações graves — disse Malthus, mastigando. — E provas, minha querida? Onde estão as provas?

Celina abriu a boca. E fechou.

Ela não tinha provas. Tinha a pena de cobrança, mas a pena estava com Ondina, e mesmo que estivesse ali, só provava que alguém da Casa da Fome a tinha feito — não quem estava com a cópia, nem onde. Tinha o testemunho de Otávio, mas Otávio estava sob o selo de Malthus e nuncaalaria diante da Corte.

A Senhora das Dívidas observava tudo em silêncio, os dedos entrelaçados sobre a mesa.

— A cópia não está no arquivo — disse ela, por fim. — Isso é um fato. Um fato grave. Mas a lei exige o objeto e o ladrão. Traga-me a cópia-testemunha nas mãos de quem a roubou, devedora, e eu julgarei. Até lá, o prazo continua. — Ela olhou para mim. — Treze dias, Cobrador.

— Senhora...

— *Treze dias.*

Malthus sorriu. Depois se levantou, limpou os dedos num guardanapo de linho e veio até nós. Ele parou na frente de Celina, perto demais, e eu senti a marca queimar tanto que precisei fechar os punhos para não arrancá-lo dali pelo pescoço. Selo ou não selo. Guerra ou não guerra.

— Eu tenho uma proposta para você, devedora — disse ele, baixinho. — Uma proposta honesta. Assine as folhas de rosto. As dez mil. Com a sua própria mão, no palco, na noite da lua nova. E eu acordo os onze que estão dormindo. Agora. Hoje. — Ele sorriu. — Pense nisso. Onze vidas. A garota de cabelo rosa. A enfermeira. Em troca de uma alma que já está perdida de qualquer jeito. É uma boa troca. É uma troca generosa.

Celina olhou para ele.

— E os dez mil que vão abrir os boxes?

— Ah. — Malthus deu de ombros. — Esses dormem.

— Não.

— Pense melhor...

— Eu não preciso pensar. — Ela ergueu o queixo, e a voz dela saiu firme e clara, ecoando pelas galerias. — Você é um parasita gordo que come o que os outros fazem porque não sabe fazer nada. Eu não vou te dar nem mais uma letra.

Malthus parou de sorrir.

Por um segundo, só um, eu vi a forma verdadeira dele por trás do terno de linho: uma boca. Só isso. Uma boca enorme, sem lábios, cheia de dentes em fileiras como os de um tubarão, abrindo-se no escuro. Depois a imagem sumiu, e ele era de novo um homem gordo de chapéu-panamá.

— Treze dias — disse ele, e foi embora.



Na saída, eu notei que ela estava quieta demais.

Subimos as escadas em silêncio. Atravessamos a porta de ferro sob o viaduto e saímos no Vale do Anhangabaú, onde o sol da tarde parecia absurdamente normal, e as pessoas passavam com sacolas de compras e fones de ouvido, sem saber que havia uma catedral invertida debaixo dos pés delas. Ela caminhou até um banco de concreto perto da fonte seca e se sentou.

— O que foi? — perguntei.

Ela não respondeu de imediato. Ficou olhando para as mãos.

— Quando o Plínio estava procurando a minha cópia — disse ela, devagar —, você foi falar com ele sobre o livro de registros. E eu fiquei sozinha no corredor. Uns dois minutos.

— Sim.

— Os contratos da Sétima Casa ficam organizados por século. E o corredor do século dezenove era logo ao lado.

Eu fiquei imóvel.

— Eu procurei o seu — disse ela. Ergueu os olhos para mim. — Não sabia se ia conseguir. Mas tem uma seção separada, com selos pretos. *Contratos de Serviço*. E só tinha um com data de 1889.

— Celina.

— O nome estava riscado. Raspado do pergaminho com uma lâmina, eu acho, de propósito. Só sobrou a primeira letra. — Ela tirou o caderno do bolso do casaco e abriu numa página onde tinha escrito, com a letra trêmula de quem escreve rápido e escondido: — “A”. *Rio de Janeiro. 2 de novembro de 1889*.

Ela me olhou.

— Dois de novembro — disse. — Finados. Você assinou o seu contrato no mesmo dia que eu.

Eu me sentei no banco ao lado dela. Não sabia o que dizer. Não sabia o que sentir. A primeira letra do meu nome. Depois de cento e trinta e cinco anos, alguém tinha me dado a primeira letra do meu nome, e era como se tivesse me entregado uma chave para uma porta que eu nem sabia que existia.

— Tinha mais uma coisa — disse ela, muito baixinho. — O pedido. A linha onde fica escrito o que a pessoa pediu. Estava inteira.

— O que dizia?

Ela olhou para o caderno. Depois para mim.

— *“Um poema que não morra.”*

CAPÍTULO

14

O Que Sobra de Nós

— CELINA —

UM POEMA QUE não morra.

Eu não consegui parar de pensar naquilo. No metrô, voltando para o Copan, com a mão dele na minha e o vagão cheio de gente cansada balançando ao nosso redor. No elevador, subindo os trinta e dois andares. Na cozinha, fazendo um macarrão que eu ia comer sem sentir gosto, só porque ele insistia.

Ele tinha pedido a mesma coisa que eu. Cento e trinta e sete anos antes, no mesmo dia, um rapaz numa cidade com uma baía tinha saído de casa numa noite de Finados e pedido para ser lido. Para que suas palavras durassem. E tinha conseguido — porque a Corte sempre cumpre o que promete —, e depois tinham tirado o nome dele. E o poema, onde estava o poema? Se durava, por que ele não lembrava?

— Você tá queimando o alho — disse ele, da porta da cozinha.

Eu olhei para a frigideira. O alho estava preto.

— Merda.

— Eu senti o cheiro da sala.

— Pelo menos *você* sente cheiro. — Desliguei o fogo e joguei tudo na pia.
— Eu não sinto mais nada. Nem cheiro, nem gosto, nem calor. A água do chuveiro hoje de manhã parecia que tava vindo de outro planeta. As cores...
— Eu me interrompi. Olhei para a parede da cozinha, que eu tinha pintado de amarelo-mostarda quando me mudei, porque amarelo era a cor favorita da minha mãe. Estava bege. Um bege cinzento e triste, como papel velho. — As cores estão indo embora.

Ele entrou na cozinha. Parou atrás de mim. Não me tocou.

— Todas? — perguntou.

— Quase. — Eu me virei para ele. E então parei. — Menos...

— Menos?

Eu olhei para ele. De perto. O terno cinza, a camisa preta, o cabelo escuro. A pele pálida. E os olhos — os olhos estavam cor de fogo. Vermelho e laranja e dourado, vivos, nítidos, a única coisa colorida em toda a cozinha.

E não só os olhos. A boca dele tinha cor. Um rosa escuro, quase vinho. As veias no pulso dele tinham um tom azulado. A cicatriz no queixo era branca, um branco diferente do resto da pele.

— Você tem cor — sussurrei.

Ele ficou imóvel.

— Quando você tá perto, as coisas têm cor. — Dei um passo. Agora eu estava a um palmo dele, e olhando por cima do ombro dele vi que a parede da cozinha, logo atrás, tinha recuperado um pouco do amarelo. Muito pouco. Uma sombra de mostarda. — Desde o terraço. Desde que eu te beijei. Eu achei que era só... eu achei que era coisa da minha cabeça.

— Celina.

— Eu senti o seu gosto. Naquela noite. A primeira coisa que eu senti em dez dias.

Ele olhou para mim por muito tempo. Havia uma coisa no rosto dele que eu não conseguia ler — uma espécie de dor, ou de culpa, ou de medo. Os olhos dele desceram, só por um instante, para o próprio peito, para o lado esquerdo do paletó. Depois voltaram para mim.

— Não sei por quê — disse ele. Mas a voz dele saiu estranha.

Eu não perguntei. Eu devia ter perguntado. Eu ia passar muito tempo, depois, pensando que eu devia ter perguntado.

Mas naquele momento, na cozinha que tinha perdido a cor, com cheiro de alho queimado no ar que eu não sentia, eu só pensei que ele era a única coisa viva que restava no meu mundo. E que faltavam doze dias.

— Regra número quatro — falei.

Ele fechou os olhos.

— Celina...

— Eu dou permissão.



Não vou contar tudo. Algumas coisas não são para ser contadas; são para ser guardadas, como uma carta que a gente relê sozinha.

Mas vou contar isto.

Ele me beijou como se tivesse medo de me quebrar. Devagar, com uma reverência que me deixou sem ar, as mãos segurando o meu rosto como no terraço, os polegares traçando a linha das minhas maçãs, do meu queixo, como se estivesse decorando. E a cada toque, o mundo voltava. Não de uma vez; aos poucos, como uma fotografia sendo revelada numa bacia. A boca dele tinha gosto de fumaça e cravo. A pele dele, quando eu finalmente abri a camisa preta botão por botão, tinha cheiro de chuva e de forja. A marca no peito dele brilhava, vermelha como a minha, e quando eu encostei os dedos nela, ele soltou o ar num som que eu nunca tinha ouvido de ninguém — um som de quem estava esperando aquilo desde antes de existir.

— Você tem certeza? — perguntou ele, rouco, quando me levou para o quarto.

— Pergunta de novo e eu desisto.

— Eu vou perguntar de novo.

— Por quê?

— Porque é você. — Ele parou ao pé da cama, as mãos na minha cintura, e me olhou com aqueles olhos de fogo que eram a única cor do mundo. — Porque eu passei cento e trinta e cinco anos tirando coisas das pessoas sem

perguntar. Com você eu vou perguntar. Sempre. Até você ficar cansada de responder.

Eu ri. Ri e chorei ao mesmo tempo, e puxei ele pela camisa aberta.

— Sim — falei, contra a boca dele. — Sim. Sim. Cansei. Sim.

Ele perguntou de novo, depois. Mais de uma vez. E toda vez eu disse sim.

Do resto, eu só guardo fragmentos, como guardo os melhores trechos dos livros que amo. O peso dele, quente, contra mim. A forma como ele dizia o meu nome — só *Celina*, sempre, como uma oração numa língua esquecida. As mãos dele, a boa e a queimada, aprendendo o meu corpo devagar, sem pressa nenhuma, como quem lê um texto difícil e quer entender cada palavra. O momento em que eu olhei para cima, para o teto do quarto, e percebi que estava vendo cores outra vez — o azul da cortina, o verde da planta na janela, o dourado da luz da cidade entrando pela fresta — mais nítidas do que eu jamais tinha visto, como se alguém tivesse limpado um vidro sujo que estava entre mim e o mundo a vida inteira.

E a sombra dele na parede. Num certo momento, eu vi a sombra dele na parede, à luz do abajur, e ela não era a sombra de um homem. Tinha asas. Asas enormes, de fumaça e cinza, abertas sobre nós dois como um dossel. Eu deveria ter tido medo. Não tive.

Eu só pensei: *ele está me protegendo até disso*.

Depois, ficamos deitados no escuro. Debaixo do lençol, dessa vez. Sem roupa nenhuma, dessa vez. A minha cabeça no peito dele, sobre a marca, que pulsava devagar, quente, no ritmo de um coração que eu nunca tinha tido certeza de que ele tinha.

— Você tem coração — falei.

— Não sei.

— Tem. Eu tô ouvindo.

Ele ficou em silêncio por um tempo. A mão dele passeava devagar pelas minhas costas, de cima para baixo, de baixo para cima.

— Talvez seja o seu — disse ele.



No dia seguinte, eu fui para a Hemeroteca.

Não fisicamente. A Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional fica na internet, e qualquer pessoa com um computador e paciência pode passar horas mergulhada em jornais brasileiros desde o século dezenove, digitalizados página por página. Eu tinha usado aquilo para pesquisar o segundo livro, quando precisei entender como eram os jornais de uma cidade sitiada. Sabia mexer nos filtros. Sabia procurar.

Ele ficou sentado ao meu lado, no sofá, a mão no meu joelho. As cores continuavam ali. Mais fracas do que na noite anterior, mas ali. Eu conseguia ver o vermelho do logo da Biblioteca Nacional na tela, e isso parecia um milagre.

— Rio de Janeiro — falei, digitando. — Ano: 1889. Periódicos: todos. Termo de busca...

— “Poema”? — sugeriu ele.

— Vai dar dez mil resultados. — Eu pensei. — Você disse que lembrava de uma baía. Uma escrivania perto de uma janela com vista para o mar. Um tinteiro de vidro verde.

— Sim.

— E você pediu um poema que não morresse. Então você escreveu um poema. E ele foi publicado, porque a Corte cumpre o que promete. E ele fez sucesso, porque foi isso que você pediu. — Eu digitei: *poeta desaparecido*. Filtro: novembro e dezembro de 1889. — Se você sumiu em novembro, alguém deve ter notado.

A busca demorou. A internet do Copan não era das melhores.

Quando os resultados apareceram, eram dezessete. Eu fui abrindo um por um. A maioria não tinha nada a ver: um poeta português que tinha sumido em Lisboa, um anúncio de livro, um obituário. Mas o décimo terceiro era uma nota pequena, de pé de página, na *Gazeta de Notícias* de 20 de novembro de 1889 — cinco dias depois da Proclamação da República, num jornal cheio de manchetes sobre o novo governo, o imperador exilado, a bandeira nova.

Eu li em voz alta. A grafia era antiga, cheia de consoantes que já não usamos.

— “*Desaparecimento. Continua sem notícias o joven poeta A. V., cujos versos ‘Maré Cheia’, publicados nesta folha no mez passado, tanto commoveram a sociedade fluminense. Foi visto pela última vez na noite de Finados, sabindo de sua residência na Rua da Glória. A família pede a quem souber de seu paradeiro...*”

Parei.

Ele estava completamente imóvel ao meu lado. A mão no meu joelho tinha ficado rígida.

— *Maré Cheia* — falei, baixinho.

— Não lembro.

— Espera. — Eu voltei à busca. *Maré Cheia*. Outubro de 1889. *Gazeta de Notícias*.

Apareceu na primeira página de resultados. Uma página inteira de jornal, amarelada na digitalização, com colunas apertadas de texto. E no canto inferior direito, emoldurado por uma pequena vinheta de folhas, um soneto.

Eu ampliei a imagem. As letras tremiam na tela, borradas pela digitalização. Mas dava para ler.

E eu li. Em voz alta. Para ele.

MARÉ CHEIA

*Quando a maré me traz o teu silêncio
e a Glória acende as lâmpadas do cais,
eu guardo o mar num frasco de esquecimento
e escrevo, para que não morras mais.*

*Não morras tu, que és tudo o que me resta,
nem morra o verso, que é de ti que vem;
a tinta é sangue, a página é uma fresta,
e o mundo passa e não repara em ninguém.*

*Mas se um dia a maré, que tudo leva,
vier cobrar-me a voz que te cantou,
que a noite, mãe de tudo, não te esqueça,*

*e que alguém, lendo, saiba quem eu sou:
que o nome é sal, e o sal é o que se entrega,
e o que se entrega é tudo o que ficou.*

A. V.

Quando terminei, a sala estava em silêncio.

Eu me virei para ele. Ele estava olhando para a tela. Os olhos de fogo estavam fixos naquelas letras tremidas, e o rosto dele — eu nunca vou esquecer o rosto dele. Era o rosto de alguém ouvindo uma música que ouviu na infância, que nunca mais tinha escutado, e que de repente reconhece nos primeiros acordes.

— *Que o nome é sal* — sussurrou ele.

— Você lembra?

— Não. — Ele balançou a cabeça. — Não lembro de ter escrito. Mas eu... — Ele tocou o peito, sobre a marca. — Eu conheço. Eu conheço isso aqui dentro. Como se fosse... como se fosse o gosto de alguma coisa.

— *Sal e tinta* — falei, devagar. — Você disse que a minha alma tinha gosto de sal e tinta.

Ele olhou para mim.

— *E o que se entrega é tudo o que ficou* — continuei. — Você escreveu isso em 1889. Que o nome é sal, e o sal é o que se entrega. Você sabia. Você sabia que ia perder o nome, e escreveu um poema sobre isso antes de perder.

— Eu não...

— A. V. — Eu aponte para a tela. — Primeira letra: A. Como no contrato. E um V. Rua da Glória, de frente para a baía. Um poeta jovem que sumiu na noite de Finados. Você tem o primeiro nome e o sobrenome em iniciais, e um soneto, e um endereço. — Minha voz tremia. — A gente tá perto. A gente tá tão perto.

Ele não respondeu. Ficou olhando para o soneto na tela por muito tempo. Depois estendeu a mão, devagar, e tocou a tela do notebook com a ponta dos dedos, bem em cima das iniciais. A. V.

E eu vi, pela primeira vez desde que o conhecia, uma lágrima de verdade escorrer pelo rosto dele. Não era chuva. Não podia ser. Escorreu devagar pela

maçã do rosto e caiu na manga da camisa preta, e deixou uma pequena mancha escura.

— *Eu guardo o mar num frasco de esquecimento* — leu ele, baixinho, com a voz rachada.

E então fez uma coisa estranha. Levou a mão ao peito, ao lado esquerdo do paletó, e a deixou ali, espalmada, como se estivesse segurando alguma coisa por baixo do tecido. Alguma coisa pequena. Alguma coisa que queimava.

Eu não perguntei o que era.

Eu devia ter perguntado.

CAPÍTULO

15

Sono Sem Sonhos

— CELINA —

DANDARA CAIU NO sono numa sexta-feira à noite, ao vivo, diante de oitenta e dois mil espectadores.

Eu só soube depois. Eu estava no sofá, com a cabeça no colo dele, lendo pela vigésima vez o soneto *Maré Cheia* que eu tinha imprimido e colado na parede da sala, ao lado do mapa de setas — *Otávio* → *Malthus* → *caneta* → *cópia-testemunha* —, quando o meu celular começou a vibrar sem parar. Mensagens. Dezenas. Centenas. Marcações no Instagram, no TikTok, no X. *Celina você viu a Dan??? O que aconteceu com a Dandara???? ALGUÉM CHAMA UMA AMBULÂNCIA gente isso é marketing? é marketing né?*

Eu abri o vídeo com as mãos tremendo.

Era uma live. A Dandara estava no apartamento dela, na Vila Mariana, sentada diante da estante colorida que era o fundo de todos os vídeos dela. Usava os óculos verdes e uma camiseta da Rainha Queimada. Estava radiante. No colo dela, uma caixa grande de papelão preto com uma pena dourada gravada na tampa.

— Gente, gente, *gente* — dizia ela, para a câmera, rindo. — Olha o que chegou aqui em casa. A Lume me mandou em primeira mão. É a prova do box de colecionador que vai ser lançado no dia vinte e três no Theatro Municipal, e eu sou a primeira pessoa no Brasil a abrir. Vocês tão prontos?

Os comentários passavam na lateral da tela numa velocidade absurda. Corações, chamadas, *ABRE LOGO*.

Eu senti o sangue descer do rosto.

— Não — sussurrei. — Não, não, não...

No vídeo, Dandara abriu a caixa. Tirou o primeiro volume, encadernado em tecido preto, as bordas vermelhas. Mostrou para a câmera. Abriu a capa.

— E olha isso — disse ela. — Folha de rosto autografada. Autografada à *mão*, gente, pela própria Celina Duarte, que é a minha melhor amiga e que vai me matar por eu estar falando isso em público, mas eu não ligo. Olha a assinatura dela. Olha que linda essa tinta. Parece sangue. — Ela passou o dedo sobre a assinatura, como uma carícia. — Celina, se você estiver vendo isso, eu te amo, sua...

Ela parou.

A mão dela ficou suspensa sobre a página. O sorriso continuou no rosto, mas os olhos ficaram vazios, de repente, como se alguém tivesse apagado uma luz atrás deles. Ela piscou uma vez. Duas. E então a cabeça dela tombou devagar para o lado, e o corpo dela escorregou da cadeira e caiu no tapete, fora do quadro, e a câmera continuou mostrando a estante colorida e a cadeira vazia e o livro aberto, caído, com a assinatura vermelha virada para cima.

Os comentários explodiram.

Eu já estava de pé.



Ele me levou pelas dobras da cidade. Eu não lembro do caminho. Lembro de sair do Copan e, um minuto depois, estar na porta do prédio da Dandara, onde já havia uma ambulância do SAMU e duas viaturas da polícia e uma pequena multidão de vizinhos de pijama. Lembro de subir as escadas correndo, de empurrar um paramédico, de ver a Dandara deitada no chão do

apartamento com uma máscara de oxigênio no rosto, o corpo inteiro mole, os olhos fechados.

E lembro do livro. Ainda no chão, aberto. A assinatura brilhando fraca, num vermelho que pulsava.

Era uma das dezessete. Uma das dezessete folhas que eu tinha assinado naquela tarde, na sala do Otávio, antes de ele arrancar a caneta da minha mão.

Eu tinha feito isso. Eu tinha assinado aquilo. E Otávio tinha escolhido mandar justamente para ela.

— Ele sabia — falei, no corredor do hospital, uma hora depois. — Ele sabia quem ela era pra mim. Ele escolheu ela de propósito.

— Sim.

— Pra me punir. Porque eu rasguei as folhas. Porque eu disse não pro Malthus na Corte.

— Para te mostrar o que acontece se você continuar dizendo não. — A voz dele estava muito baixa. Ele estava parado ao meu lado, as mãos nos bolsos, olhando através do vidro da porta para o quarto onde a Dandara estava deitada, ligada às mesmas máquinas que a Bia. — É uma mensagem.

— Então eu vou responder.

Ele se virou para mim.

— Como?

Eu não sabia. Eu não tinha a menor ideia. Mas eu me lembrei de uma coisa que a Ondina tinha dito, na primeira vez que fomos ao sebo, e que eu tinha anotado no caderno e sublinhado: *uma lasca de alma alheia, tomada à força, não sai limpa. Ela leva junto um pedaço do hospedeiro. A pessoa fica vazia. Não morre. Dorme.*

Não morre. Dorme.

— Você entra nos sonhos das pessoas — falei. — Pra colher. Você me disse isso. Que a alma fica mais perto da pele quando a pessoa dorme.

Ele ficou imóvel. Por um segundo, eu tive a impressão de que ele tinha empalidecido — se é que era possível ele ficar mais pálido.

— Eu disse isso?

— Disse. No terceiro dia. — Eu agarrei o braço dele. — Você consegue entrar no sono da Dandara?

— Ela não está sonhando, Celina. Esse é o problema. Não há sonho para entrar.

— Mas tem alguma coisa. Ela não tá morta. Tem alguma coisa lá dentro, segurando ela. Se você consegue sentir as almas num prédio inteiro, você consegue sentir a dela. — Eu apertei mais. — Me leva junto.

— Não.

— *Me leva junto.*

— É perigoso. Você não sabe o que tem lá. Você já está sem a maior parte da sua alma, e um sono sem sonhos é...

— É a minha melhor amiga — falei, e a voz saiu rachada, enorme, ecoando no corredor do hospital. Uma enfermeira olhou para nós do balcão. Eu baixei o tom. — É a pessoa que me achou na escada do prédio com terra de cemitério nos joelhos, sete anos atrás, e não perguntou nada. Que me levou pra casa dela e me deu banho e me deixou dormir na cama dela por um mês. Que organiza a minha vida, que briga com os meus haters, que me obriga a comer. É a única família que eu tenho. E ela tá lá dentro porque eu assinei um livro.

Ele olhou para mim por muito tempo.

Depois tirou a mão do bolso e segurou a minha.



Às três da manhã, depois que a mãe da Dandara finalmente aceitou ir para casa descansar e a enfermeira do plantão noturno fez a última ronda, nós entramos no quarto.

Ele me fez deitar na poltrona reclinável ao lado da cama. Segurou a minha mão esquerda, com os dedos sobre a marca, e com a outra mão segurou a mão da Dandara. Os dedos dela estavam frios.

— Feche os olhos — disse ele. — E não solte a minha mão. Aconteça o que acontecer. Se você soltar, eu não sei se consigo te trazer de volta.

— E se eu ver alguma coisa?

— Você vai ver muitas coisas. Nenhuma delas é real. E todas elas podem te machucar.

— Isso não faz sentido.

— Bem-vinda ao sono.
Eu fechei os olhos.



No começo, não havia nada.

Escuridão. Não a escuridão de um quarto com a luz apagada; a escuridão de antes da primeira palavra. Silêncio absoluto. Eu não sentia meu corpo, não sentia o chão, não sentia nada além da mão dele na minha, um ponto de calor no meio do vazio, como uma única brasa no fundo de uma lareira apagada.

E então, muito longe, eu vi uma luz.

Vermelha.

Comecei a andar na direção dela. Não sei como andava, sem pernas, sem chão; mas andava, e a mão dele me puxava, e a luz foi crescendo, e à medida que crescia, a escuridão ao redor começou a tomar forma. Árvores. Troncos negros e retorcidos, sem folhas, como os de uma floresta depois de um incêndio. Chão de cinza, macio e quente sob meus pés. Um céu sem estrelas, vermelho nas bordas.

Eu conhecia aquele lugar.

— É Vael — sussurrei. — É a Floresta Queimada. Do livro três.

— É o que restou dela na cabeça da sua amiga — disse ele, ao meu lado. Eu me virei. Ele estava ali, de terno cinza, os olhos de fogo, mas a sombra dele no chão de cinza tinha as asas abertas, enormes. — A última coisa que ela amou antes de cair. O seu livro.

— Cadê ela?

Ele apontou.

No meio da floresta, numa clareira, havia uma figura sentada no chão. Era a Dandara — mas não a Dandara de verdade. Era a Dandara como ela devia se imaginar quando lia os meus livros: vestida com a armadura de couro e o manto vermelho de Íris, a amiga de Néssa, com as tranças soltas e uma maçã na mão. Estava sentada de pernas cruzadas, imóvel, olhando para o nada.

E do peito dela saía um fio.

Um fio vermelho-escuro, fino como uma linha de costura, brilhante como tinta molhada. Saía do centro do peito dela e subia, se esticando por entre as

árvores mortas, para cima, para longe, até desaparecer no céu vermelho. Pulsava. A cada pulsação, alguma coisa brilhante deslizava por ele — pequenas faíscas, como vaga-lumes, subindo do peito da Dandara e indo embora pelo fio.

— Ele está puxando — disse ele. — Devagar. Uma lasca de cada vez. Quando terminar, ela não vai ter mais nada.

— Corta.

— Se eu cortar, ela vai junto. O fio está costurado na alma dela. É como arrancar uma linha de um tecido: o tecido rasga.

— Então desfaz. Desfaz o nó.

— Eu não sei desfazer. Eu só sei colher. — Ele se ajoelhou ao lado da Dandara-Íris, olhando o fio com uma frustração que eu sentia pela marca como uma queimadura. — Esta é uma pena de cobrança, Celina. É uma escrita. Uma escrita da Corte. Eu não sou escriba. Eu sou Cobrador. Eu não sei *escrever*.

Eu fiquei olhando para ele. Para o fio. Para a Dandara vestida de Íris, sentada no chão de cinza de uma floresta que eu tinha inventado num quarto-esala com infiltração, numa madrugada de 2021.

Uma escrita.

Eu não sei escrever.

Mas eu sabia.

Eu me ajoelhei do outro lado da Dandara. Olhei ao redor. A floresta tinha sido descrita por mim, palavra por palavra, no capítulo quatro de *A Torre Partida*. Eu sabia cada árvore. Eu tinha escrito cada uma delas. E se aquele lugar era feito do que restava do meu livro na cabeça dela, então era feito de palavras.

Das minhas palavras.

Eu não tinha papel. Não tinha caneta. Então fiz a única coisa que me ocorreu: falei. Em voz alta. Do jeito que eu falava quando lia meus capítulos para mim mesma, de madrugada, para ouvir o ritmo das frases.

— *E no meio da Floresta Queimada* — falei, devagar, com a voz tremendo —, *começou a chover*.

Nada aconteceu.

Eu fechei os olhos. Pensei na Dandara de verdade. No riso dela, no vestido amarelo, no café gelado. Pensei em escrever como eu escrevia antes, antes de tudo ficar frio — com tudo o que eu tinha.

— *E no meio da Floresta Queimada* — repeti, e dessa vez senti alguma coisa sair de mim, uma pequena brasa, uma lasca do pouco que me restava —, *começou a chover. Uma chuva morna, de verão, que cheirava a mar e a cozinha de domingo. E a cinza virou lama, e a lama virou terra, e na terra, onde Íris estava sentada, brotou uma flor.*

Eu abri os olhos.

Estava chovendo.

Uma chuva fina e morna caía do céu vermelho, molhando as árvores mortas, o chão de cinza, o terno dele, o manto de Íris. E onde as gotas caíam, a cinza escurecia e virava lama. E no chão, ao lado do joelho da Dandara, um broto verde minúsculo tinha rompido a terra.

Ele estava olhando para mim com uma expressão que eu nunca tinha visto. Não era espanto. Era reconhecimento. Como se ele tivesse acabado de entender uma coisa que estava escrita na frente dele o tempo todo.

— Continue — disse ele, muito baixo.

Eu olhei para o fio vermelho que saía do peito da Dandara.

— *A linha que prendia Íris* — falei — *era feita de uma tinta roubada. E toda tinta roubada, quando molha, borra.*

O fio estremeceu. A chuva caía sobre ele e, onde caía, a tinta vermelha começava a escorrer, a borrar, a perder a forma. O fio ficou mais fino. Mais pálido. As faíscas que subiam por ele começaram a hesitar, a ficar presas no meio do caminho, como bolhas num canudo.

— *E as faíscas que já tinham subido* — continuei, e senti mais uma lasca sair de mim, e mais outra, e a minha visão começou a escurecer nas bordas — *pararam no meio do caminho e lembraram de onde tinham vindo.*

Algumas faíscas pararam. Ficaram suspensas no ar, brilhando, como estrelas pequenas. E então, devagar, uma por uma, começaram a descer de volta pelo fio, em direção ao peito da Dandara.

Não todas. Talvez metade. Mas desceram.

— *E o fio...* — Eu estava ofegando. Não conseguia respirar direito. A floresta girava ao meu redor. — *E o fio afrouxou.*

O fio afrouxou. Não se rompeu; ficou ali, ligando a Dandara ao céu, mas frouxo, borrado, pálido, quase transparente. Já não pulsava. Nenhuma faísca subia mais por ele.

Eu caí para a frente.

Ele me segurou. Senti os braços dele ao meu redor, a mão dele ainda presa na minha, o calor dele, e ouvi a voz dele dizendo o meu nome, *Celina, Celina, Celina*, de muito longe, como através de água. A floresta começou a se desfazer. As árvores viraram fumaça. A chuva virou névoa. A Dandara-Íris, sentada no chão, ergueu os olhos para mim por um instante — e eu juro que ela me viu, e que sorriu — antes de tudo se apagar.



Acordei na poltrona reclinável do Hospital das Clínicas, com o sol entrando pela janela e ele ajoelhado no chão ao meu lado, segurando a minha mão com as duas mãos dele, a testa encostada nos meus dedos.

— Ela acordou? — perguntei. A voz saiu como lixa.

Ele ergueu a cabeça. Os olhos dele estavam vermelhos — não de brasa; vermelhos como os de um homem que não dormiu e passou a noite com medo.

— Não — disse ele. — Mas está estável. O fio não está mais puxando. Ela vai ficar assim, dormindo, mas não vai piorar. Até a gente conseguir desfazer de vez.

Olhei para a cama. A Dandara estava deitada do mesmo jeito, com as mesmas máquinas. Mas havia alguma coisa diferente no rosto dela. Uma cor nas bochechas. E debaixo das pálpebras fechadas, muito leve, quase imperceptível, os olhos dela se mexiam.

Ela estava sonhando.

Eu comecei a chorar.

Ele não disse nada. Só ficou ali, ajoelhado, segurando a minha mão. Depois de muito tempo, quando eu já tinha parado, ele falou, muito baixo, como quem confessa um crime:

— Você reescreveu uma pena de cobrança.

— Eu só falei.

— Você falou, e o sonho obedeceu. Você pegou uma escrita da Corte e mudou o que ela dizia. — Ele ergueu os olhos para mim. — Celina. Isso não é possível. Nenhum humano consegue fazer isso.

— Então talvez eu não seja tão humana quanto você pensa.

Eu disse aquilo como piada. Mas ele não riu.

Ele me olhou como se eu fosse uma coisa que ele não sabia se devia proteger ou temer. E eu senti, pela marca, por baixo do alívio e do cansaço, uma coisa nova se mexendo dentro dele.

Esperança. E por baixo da esperança, uma coisa escura, pesada, que eu ainda não sabia que nome tinha.

Era culpa.

CAPÍTULO

16

Asas de Cinza

— A Z A E L —

ELA DORMIU POR catorze horas depois do hospital.

Eu fiquei ao lado dela o tempo todo. Não deitado; sentado na cadeira de madeira da escrivaninha, como na primeira noite, com a mão sobre o pulso dela. Ela não acordou nem quando o sol se pôs, nem quando a cidade acendeu as luzes, nem quando a vizinha do apartamento ao lado começou a ensaiar Chopin no piano, mal, como fazia todo sábado.

Eu passei aquelas catorze horas pensando no que tinha visto.

Ela tinha falado, e o sonho tinha obedecido. Ela tinha dito *começou a chover*, e começou a chover. Ela tinha dito *toda tinta roubada, quando molha, borra*, e a pena de cobrança — uma escrita da Corte, uma coisa que nenhum mortal deveria sequer conseguir ler — tinha borrado. Eu tinha visto. Eu tinha estado lá, segurando a mão dela, e tinha sentido cada palavra sair de dentro dela como uma lasca de fogo, e mudar o mundo.

Os tratados de Ondina tinham uma palavra para isso. Uma palavra antiga, usada pela última vez num documento do século doze, e depois esquecida, porque não havia mais ninguém a quem aplicá-la.

Escriba.

Não os escrivães da Corte, que copiam e arquivam. Escriba. Aquele que escreve os contratos. Aquele cuja palavra é lei.

A Senhora das Dívidas era uma escriba. Talvez a última.

E agora, no trigésimo segundo andar do Edifício Copan, havia outra, dormindo na minha camisa, com a boca entreaberta e uma ruga pequena entre as sobrancelhas.

Eu tirei o frasco do bolso.

Quarenta e uma lascas. Eu tinha continuado a colher. Toda noite. Mesmo depois do terraço. Mesmo depois da primeira vez em que ela me beijou, mesmo depois da noite em que disse *sim, sim, sim, cansei, sim*. Eu tinha deitado ao lado dela, esperado que ela dormisse e descido pelos andares do prédio, e colhido. Uma lasca por noite. Às vezes duas. E voltado, e deitado ao lado dela de novo, com o frasco no bolso do paletó pendurado na cadeira, a menos de um metro da cabeça dela.

E ela tinha visto cores quando eu estava perto. Ela tinha sentido o gosto da minha boca.

Não era eu. Nunca tinha sido eu. Era o frasco. Eram as quarenta e uma lascas dela, presas no vidro, chamando por ela através do bolso de um paletó como um cão chama o dono através de uma porta. Quando eu estava perto, ela estava perto delas. E elas devolviam a ela um pouco do mundo.

Ela tinha me dito *você tem cor*. E eu tinha dito *não sei por quê*.

Eu era um mentiroso. Eu sempre tinha sido; era metade do meu ofício. Mas eu nunca tinha mentido para alguém que me olhasse daquele jeito.

Segurei o frasco contra a luz da cidade. Quarenta e uma faíscas pulsando. Se eu abrisse agora e as derramasse no peito dela, ela acordaria com um pouco mais de si mesma. Um pouco mais de cor, de gosto. Talvez conseguisse escrever uma frase quente. E eu teria que dizer de onde tinham vindo.

E ela me olharia como olhou para Otávio, naquela sala, quando ele disse *estava*.

Guardei o frasco.

Foi nesse momento que senti o cheiro de pêssego.



Não veio pela janela. Veio pelas paredes.

Eu senti antes de ver: uma pressão, um calor oleoso se infiltrando pelo concreto, pelos canos, pelas frestas das tomadas. O piano da vizinha parou no meio de um compasso. A luz do abajur ficou amarelada, depois marrom. E então as paredes do quarto começaram a suar — gotas grossas, viscosas, cor de mel, escorrendo pela tinta azul que Celina tinha escolhido, deixando rastros que fumegavam.

— Celina — falei. — Acorde.

Ela não acordou. Ela tinha gastado demais no sonho da amiga; estava num sono tão fundo que nem a marca a alcançava.

Eu me levantei.

Do teto, começaram a cair coisas. Pequenas, primeiro, como baratas. Depois maiores. Farejadores — não como o do beco, inteiros, mas pedaços deles, fragmentos, como se Malthus tivesse pegado uma dúzia de cães e os moído juntos: mãos cinzentas sem braços, rostos sem olhos rastejando pelo chão, bocas que se abriam e fechavam farejando. *Sal e tinta. Sal e tinta. Sal e tinta.* Eles vinham do teto, das paredes, de dentro do guarda-roupa. Vinham em direção à cama.

Eu parei de fingir que era um homem.

Eu não sei descrever como é. Há uma forma que eu uso para andar entre eles, e há a outra, a verdadeira, a que a Corte me deu quando tirou o meu nome. É maior do que um quarto. É feita de fumaça e de brasa e de uma coisa que não tem nome em língua humana, e quando eu a deixo sair, a sombra que eu projeto no chão deixa de ser uma sombra e passa a ser a coisa em si.

As asas se abriram e encheram o quarto. Os farejadores que estavam mais perto pegaram fogo antes de me tocar. Os outros recuaram, guinchando, se enfiando de volta nas paredes, nas frestas, debaixo da cama. Eu os persegui. Arranquei-os dos cantos como quem arranca erva daninha, e cada um que eu tocava virava cinza e caía sobre o tapete como neve suja.

Não eram eles o problema. Eu sabia disso enquanto os queimava. Eles eram a distração.

O problema veio pela sala.



A porta do quarto se abriu sozinha, devagar, rangendo. E do outro lado, no meio da sala dela, entre a estante e o sofá, onde eu tinha aparecido pela primeira vez na noite de Finados, estava Malthus.

Não o homem gordo de terno de linho branco. A outra coisa.

Uma boca. Do chão ao teto. Sem lábios, sem rosto, sem corpo, só uma abertura enorme e escura cercada de fileiras e fileiras de dentes que se moviam em direções diferentes, como engrenagens, como as lâminas de um moedor. Ela respirava. Cada respiração puxava o ar da sala para dentro, e com o ar vinham coisas — papéis da mesa de trabalho dela, o caderno de anotações, os livros da estante. Eu vi *A Filha da Cinza* deslizar da prateleira e voar para dentro daquela boca e desaparecer entre os dentes com um som de papel triturado.

— *Cobrador* — disse a boca. A voz vinha de todo lugar ao mesmo tempo, gorda e molhada. — *Ela borrou a minha tinta.*

— Ela fez o que você não sabe fazer.

— *Ela não deveria saber fazer.* — A boca se abriu mais. As fileiras de dentes giraram. — *Nenhum deles deveria. Você sabe o que ela é? Você sabe o que isso significa?*

— Sei.

— *Então você sabe por que eu não posso esperar até a lua nova.* — A respiração da boca ficou mais forte. A estante inteira estremeceu. — *Eu não preciso dela viva até o dia vinte e três, Cobrador. Eu preciso da mão dela. Da mão direita. Que assina.*

Eu me pus entre a boca e a porta do quarto.

— Você vai ter que passar por mim.

— *Eu sei.* — E eu ouvi, naquela voz, uma coisa que parecia um sorriso. — *Eu estava contando com isso.*

E veio.

Eu já tinha lutado contra outros da Corte antes, em cento e trinta e cinco anos. Disputas de território, cobradores rivais, uma vez um senhor da Quarta

Casa que achou que podia levar uma alma minha. Eu sempre tinha vencido. Eu era rápido, eu era preciso, eu não sentia medo porque não tinha nada a perder.

Mas eu nunca tinha lutado com alguma coisa atrás de mim que eu precisasse proteger.

E isso muda tudo. Isso torna você lento. Cada movimento que você faz, você calcula duas vezes: uma para atacar e outra para ter certeza de que o ataque não vai abrir uma brecha por onde o inimigo possa chegar ao que está atrás. Você não pode recuar, não pode desviar, não pode deixar passar. Você só pode ficar. E aguentar.

Eu aguentei.

A boca de Malthus veio contra mim como uma onda de dentes, e eu abri as asas e a recebi. Senti os dentes se fecharem sobre uma das asas e arrancarem um pedaço — não de carne, de *mim*, de alguma coisa que eu era —, e a dor foi tão grande que a sala ficou branca. Eu queimei. Queimei tudo o que podia queimar: o ar, o chão, os dentes que me mordiam. O fogo saiu de mim em ondas, e os dentes de Malthus estalaram e enegreceram, e a boca guinchou, um som tão agudo que todos os vidros do apartamento racharam ao mesmo tempo.

Mas ela não recuou. Ela mordeu de novo.

Dessa vez no ombro. Na forma verdadeira, eu não tenho ombros como os deles, mas o lugar onde as asas se ligam ao resto de mim — ali. Os dentes entraram fundo. E começaram a puxar. Eu senti, horrorizado, que ele não estava só mordendo; estava *comendo*. Estava arrancando pedaços do que eu era e engolindo, um de cada vez, como quem come uvas de um cacho.

— *Cento e trinta e cinco anos de serviço* — disse a boca, com a voz abafada por dentro de mim. — *Você deve ter um gosto ótimo.*

E então ouvi a voz dela.

— *A cinza também é fogo.*

Celina estava de pé na porta do quarto.

Descalça, com a minha camisa branca, o cabelo desgrenhado, os olhos ainda pesados de sono. Ela estava segurando o pulso esquerdo, onde a marca brilhava tanto que iluminava o rosto dela de vermelho. Tinha acordado com a

minha dor. Eu sabia. A marca tinha feito o que eu não consegui: tinha chegado até ela.

— *A cinza também é fogo* — repetiu ela, com a voz rouca, e senti uma lasca sair dela, uma faísca, uma coisa pequena e quente. — *E o que queima uma vez, sabe queimar de novo.*

As cinzas no chão — as cinzas dos farejadores, espalhadas pelo tapete, pela madeira, pelos livros — se acenderam.

Todas ao mesmo tempo. Como pólvora. Uma onda de chamas brancas e douradas que subiu do chão e envolveu a boca de Malthus como uma rede. Os dentes estalaram. A boca guinchou de novo, e dessa vez havia dor de verdade naquele som. Soltou o meu ombro. Recuou.

— *Escriba* — sibilou, e a palavra estava cheia de ódio e, por baixo, de medo. — *Escriba.*

E se desfez.

Como gordura escorrendo numa frigideira quente: a boca se encolheu, derreteu, escorreu para dentro do assoalho e desapareceu, deixando para trás uma mancha engordurada no tapete, o cheiro enjoativo de pêssago podre, e um silêncio tão completo que eu ouvia o zumbido dos vidros rachados nas janelas.

Eu caí.



Acordei — se é que eu durmo, se é que aquilo era acordar — no chão da sala, com a cabeça no colo dela.

Eu ainda estava na forma verdadeira. Ou quase. As asas estavam abertas sobre o chão da sala, enormes, de fumaça e brasa e cinza, ocupando o espaço entre o sofá e a estante. Uma delas estava rasgada, com um pedaço faltando, as bordas fumegando. O meu ombro — o lugar onde as asas se ligavam a mim — era uma ferida aberta, escura, de onde escorria uma coisa que não era sangue, mas que era a coisa mais parecida com sangue que eu tinha. Preta e quente, como piche.

Ela estava olhando para mim.

Eu nunca tinha deixado ninguém me ver daquele jeito. Nenhum devedor, nenhum humano. Os poucos que viam, viam no último segundo, quando eu colhia, e o que viam não era isso: era um vislumbre, um pesadelo, uma coisa que eles não tinham tempo de entender.

Ela tinha tempo. Ela estava ali, sentada no chão da sala destruída, com a minha cabeça no colo e as minhas asas espalhadas ao redor dela, e me olhava com calma. Com atenção. Do jeito que olhava para uma frase difícil.

Ela ergueu a mão e tocou uma das asas. A que estava inteira.

Eu estremeci.

— Dói? — perguntou ela.

— Não essa.

Ela passou os dedos devagar pela borda da asa, onde a fumaça se desfazia em fios cinzentos. Eu sentia cada toque como se ela estivesse tocando a minha pele nua.

— São bonitas — disse ela.

— Não são.

— São. São como cinza logo depois que o fogo apaga. Quando ainda tá quente. — Ela olhou para o meu rosto. — Os seus olhos ficam maiores assim. Mais... vivos.

— Celina.

— Hum.

— Você deveria ter medo.

— Eu tive medo. — Ela continuou acariciando a asa. — Quando eu acordei e senti você gritando. Eu nunca tive tanto medo na minha vida. Eu achei que ele ia te matar.

— Ele quase matou.

— Eu sei. — A voz dela tremeu. — Eu vi.

Ficamos em silêncio. Lá fora, ouvi sirenes. Os vizinhos deviam ter chamado os bombeiros por causa do barulho, dos vidros, do cheiro de queimado. Em alguns minutos, alguém ia bater na porta.

Eu fechei os olhos. Deixei a forma verdadeira se recolher, devagar, dolorosamente — as asas encolhendo, a fumaça voltando para dentro de mim, a sombra no chão voltando a ter o tamanho de um homem. A ferida no ombro

continuou ali, escura, aberta, na pele humana. Ela pressionou a mão sobre ela.

— Você protegeu a porta — disse ela. — Você podia ter desviado. Eu vi. Teve um momento em que você podia ter desviado e não desviou.

— Se eu desviasse, ele chegava em você.

— Você preferiu ser comido.

— Sim.

— Por quê?

Eu abri os olhos. Olhei para ela. Para o rosto dela, iluminado de vermelho pela marca, sujo de cinza, os olhos molhados. Para a minha camisa branca, agora manchada de preto onde ela tinha encostado na minha ferida.

E disse a única coisa verdadeira que eu tinha.

— Eu não sei o que é isso — falei. — Isso que eu sinto. Eu não sei o nome. Eu nunca senti antes, nem quando eu tinha nome. Eu não sei se é fome, ou doença, ou loucura. — Ergui a mão, a queimada, e toquei o rosto dela. — Mas é seu. Tudo o que eu sou, o que sobrou, o que a Corte me deixou. É seu.

Ela não respondeu. Só se inclinou e encostou a testa na minha.

E eu, com o frasco de quarenta e uma lascas queimando no bolso do paletó pendurado na cadeira do quarto, a seis passos de distância, não tive coragem de dizer o resto.

CAPÍTULO

17

Cinco Dias

— CELINA —

OS BOMBEIROS CHEGARAM às quatro e vinte da manhã. Eu atendi a porta com um roupão por cima da camisa manchada e disse que tinha sido um curto-circuito no ar-condicionado. O tenente olhou para os vidros rachados, para a mancha engordurada no tapete, para as cinzas espalhadas por toda a sala, e depois para mim.

— Curto-circuito — repetiu.

— Foi assustador.

— Tem alguém ferido?

Atrás de mim, no sofá, ele estava sentado com uma toalha pressionada contra o ombro, de camisa preta, pálido como papel. Ele ergueu a mão boa num cumprimento educado.

— Meu namorado se cortou num vidro — falei. — Mas já fiz curativo.

Foi a primeira vez que eu disse aquela palavra. *Namorado*. Saiu sem eu pensar, e ficou pairando na sala entre nós três como um balão.

O tenente anotou alguma coisa numa prancheta, recomendou que eu chamasse um eletricista e foi embora. Eu fechei a porta. Encostei as costas nela.

Ele estava me olhando do sofá.

— Não começa — falei.

— Eu não disse nada.

— Você tá pensando.

— Eu estou sempre pensando. — Um canto da boca dele subiu. —

Namorado?

— Era isso ou “o demônio que mora comigo foi mordido por uma boca gigante”.

— Eu teria aceitado a segunda opção.

— O tenente não.

Ele riu. Baixinho, com dor, segurando o ombro. E eu fiquei ali, encostada na porta, olhando para ele rir no meio da minha sala destruída, e pensei que aquele era o som mais bonito que eu já tinha ouvido.



Os dias seguintes foram estranhos. Não tenho outra palavra para eles.

Eram dias roubados. Eu sabia disso enquanto os vivia. Faltavam nove dias, depois oito, depois sete, e a Dandara continuava dormindo no Hospital das Clínicas — sonhando agora, os médicos estavam perplexos, mas sem acordar —, e Malthus estava lá embaixo, em algum lugar, lambendo as feridas, e Otávio não atendia as minhas ligações, e o lançamento no Theatro Municipal continuava marcado, com os ingressos esgotados e a imprensa anunciando *a noite mais esperada do ano literário*. Eu sabia de tudo isso. Eu pensava nisso o tempo todo.

E mesmo assim, eram dias felizes.

Um vidraceiro veio trocar os vidros das janelas. Ele ficou sentado no sofá, com o ombro enfaixado, lendo os tratados de Ondina, e o vidraceiro, um senhor baiano de setenta anos chamado Seu Arlindo, conversou com ele por duas horas sobre a história do Copan, sobre o Niemeyer, sobre o Centro antigo. Ele sabia coisas. Coisas que ninguém sabia. *O senhor tem certeza de*

que o Theatro Municipal tinha um alçapão embaixo do palco que dava para o rio? Tenho, Seu Arlindo. Eu vi. Seu Arlindo foi embora encantado e me disse na porta: *esse seu moço é um sábio, menina. Cuida dele.*

Eu cozinhei. Mal, porque não sentia o gosto, mas cozinhei. Ele comeu — pela primeira vez, ele comeu alguma coisa de verdade, um prato de feijão com arroz que eu tinha feito do jeito da minha mãe, com louro e um pedaço de bacon. Comeu devagar, com uma concentração religiosa, e quando terminou ficou em silêncio por muito tempo.

— E aí? — perguntei.

— Não sinto gosto — disse ele. — Nunca senti, desde que... desde a Corte.

— Ah.

— Mas eu sinto que você fez. — Ele olhou para o prato vazio. — Isso tem um gosto. Não na boca. Em outro lugar.

Eu tive que sair da cozinha para ele não me ver chorar.

À noite, a gente dormia junto. Debaixo do lençol, agora, sempre. Às vezes só dormia; às vezes não. Ele continuava perguntando — *posso? você quer? tem certeza?* — e eu continuava dizendo sim, e depois a gente ficava deitado no escuro, e ele me contava coisas. Coisas da Corte, das Casas, das regras. Coisas de São Paulo de cem anos atrás, quando os bondes passavam pela Rua Direita e o Viaduto do Chá era de ferro. Coisas que ele tinha visto e que ninguém vivo lembrava.

E eu contava coisas da minha mãe. Coisas que eu não contava para ninguém. A vez em que ela costurou um vestido de noiva inteiro em três dias, sem dormir, porque a noiva tinha desistido do primeiro, e ganhou só o preço de um. A vez em que ela me levou para ver o mar de madrugada, na Ponta da Praia, e disse que a maré baixa era quando o mar ia buscar coisas que tinha esquecido do outro lado do mundo. *Ele sempre volta, Celina. Ele sempre volta pra buscar o que deixou aqui.*

— *Maré Baixa* — disse ele, no escuro.

— Foi daí que veio o título.

— E *Maré Cheia*.

Eu fiquei calada. Não tinha pensado nisso.

— A sua maré baixa — disse ele — e a minha maré cheia.



Na terça-feira, dia dezessete, eu descobri o nome dele.

Não foi na Hemeroteca. Eu tinha passado dias lá, procurando A. V. em todos os jornais do Rio de 1889 e 1890, em todas as listas de passageiros, em todos os registros de batismo que estavam digitalizados. Tinha encontrado dezenas de A. V.: Alfredo Vieira, Augusto Veloso, Américo Valadares. Nenhum era poeta. Nenhum morava na Rua da Glória.

Foi numa coisa que a Ondina tinha dito.

Eu estava na varanda, de manhã, com uma xícara de café e o paletó dele por cima dos ombros — tinha feito frio à noite, e ele tinha deixado o paletó na cadeira, e eu tinha pegado sem pensar. O café estava quente. E de repente, sem nenhum aviso, eu senti o gosto.

Café. Amargo, forte, com aquele fundo de chocolate que o café da Manti-queira tem. Eu engasguei. Fiquei olhando para a xícara como se ela tivesse falado comigo.

— Você tá aqui? — gritei para dentro.

— Estou no quarto — respondeu ele. Seis passos. Mais longe do que de costume.

Eu tomei outro gole. Gosto. Um gosto fraco, mas real. Eu puxei o paletó dele mais para perto do corpo, sentindo o cheiro de fumaça e cravo no tecido, e pensei que era ele. Que ele estava tão perto de mim agora, tão dentro de mim, que até o cheiro dele no tecido me devolvia o mundo.

Pensei isso. E acreditei. Foi uma das coisas mais bonitas e mais erradas em que eu já acreditei.

E foi pensando em cheiro que eu me lembrei.

O sebo. A primeira vez. O cheiro de papel velho e baunilha queimada. Ondina sem erguer os olhos do livro: *Cobrador. Não te vejo desde que você me vendeu aquele Machado autografado falso*. E ele: *Não era falso*. E ela: *Era falso e você sabe. A dedicatória dizia “ao amigo Antero”, e o Machado nunca teve amigo nenhum chamado Antero*.

Eu larguei a xícara na mesa da varanda com tanta força que o café derramou.



— Eu não lembro desse livro — disse ele, no táxi. — Não lembro de ter vendido para ela.

— Quando foi?

— Não sei. Há muito tempo. Década de cinquenta, talvez. — Ele franziu a testa. — Eu tinha algumas coisas. Poucas. Coisas que eu carregava sem saber por quê. Um tinteiro de vidro verde. Um relógio de bolso parado. Um livro. Eu me desfiz delas aos poucos, ao longo dos anos. Pareciam... pesadas.

— E você nunca abriu o livro?

— Abri. Vi a dedicatória. Achei que era de outra pessoa. Um livro de segunda mão, comprado em algum lugar. — Ele olhou pela janela do táxi. — *Antero* não significava nada para mim.

Ondina estava atrás do balcão, como sempre. Quando nos viu entrar, ergueu os olhos, viu o meu rosto e tirou os óculos.

— O Machado — falei, antes de dizer bom dia. — O Machado autografado que ele te vendeu. Você ainda tem?

Ela me olhou por um longo momento. Depois olhou para ele. E então, sem dizer nada, se levantou, foi até uma estante nos fundos, uma estante trancada com uma porta de vidro, tirou uma chave do bolso do cardigã e abriu.

Voltou com um livro pequeno, encadernado em couro marrom gasto, com letras douradas quase apagadas na lombada. *Várias Histórias*. Machado de Assis. Primeira edição, 1896.

Ela pôs o livro sobre o balcão e abriu na folha de rosto.

A dedicatória estava escrita numa caligrafia pequena e apertada, em tinta sépia, desbotada pelo tempo:

Ao amigo Antero Vaz, poeta da Glória, de cuja Maré Cheia este velho invejoso ainda guarda os versos de cor — e de cujo paradeiro ninguém sabe. Que este livro o encontre, onde estiver. — M. de A., 1896.

Eu ouvi ele parar de respirar.

— Eu achava que era falsa — disse Ondina, devagar. — Porque eu procurei, Cobrador. Eu procurei por anos. Não existe nenhum Antero Vaz em nenhum registro da obra do Machado. Nenhuma carta, nenhuma menção. Nenhum poeta com esse nome em nenhuma antologia. É como se ele nunca tivesse existido. — Ela olhou para ele. — Eu deveria ter entendido. A Corte não tira só o nome do contrato. Tira o nome do mundo. De todos os lugares onde ele estava escrito. Menos...

— Menos nos lugares onde alguém escreveu à mão, com amor — falei. — Uma dedicatória. Um poema assinado só com iniciais.

Eu me virei para ele.

Ele estava olhando para a página. Para a caligrafia de Machado de Assis. Para o nome escrito ali, em tinta sépia, cento e trinta anos antes, por um velho que tinha guardado os versos dele de cor e que nunca soube para onde ele foi.

— Antero — sussurrei.

Ele fechou os olhos.

— Antero Vaz.

E o mundo se dobrou.

Não sei descrever de outro jeito. A luz do sebo ficou dourada, por um segundo, como a luz de um fim de tarde à beira-mar. Senti cheiro de sal. Ouvi, muito longe, uma mulher cantando numa cozinha — uma modinha antiga, em português de outro século. E vi, como num lampejo, uma sala com uma janela aberta para a baía, e uma escrivaninha, e um tinteiro de vidro verde, e um rapaz de vinte e oito anos com a cicatriz no queixo e os olhos castanhos — *castanhos* — curvado sobre uma folha de papel, escrevendo como quem sangra.

E então passou.

Ele estava agarrado ao balcão com as duas mãos. Os nós dos dedos brancos. A respiração rápida e rasa.

— Eu vi — disse ele, rouco. — Eu vi a sala. A janela. Minha mãe... era minha mãe. Na cozinha. Cantando.

— Antero — eu disse de novo.

Ele estremeceu inteiro, como se o nome fosse uma corrente elétrica.

— Não... não diga assim. Não ainda. — Ele abriu os olhos. Estavam de brasa, como sempre. Mas no fundo, muito no fundo, por um instante, eu vi um anel castanho. — É demais. É como... é como água depois de cento e trinta anos no deserto. Eu vou me afogar.

Ondina fechou o livro com cuidado. Empurrou-o para ele sobre o balcão.

— É seu — disse ela. — Sempre foi.



Naquela noite, a gente fez um plano.

Sentados no chão da sala, com o livro de Machado aberto sobre o tapete novo e o soneto *Maré Cheia* colado na parede, e o mapa de setas, e as anotações, e os tratados de Ondina. Cinco dias. Faltavam cinco dias.

— A cópia-testemunha vai estar lá — falei. — No teatro. Tem que estar. Pra puxar dez mil lascas ao mesmo tempo, ela tem que estar perto, no mesmo lugar. A gente encontra a cópia, encontra quem tá com ela, e leva os dois pra Senhora. Malthus é julgado. As lascas não vão pra ele.

— E vão para onde?

Eu fiquei calada.

Era a pergunta. A pergunta que eu evitava havia dias. Se Malthus não pegasse as lascas, elas continuariam espalhadas nos leitores. E na lua nova, se a alma não estivesse inteira, eu viraria casca, e ele — Antero, Antero — deixaria de existir.

— A Ondina disse que a única forma limpa é eles devolverem — falei. — De livre vontade.

— Dez mil pessoas não vão devolver nada de livre vontade.

— Dez mil pessoas vão estar num teatro, à meia-noite, esperando eu ler.

Ele me olhou.

— Celina.

— Eu reescrevi um sonho. Eu acendi cinza com uma frase. Se eu subir naquele palco e ler, e se eu pedir... — Eu parei. — Eu não sei. Eu não sei se funciona. Mas é o que eu tenho.

— E se não funcionar?

— Então pelo menos eu vou ter tentado.

Ele ficou em silêncio por muito tempo. Depois estendeu a mão e pegou a minha.

— O que você vai ler? — perguntou.

E eu soube a resposta no mesmo instante, com uma clareza que me deixou sem ar. Não *A Rainha Queimada*. Não nada que tivesse sido escrito depois do contrato, com a alma que eu tinha vendido.

— *Maré Baixa* — falei. — Se eu tiver que pedir a minha alma de volta, eu vou pedir com as únicas palavras que eu escrevi antes de vender.

— Você perdeu o manuscrito.

— Eu sei de cor a primeira página. — Eu apertei a mão dele. — Vai ter que bastar.

Ele não disse nada. Mas eu senti, pela marca, uma coisa se mover dentro dele. Uma decisão. Uma coisa pesada sendo pesada e posta de lado.

Eu achei que ele estava com medo por mim.

Eu não sabia que, a seis passos de distância, no bolso interno do paletó pendurado na cadeira, quarenta e sete lascas da minha alma brilhavam num frasco de vidro escuro, esperando que alguém as encontrasse.

CAPÍTULO

18

Letras Miúdas

— CELINA —

EU ENCONTREI O frasco numa quinta-feira, dia dezanove de novembro, às sete e quinze da manhã, quatro dias antes da lua nova.

Eu não estava procurando. Eu quero que isso fique registrado. Eu não era o tipo de mulher que revista o bolso do namorado. Eu tinha escrito cinco livros sobre confiança e traição e sempre tinha achado que, se um dia precisasse revistar o bolso de alguém, já teria perdido.

Eu só estava com frio.

Ele estava no banho — ele tinha começado a tomar banho, nos últimos dias, como se o corpo humano dele estivesse se lembrando aos poucos de hábitos esquecidos — e eu ouvia a água correndo do outro lado da parede. Eu estava na cozinha, de pijama, esperando a cafeteira. A janela estava aberta. Garoava. E o paletó cinza dele estava na cadeira da mesa de jantar, onde ele o deixava todas as manhãs.

Eu peguei o paletó e pus por cima dos ombros, como tinha feito na terça. E senti o calor.

Não o calor do tecido. Um calor concentrado, do lado esquerdo, na altura do peito, como uma pedra deixada ao sol. Pulsando. Eu levei a mão até lá sem pensar e senti, por baixo do forro de seda, alguma coisa pequena e dura e quente.

E no mesmo instante em que eu toquei, o mundo explodiu em cor.

A parede da cozinha virou amarelo-mostarda. Vivo, intenso, o amarelo da minha mãe. O vermelho da cafeteira, o verde das folhas do manjeriço na janela, o azul do céu cinzento lá fora, que de repente não era cinzento, era um azul-pérola lindo, com nuvens rosadas na borda. O cheiro do café me atingiu como um tapa: forte, quente, perfeito. Eu ouvi a garoa batendo no parapeito com uma nitidez que doía. Eu senti o frio da manhã na pele dos meus braços como se fosse a primeira vez.

Eu tirei a mão do bolso. As cores diminuíram. Ficaram fracas, desbotadas. Como antes.

Eu pus a mão de novo. Cor.

Tirei. Cinza.

Eu fiquei parada na cozinha, de pijama, com o paletó dele nos ombros e o coração batendo tão forte que eu ouvia, e por um longo momento não fiz nada. Eu sabia. Eu acho que, em algum lugar, eu já sabia havia dias. Desde a cozinha, na noite do alho queimado, quando eu disse *você tem cor* e ele olhou, só por um instante, para o lado esquerdo do próprio peito.

Eu enfiei a mão no bolso interno e tirei.

Era um frasco. Pequeno, de vidro escuro, quase preto, com uma rolha de cortiça escurecida pelo tempo. Do tamanho do meu dedo mindinho. E lá dentro, presas no vidro, brilhando como vaga-lumes num pote, havia faíscas. Dezenas delas. Pequenas, douradas e vermelhas, pulsando devagar, cada uma no seu ritmo.

Eu encostei o frasco na bochecha. Estava quente como pele.

E senti o gosto. Sal. Tinta. Mar.

Eram minhas.



Havia mais uma coisa no bolso.

Um papel dobrado em quatro, grosso e amarelado, do tipo que eu tinha visto duas vezes na vida: na noite do cemitério, e na Corte, sobre a mesa da Senhora. Pergaminho. Eu desdobrei com as mãos tremendo.

Era uma cópia. Pequena, uma miniatura, como as cópias de documentos que os cartórios entregam. A caligrafia se mexia como peixes, como sempre, mas dessa vez eu conseguia ler. Eu não sabia por quê. Talvez por causa do que eu tinha feito no sonho da Dandara. Talvez porque as faíscas no frasco, encostadas na minha pele, me devolviam alguma coisa que eu tinha perdido.

Contrato de Serviço. Sétima Casa da Corte de Brasa.

O signatário, cujo nome fica retido nos arquivos da Corte, presta serviço na função de Cobrador até que sejam colhidas e entregues mil almas devidas. Cumprida a milésima, o contrato se quita: o nome é devolvido, o serviço cessa, e o signatário fica livre para ser o que era, ou nada.

E embaixo, numa caligrafia diferente — mais recente, mais elegante, em tinta preta e firme —, uma anotação na margem, como as que os tabeliães fazem quando registram alguma coisa:

Milésima designada: Duarte, C. Consolação, 02/11. Vencimento sete anos.
— S.D.

S.D. Senhora das Dívidas.

Eu li aquilo três vezes. Quatro. Cinco. Eu li como leio as provas dos meus livros, palavra por palavra, procurando um erro, uma vírgula fora do lugar, qualquer coisa que mudasse o sentido.

Não havia erro nenhum.

Milésima designada: Duarte, C.

Eu era o fim do contrato dele. Eu era a liberdade dele. O nome dele de volta. Antero Vaz, poeta da Glória, livre para ser o que era — e o preço era eu. A minha alma, inteira, entregue à Corte na noite da lua nova.

E ele estava juntando. Num frasco. No bolso do lado do coração.

A água do chuveiro parou.



Ele saiu do banheiro com o cabelo molhado e uma toalha no pescoço, de calça e camisa branca aberta, descalço. Ele estava sorrindo. Ele tinha começado a

sorrir de manhã, nos últimos dias, um sorriso pequeno e quase tímido, como alguém que reaprende um movimento depois de um acidente. Ele me viu na cozinha e o sorriso dele cresceu.

Depois viu o que eu tinha na mão.

E o sorriso morreu.

Eu nunca vou esquecer aquele momento. O rosto dele. Não houve surpresa. Não houve negação. Houve só uma coisa que caiu, por dentro, como um prédio que desaba em silêncio, de cima para baixo, andar por andar. Ele parou no meio da sala. A toalha escorregou do pescoço dele e caiu no chão.

— Celina — disse ele.

— Não.

— Celina, deixa eu...

— *Não*.

Eu ergui o frasco. As faíscas brilharam lá dentro.

— Isso é meu? — perguntei. Minha voz estava muito calma. Mais calma do que eu jamais tinha ouvido. Era a calma de quem está no olho de um furacão.

Ele não respondeu de imediato. Fechou os olhos.

— Sim.

— De onde veio?

— Dos leitores. Aqui no prédio. E nos prédios vizinhos.

— Você entrou na casa deles.

— Sim.

— Enquanto eles dormiam.

— Sim.

— Enquanto *eu* dormia.

Ele abriu os olhos.

— Sim.

Eu senti alguma coisa se rasgar dentro de mim. Não a alma — o que restava dela estava quieto, encolhido. Outra coisa. Uma coisa que eu tinha deixado crescer nos últimos dezessete dias sem perceber, como uma planta numa fresta de concreto.

— Eles estão dormindo? — perguntei. — Os leitores. Estão no hospital, como a Bia?

— Não. — Ele deu um passo na minha direção. Eu recuei. Ele parou. — Não, eu juro. Eu sei colher sem esvaziar. Eles acordam. Eles vivem. Eles só...

— Só o quê?

— Só não sentem mais nada quando abrem os seus livros.

Silêncio. A garoa batendo no parapeito. A cafeteira apitando na cozinha, esquecida.

— Quantos? — perguntei.

— Quarenta e sete.

— Desde quando?

Ele demorou a responder. Eu vi a garganta dele se mexer.

— Desde a quarta noite.

A quarta noite. Antes da Ondina, antes do beco, antes da caneta. Antes do terraço. Antes de *sim, sim, cansei, sim*. Eu fiz as contas como ele fazia, sem querer, porque eu também conto: quarenta e sete lascas, catorze noites. Ele tinha deitado ao meu lado, toda noite, com os dedos no meu pulso. E tinha esperado eu dormir. E tinha descido.

E tinha voltado. E tinha deitado ao meu lado de novo.

— E isso? — Eu ergui o pergaminho. — *Milésima designada*. Você ia me contar quando?

— Celina...

— Você sabia desde o começo. Desde o cemitério. Você sabia que eu era a última. Que se você me entregasse, você ganhava o seu nome de volta. A sua vida. A sua *liberdade*.

— Sim.

— E você tava juntando. — Eu sacudi o frasco. — Lasca por lasca. Pra me entregar inteira.

E então ele disse a coisa que acabou comigo. Não porque fosse cruel. Porque era verdade.

— No começo, sim.

Eu ri. Foi um som horrível. Ecoou na sala como vidro quebrando.

— No começo.

— Celina, me escuta...

— Não, me escuta *você*. — Eu dei um passo na direção dele, e dessa vez foi ele quem recuou. — Eu fiquei sentada naquele sofá e te contei da minha mãe. Eu te contei coisas que eu nunca contei pra ninguém. Eu disse pro tenente dos bombeiros que você era meu namorado. Eu descobri o seu nome. *Eu descobri o seu nome, Antero*.

Ele estremeceu quando eu disse. Como se eu tivesse batido nele.

— E durante todo esse tempo — continuei, e a minha voz finalmente rachou —, durante todo esse tempo, eu achava que as cores voltavam por sua causa. Eu achava que eu sentia o gosto do café porque você tava perto de mim. Eu achava que era... — Eu não consegui terminar. — E era isso. Era um frasco. Era um vidro cheio de pedaços de mim que você roubou dos meus leitores enquanto eu dormia.

— Eu ia te devolver.

— *Quando?*

— Eu não sei! — A voz dele subiu, e os vidros novos que Seu Arlindo tinha colocado tremeram nos caixilhos. — Eu não sei, Celina. Eu pensei em devolver toda noite. *Toda noite*. Eu ficava sentado naquela poltrona com esse frasco na mão e pensava em abrir e derramar no seu peito e ver você acordar com cor nos olhos. E toda noite eu guardava de novo. Porque eu sou um covarde. Porque eu tinha cento e trinta e cinco anos de serviço e uma única chance de sair e eu não conseguia... eu não conseguia escolher.

— Você escolheu. Você escolheu toda noite.

Ele abriu a boca. Fechou.

— Você é igual a ele — falei.

— A quem?

— Ao Otávio. — Eu pus o frasco e o pergaminho sobre a mesa, com cuidado, como quem deposita uma prova. — Ele também me disse que fez tudo por mim. Que me deu uma saída. Que eu não teria nada sem ele. E durante sete anos ele ficou me olhando como você olha, com esse carinho, com esse cuidado, enquanto me esvaziava pela ponta de uma caneta.

— Não é a mesma coisa.

— Qual é a diferença?

Ele não respondeu.

Eu tirei o paletó dele dos ombros. Dobrei. Pus sobre a cadeira. O mundo perdeu as cores, de novo, e o amarelo-mostarda da cozinha virou bege, e o café virou água morna, e eu pensei que era assim que eu ia passar os últimos quatro dias da minha vida, sem gosto e sem cor, e pelo menos eu ia saber por quê.

— Celina, não — disse ele, quando eu fui em direção à porta.

— Não me chama assim.

— Você não pode sair. A marca.

— Eu sei.

— Trinta e cinco passos e você cai. Você sabe o que a Senhora disse. Muito longe, por muito tempo, um de nós se rompe.

Eu parei com a mão na maçaneta. Me virei para ele. Ele estava no meio da sala, descalço, com a camisa aberta e a marca no peito brilhando vermelha, e os olhos dele — eu nunca o tinha visto com medo. Nem diante de Malthus. Nem diante da Senhora.

Ele estava com medo agora.

— Então se rompe — falei.

E abri a porta.



Onze passos até o elevador. Eu não esperei. Peguei a escada.

Dezoito, vinte e dois, vinte e sete. No vigésimo sétimo, a quentura. No trigésimo, a queimação. Eu desci os lances de escada do Copan um atrás do outro, trinta e um, trinta, vinte e nove, agarrada ao corrimão, e a dor subia pelo meu braço como fogo num pavio. No trigésimo quinto passo, meus joelhos dobraram, e eu caí de lado contra a parede e desci três degraus rolando.

Me levantei.

Se rompe.

Vinte e oito, vinte e sete, vinte e seis. A dor era uma coisa viva agora, um animal com dentes dentro do meu peito, mordendo, puxando, tentando me arrastar de volta para cima. Eu vomitei no patamar do vigésimo quarto andar. Não tinha nada para vomitar. Eu me levantei de novo.

Lá em cima, muito longe, eu ouvi um som. Um grito. Não humano. Ecoou pelo poço da escada como o uivo de alguma coisa enorme sendo rasgada ao meio, e eu soube que era ele, e soube que ele estava sentindo tudo o que eu sentia, multiplicado, e por um segundo — um segundo só — eu quase voltei.

Não voltei.

Não sei como cheguei ao térreo. Não sei como passei pelo seu Valdir, que se levantou da cadeira com a boca aberta quando me viu. Lembro do ar da rua. Da garoa no rosto. Da Avenida Ipiranga, cheia de carros, de ônibus, de gente com guarda-chuva indo trabalhar. Eu atravessei sem olhar. Uma buzina. Um palavrão. Cheguei à calçada do outro lado, à beira da Praça da República, e as árvores giraram ao meu redor, e o chão veio subindo em direção ao meu rosto devagar, muito devagar, como numa página que se vira.

Eu não sei quanto tempo fiquei no chão.

Lembro de vozes. *Moça, moça, tá tudo bem? Chama o SAMU. Ela tá passando mal.* Lembro de alguém segurando a minha cabeça. Lembro da marca no meu pulso queimando tão forte que a pele em volta tinha ficado preta.

E lembro de um carro parando no meio-fio. Um carro preto, de vidros escuros. A porta de trás se abrindo.

E de uma voz que eu conhecia havia sete anos, gentil, paternal, dizendo para as pessoas ao redor:

— Pode deixar. Eu conheço ela. Eu sou o editor dela. Eu cuido.

Mãos me levantaram. Mãos secas, mornas, com um anel de prata no dedo mínimo.

— Calma, menina — disse Otávio, enquanto me deitava no banco de trás.

— Calma. Eu tô aqui. Você vai ficar bem.

Eu tentei falar. Não consegui.

Ele tirou o anel do dedo e o encostou na marca no meu pulso.

A dor parou. De uma vez. Como uma luz apagada. Mas não era o alívio que eu sentia quando ele — Antero — tocava a marca. Era outra coisa. Era como se uma porta tivesse sido fechada e trancada entre mim e o mundo.

O fio se rompeu. Eu senti. Não com dor; com silêncio. Num instante eu o sentia, lá em cima, no trigésimo segundo andar, como uma brasa no fundo do meu peito. No outro, não sentia mais nada.

— Pronto — disse Otávio, fechando a porta do carro. — Agora ele não te acha mais.

CAPÍTULO

19

O Que Ondina Sabia

— A Z A E L —

EU NÃO SEI descrever a dor. Eu tentei, depois, muitas vezes, e nunca encontrei as palavras. Ela teria encontrado. Ela sempre encontra.

O que eu sei é que, no trigésimo quinto passo, alguma coisa dentro de mim se esticou até o limite. E no quadragésimo, começou a rasgar. Eu caí de joelhos no meio da sala, e depois no chão, e depois não havia mais chão nem sala nem nada, só um fio de fogo saindo do meu peito e descendo pela escada do Copan atrás dela, andar por andar, esticando, esticando, e eu agarrado a ele com tudo o que eu tinha, porque se eu soltasse, ela caía.

Eu gritei. Eu acho que gritei. Seu Arlindo, que estava no corredor do trigésimo andar trocando o vidro de outro apartamento, me contou depois que ouviu um som que parecia um navio afundando.

E então, de repente, o fio parou de doer.

Não porque ela tivesse voltado. Porque tinha sido cortado.

Eu fiquei deitado no chão da sala, no meio do tapete novo, olhando para o teto, e pela primeira vez em dezessete dias eu não sentia nada. Nenhuma brasa no fundo do peito. Nenhum medo que não fosse meu. Nenhum calor.

Só a marca, ali, sobre o meu esterno — ainda brilhando, ainda viva, mas muda. Como um telefone tocando numa casa vazia.

Eu não sabia onde ela estava.

Pela primeira vez em sete anos, eu não sabia onde ela estava.



Eu descii. Não pela escada. Pela fachada, como fumaça, como na primeira noite, tão rápido que o vento arrancou o vidro de uma janela do vigésimo andar. Cheguei à calçada da Ipiranga e havia um pequeno grupo de pessoas perto da Praça da República, olhando para o meio-fio. Uma mulher segurava um guarda-chuva. Um rapaz de moletom estava ao telefone.

— Ela tava passando mal — disse a mulher, quando me aproximei. Não perguntei; ela disse, como se precisasse contar para alguém. — Uma moça. Caiu ali, do nada. Aí parou um carro e um senhor desceu, disse que era editor dela, levou ela. Um senhor de cabelo branco, muito educado.

Eu me ajoelhei no meio-fio.

No asfalto molhado, onde ela tinha caído, havia uma mancha. Não de sangue. Uma mancha amarelada, oleosa, que fumegava devagar sob a garoa. Eu encostei os dedos nela.

Pêssego.

O anel de Otávio. O selo da Casa da Fome. Ele tinha encostado o selo na marca dela e a tinha fechado, como se fecha uma porta. Eu podia sentir onde a marca *tinha estado* — um eco, uma ausência com a forma dela —, mas não podia sentir para onde tinha ido.

Fiquei de joelhos no meio-fio da Avenida Ipiranga por muito tempo. As pessoas passavam e desviavam de mim. Alguém me ofereceu uma moeda.



Ondina não ergueu os olhos quando entrei.

— Ela foi levada — falei.

— Eu sei.

— Como você sabe?

— Eu sinto quando uma porta da Corte se fecha nesta cidade. Hoje de manhã, umas sete e meia, alguém fechou uma porta que não devia ser fechada. — Ela virou uma página do livro que estava lendo. — E você está com cara de quem foi atropelado por um bonde. Senta.

— Eu não preciso sentar.

— Senta, Cobrador, antes que caia.

Eu sentei. Na banquetta, ao lado do balcão, onde ela tinha sentado na primeira vez. Tirei o frasco do bolso e o pus sobre o balcão, junto com o pergaminho dobrado. Não sei por quê. Talvez porque precisasse que alguém visse.

Ondina olhou para o frasco. Depois para o pergaminho. Depois tirou os óculos e esfregou os olhos com o polegar e o indicador, um gesto cansado, muito humano.

— Ah, menino — disse ela. — Ah, menino. Ela achou.

— Achou.

— E foi embora.

— Foi embora. Desceu trinta e dois andares de escada com a marca queimando até a pele ficar preta. — Minha voz falhou. — Ela preferiu se romper a ficar perto de mim.

Ondina não disse nada. Pegou o frasco, com cuidado, entre dois dedos, e o ergueu contra a luz da claraboia. As faíscas brilharam lá dentro, quarenta e sete, pulsando.

— Você podia ter devolvido — disse ela.

— Eu sei.

— Por que não devolveu?

— Porque ela é a milésima.

— Eu sei que ela é a milésima. Eu perguntei por que você não devolveu.

Eu fiquei olhando para o frasco na mão dela.

— Porque eu tive medo — falei, finalmente. — De ficar. De ser isso para sempre. Cento e trinta e cinco anos, Ondina. Novecentas e noventa e nove almas. E ali, na minha frente, a última. O meu nome de volta. A chance de ser... de ser o que eu era. O rapaz da Rua da Glória. Eu nem sei quem ele era. Eu só sei que ele tinha uma mãe que cantava na cozinha e um tinteiro verde e olhos castanhos. — Eu passei a mão pelo rosto. — E eu queria isso. Eu queria

tanto. E ao mesmo tempo eu queria ela. E as duas coisas não cabiam no mesmo frasco.

Ondina pousou o frasco no balcão. Ficou olhando para ele por um longo tempo. Depois se levantou, deu a volta no balcão, puxou a outra banqueta e se sentou na minha frente. Perto. Perto como ela nunca tinha sentado em todos os anos em que eu a conhecia.

— Vou te contar uma coisa — disse ela. — Uma coisa que eu nunca contei para ninguém. Nem para a Senhora, que sabe de qualquer jeito.

Eu esperei.

— Eu fui Cobradora — disse Ondina.

O silêncio no sebo ficou tão espesso que eu ouvia a poeira caindo nos feixes de luz.

— Quarta Casa — continuou ela. — De 1743 a 1891. Cento e quarenta e oito anos. Eu era muito boa. Eu era melhor do que você. Eu colhi novecentas e noventa e nove almas em Salvador, no Recife, em Ouro Preto. Eu colhi barões e escravocratas e padres e generais. Eu nunca falhei.

— E a milésima?

Ondina sorriu. Um sorriso pequeno, torto, que fazia o rosto dela parecer muito mais jovem e muito mais triste.

— Era uma menina de dezenove anos chamada Benedita. Lavadeira, no Rio Vermelho. Tinha vendido a alma para que o filho dela nascesse vivo, porque os outros três tinham nascido mortos. E o filho nasceu vivo. Cresceu forte. E quando o prazo venceu, eu fui buscar, e ela estava sentada na beira do rio, lavando a roupa de um menino de sete anos que corria pela areia, e ela olhou para mim e disse: *eu sabia que você vinha. Pode levar. Mas espera ele dormir.*

Ondina olhou para as próprias mãos.

— Eu esperei ele dormir. E depois não levei.

— O que aconteceu?

— Eu devolvi o contrato à Corte sem a alma. Eu disse à Senhora: *esta eu não colho*. E a Senhora me olhou do jeito que ela olha, aquele jeito de aranha, e disse: *então você não será livre, nem será Cobradora. Ficaré no meio*. — Ondina abriu os braços, mostrando o sebo, as estantes, a poeira. — E aqui

estou eu. Meio. Fiadora. Nem dentro nem fora. Sem nome, porque o meu nome ficou no contrato que eu não quitei. Mas com a cabeça no lugar, uma loja cheia de livros e a lembrança de uma lavadeira que viveu até os oitenta e dois anos e morreu velhinha, na cama, cercada de netos.

Ela se inclinou para a frente.

— Existe outra saída, menino. Sempre existiu. Você pode recusar a milésima. Ninguém te conta isso porque ninguém quer que você saiba. Você recusa, e ela fica livre — a alma volta a ser dela, o contrato se desfaz, porque o Cobrador que a designou renunciou a ela. E você perde a chance. Para sempre. Nunca mais vai ter o seu nome de volta pela Corte. Vai ficar no meio, como eu.

— O meu nome — falei, rouco. — Ela me deu o meu nome. Antero.

— Ela te deu. A Corte não. É diferente. — Ondina tocou o meu peito, sobre a marca, com a ponta do dedo. — O nome que alguém te dá por amor vale mais do que o que a Corte devolve por contrato. Mas não te liberta.

Eu fiquei olhando para ela.

— Por que você está me dizendo isso agora?

— Porque você me perguntou, sete anos atrás, se eu achava que uma alma podia ter gosto de alguma coisa. Lembra? Você veio aqui com aquela cara de quem tinha visto um fantasma, sentou nessa mesma banquetta e me perguntou se era normal uma alma ter gosto de sal e de tinta. — Ela sorriu de novo. — Você estava apaixonado por ela desde aquela noite, Cobrador. Desde antes de ela assinar. Desde que você a ouviu ler.

Eu não respondi.

— Você não a escolheu por acaso — disse Ondina. — A Senhora te deu o contrato, sim. Mas você ficou atrás daquele tumulto vinte minutos ouvindo uma menina ler, e quando ela parou, você podia ter deixado ela ir embora. Podia ter não aparecido. Os contratos não fecham se o Cobrador não aparece. Você sabia disso.

— Eu sabia.

— E apareceu.

— Eu apareci.

— Por quê?

Eu fechei os olhos. E lembrei. Não do contrato. Da voz dela, no escuro, entre os túmulos. *Minha mãe costurava vestidos de noiva com a boca cheia de alfinetes.* E do que eu tinha pensado, atrás do mármore, naquele momento — uma coisa que eu tinha enterrado tão fundo que nem eu mesmo lembrava.

— Porque eu queria que ela continuasse — falei. — Eu queria que ela fosse lida. Por milhões. Porque ela merecia. E eu era o único que podia dar isso a ela.

Ondina ficou em silêncio por muito tempo.

— Então dê o resto — disse ela, por fim.

— O quê?

— Você quer o resto dela, não quer? Eu vejo na sua cara. Não a alma. O resto. A vida, o riso, as manhãs. — Ela empurrou o frasco de volta para mim sobre o balcão. — Então dê o seu. Não existe outro jeito, menino. Não com uma mulher dessas. Ninguém tira nada dela. Ela só dá. E só dá para quem dá primeiro.



Encontrá-la foi a parte fácil, no fim. Foi Ondina quem me mostrou como.

— Ela tem o anel de Otávio na pele — disse ela. — A marca está fechada. Você não sente ela pela marca. Mas isso aqui... — Ela tocou o frasco. — Isso aqui é dela. Quarenta e sete pedaços dela. E pedaço de alma sempre sabe onde está o resto.

Ela tirou a rolha.

As faíscas não saíram. Ficaram lá dentro, presas no vidro, mas se moveram — todas ao mesmo tempo, como limalha de ferro diante de um ímã —, e se juntaram no lado do frasco que apontava para a porta. Para a rua. Para o centro.

Eu me levantei. Segui.

O frasco me levou pela Benjamin Constant, pela Praça da Sé, pela Rua Direita. Pelo Viaduto do Chá, sobre o vale, sobre os rios enterrados. E me deixou na frente do Theatro Municipal.

O teatro estava fechado. Havia faixas na fachada anunciando o lançamento — *OS FILHOS DA CINZA — EDIÇÃO DE COLECIONADOR* —

NOITE ESPECIAL COM CELINA DUARTE — 23 DE NOVEMBRO — ESGOTADO. Havia operários montando uma estrutura de luzes na escadaria. As faíscas no frasco se apertaram contra o vidro, apontando para baixo. Para o subsolo.

O senhor tem certeza de que o Theatro Municipal tinha um alçapão embaixo do palco que dava para o rio?

Tenho, Seu Arlindo. Eu vi.

Eu tentei entrar. Naquela tarde e na madrugada seguinte, e na outra, e na outra. Pela porta da frente, pelas portas de serviço, pelas dobras da cidade, pelo rio Anhangabaú enterrado sob o vale. Cada vez que eu chegava perto do subsolo, alguma coisa me jogava para trás. Um selo. Uma boca desenhada em gordura amarela sobre cada porta, cada fresta, cada cano. A Casa da Fome tinha transformado o subsolo do teatro em território próprio. E um Cobrador da Sétima Casa não entra em território de outra Casa sem ser convidado. Não sem guerra.

— Na noite do lançamento — disse Ondina, na terceira madrugada, quando voltei ao sebo com as mãos queimadas de tanto bater em selos — o teatro vai se abrir. Mil e quinhentas pessoas na plateia, mais oito mil e quinhentas no Vale, nos telões. Ele precisa delas lá dentro. E para que elas entrem, as portas têm que estar abertas. Todas. Um lugar público, numa noite pública, com as portas abertas, deixa de ser território. Vira encruzilhada.

— E numa encruzilhada...

— Qualquer um pode entrar. — Ondina me olhou por cima dos óculos. — Até um Cobrador desesperado.



Na noite de vinte e dois de novembro, véspera da lua nova, eu fui ao Hospital das Clínicas.

Não sei bem por quê. Talvez porque não tivesse mais aonde ir. Entrei no quarto da Dandara às três da manhã, como da outra vez, e me sentei na poltrona reclinável onde Celina tinha deitado. Segurei a mão da amiga dela. Fechei os olhos.

A Floresta Queimada ainda estava lá. Mas estava diferente. Havia grama nascendo entre as cinzas. As árvores mortas tinham brotos verdes na ponta dos galhos. E chovia — ainda chovia, a mesma chuva morna que Celina tinha escrito, cheirando a mar e a cozinha de domingo.

A Dandara-Íris estava sentada no mesmo lugar, com o fio frouxo e pálido saindo do peito. Mas dessa vez, quando eu me aproximei, ela ergueu os olhos para mim.

— Você — disse ela. A voz dela era a voz da Dandara, mas mais lenta, como de quem fala debaixo d'água. — O consultor.

— Sim.

— Cadê ela?

Eu não consegui mentir. Não ali.

— Eu a machuquei — falei. — E ela foi embora. E alguém a levou.

A Dandara-Íris ficou me olhando por muito tempo, a maçã na mão, a chuva caindo no cabelo dela.

— Eu disse — falou, finalmente — que se você machucasse ela, eu te matava.

— Eu lembro.

— E ela disse que não dava pra matar você.

— Ela tinha razão.

— Então você vai ter que se matar sozinho, consultor. — Ela mordeu a maçã. Mastigou devagar. — De outro jeito. Do jeito que dói mais. Vai lá e traz ela de volta. E se precisar perder alguma coisa no caminho, perde. Perde tudo. Ela vale.

— Eu sei que vale.

— Sabe nada. — A Dandara-Íris sorriu, e o sorriso era tão dela, tão vivo, que doeu. — Ninguém sabe quanto ela vale. Nem ela. Principalmente ela. Alguém tem que mostrar.

Ela voltou o olhar para o nada. A chuva continuou caindo.

Eu abri os olhos no quarto do hospital. O dia estava nascendo. Vinte e três de novembro. Lua nova.

Tirei o frasco do bolso. As faíscas se apertavam contra o vidro, apontando para o centro da cidade, para o teatro, para ela.

E pela primeira vez em cento e trinta e cinco anos, eu soube exatamente o que ia fazer com uma alma que não era minha.

CAPÍTULO

20

Maré Baixa

— CELINA —

DEBAIXO DO THEATRO Municipal de São Paulo corre um rio.

Eu não sabia disso. Ninguém sabe. Os guias turísticos falam do mármore italiano, dos vitrais, do lustre de bronze do salão nobre, da escadaria onde a Semana de Arte Moderna scandalizou a cidade em 1922. Não falam do porão sob o porão, nem do alçapão de ferro escondido debaixo do palco, nem da escada de pedra que desce, desce, desce, até uma galeria abobadada de tijolos antigos onde o Anhangabaú passa escuro e lento, enterrado vivo, sem ver o céu há mais de cem anos.

Foi ali que eu passei os últimos quatro dias antes da lua nova.

Não era uma cela. Era pior: era um salão. Malthus tinha transformado a galeria numa espécie de sala de jantar subterrânea, com tapetes persas sobre os tijolos úmidos, candelabros de prata, uma mesa comprida coberta com toalha de linho branco e travessas de frutas que apodreciam sem nunca acabar de apodrecer. Pêssegos, figos, uvas, mangas. O cheiro era insuportável. O rio passava ao lado da mesa, a um metro de distância, sem fazer barulho nenhum.

E no centro da mesa, empilhadas em colunas que chegavam quase até a abóbada, estavam as folhas de rosto. Dez mil. Cor de marfim, com a moldura de chamus em relevo.

Em branco.

— Por enquanto — disse Malthus, na primeira noite, sentado na cabeceira da mesa, comendo uvas.

Ele estava na forma humana. O terno de linho branco, o chapéu-panamá, os anéis. Os olhos completamente pretos. Ele me olhava como quem olha uma refeição que ainda não está pronta — com paciência, com carinho até. Eu estava sentada do outro lado da mesa, numa cadeira de espaldar alto, com os pulsos amarrados aos braços da cadeira por fitas de seda vermelha. A marca no meu pulso esquerdo estava coberta por um círculo amarelado e oleoso, como uma queimadura de gordura. Não doía. Não fazia nada. Era só silêncio.

Eu não o sentia mais. Pela primeira vez em dezessete dias, eu estava sozinha dentro de mim.

— Você vai assinar — disse Malthus.

— Não.

— Você vai. Não porque queira. — Ele sorriu, e os dentes eram muitos. — Otávio, por favor.

Otávio estava de pé atrás de mim. Eu não tinha visto ele desde o carro. Ele se aproximou com passos hesitantes, e eu vi o rosto dele de relance: pálido, com olheiras fundas, os óculos tortos. Ele não me olhou nos olhos. Pôs na mesa, na minha frente, um estojo de madeira escura com fecho de latão. Igual ao outro.

— Ele fez duas — disse Malthus, satisfeito. — Sempre faça duas, eu digo sempre. Ninguém me escuta.

Otávio abriu o estojo. A caneta preta e dourada brilhava sobre o veludo vermelho. Ele soltou a fita de seda do meu pulso direito, com cuidado, sem me tocar mais do que o necessário, e eu pensei em bater nele, em arranhar o rosto dele, em arrancar aqueles óculos dourados e pisar neles.

Não consegui. A minha mão não se mexia.

Otávio tocou o anel de prata no próprio dedo — o anel com o selo da boca — e depois tocou o círculo oleoso no meu pulso esquerdo. E a minha

mão direita se ergueu sozinha, pegou a caneta, destampou-a e pousou a pena sobre a primeira folha de rosto da pilha.

— Não — falei.

A minha mão assinou. *Celina Duarte.*

Senti a lasca sair. Senti a tinta beber. Vi a assinatura brilhar vermelha e secar marrom.

— Não — falei de novo. Mais alto.

A minha mão puxou a próxima folha. Assinou.

— *Para.*

— Ela não para — disse Malthus, mastigando. — Não até a última. Você tem quatro dias, querida. Dez mil folhas. Duas mil e quinhentas por dia. Uma a cada trinta segundos, mais ou menos, sem dormir. — Ele inclinou a cabeça. — Você vai estar muito cansada no dia vinte e três. Mas não importa. Você só precisa estar viva.



Eu assinei por quatro dias.

Não vou contar tudo. Não consigo. Só vou dizer que, a partir de um certo ponto, eu parei de sentir a mão. Que a cada assinatura o mundo ficava um pouco mais cinza, um pouco mais longe, um pouco mais abafado, até que eu já não sabia se estava acordada ou dormindo. Que o rio passava ao lado da mesa sem fazer barulho, e às vezes eu achava que via coisas nele — rostos, mãos, páginas —, e às vezes eu achava que era eu, lá embaixo, afogada.

Que as folhas assinadas eram levadas, aos maços, por figuras cinzentas sem olhos que subiam a escada de pedra e voltavam de mãos vazias. *Para os boxes*, explicou Malthus. *Lá em cima, na gráfica improvisada. Dez mil boxes, dez mil folhas. Encadernadas na hora. Frescas.*

Que eu chorei, em algum momento do segundo dia, e não senti as lágrimas.

Que no terceiro dia eu parei de chorar.

Que Otávio vinha, uma vez por dia, com um copo de água e um prato de comida que eu não conseguia comer, e ficava parado ao meu lado enquanto a minha mão assinava, e não dizia nada. E que eu, a partir do terceiro dia, come-

cei a falar com ele. Não porque quisesse. Porque precisava falar com alguém, ou ia esquecer como.

— Você lembra da padaria? — perguntei, num desses dias. A voz saiu como papel amassado.

Ele não respondeu.

— Você leu vinte páginas. Na minha frente. Você chorou. — Minha mão assinou mais uma. — Você disse que eu escrevia como quem sangra.

— Lembro — disse ele, muito baixo.

— Era verdade?

— Já te disse que era.

— Então por quê?

Ele ficou calado por muito tempo. A minha mão assinou três folhas.

— Porque eu não sei escrever — disse ele, finalmente. — Nunca soube. Trinta anos editando os livros dos outros. Corrigindo vírgulas. Sugerindo cortes. Eu sei exatamente onde está o erro numa frase, sei exatamente como consertar. Mas não sei fazer uma. Nunca fiz. — Ele tirou os óculos e esfregou os olhos. — E aí você entra na minha padaria com vinte e um anos e um envelope amassado e escreve como quem respira. E eu pensei: se eu não posso ter isso, pelo menos posso estar perto. Pelo menos posso ser o homem que fez isso acontecer.

— Isso é inveja, Otávio.

— É. — Ele pôs os óculos de volta. — É inveja. E amor. As duas coisas. Ninguém te conta que elas podem ser a mesma.



Na noite do dia vinte e dois, quando faltavam só algumas centenas de folhas, ele voltou.

Malthus não estava. Tinha subido para cuidar dos preparativos — *a imprensa, querida, a imprensa é tão exigente* —, e as figuras cinzentas estavam lá em cima, encadernando. Éramos só nós dois na galeria, eu e Otávio, e o rio, e a mesa, e o cheiro de frutas podres.

Ele não trouxe água. Trouxe um envelope.

Um envelope pardo. Grande, gasto, com as bordas amassadas e uma mancha de café num dos cantos. Eu conhecia aquele envelope. Eu tinha levado aquele envelope no colo, num ônibus para Santos, com uma caixa de cinzas.

A minha mão parou de assinar.

Não porque o selo tivesse se desfeito. Porque eu parei. Eu senti, pela primeira vez em quatro dias, uma coisa mais forte do que a caneta.

— Onde... — Eu não consegui terminar.

— Você esqueceu na minha sala — disse ele. — No dia em que assinou o contrato do primeiro livro. Você estava tão feliz. Você saiu correndo para ligar para a Dandara e deixou em cima da cadeira. — Ele pôs o envelope sobre a mesa, ao lado da pilha de folhas. — Eu ia devolver. No dia seguinte. E depois na semana seguinte. E depois...

— Você guardou por sete anos.

— Na minha estante. Atrás dos originais encadernados. — Ele olhou para o envelope. — Eu relia, às vezes. À noite. Quando todo mundo tinha ido embora da editora. Eu pensava que um dia ia publicar. Com o seu nome e o da sua mãe na capa. Como você queria.

Ele soltou a fita de seda do meu pulso esquerdo. Depois, devagar, tirou o anel de prata do próprio dedo e o pôs sobre a mesa, ao lado do envelope.

A minha mão direita largou a caneta.

Eu fiquei olhando para ele. Ele não me olhava. Olhava para o rio.

— Por que agora? — perguntei.

— Porque amanhã à meia-noite você vai subir naquele palco e vai ler, e enquanto você ler, dez mil pessoas vão abrir os boxes e encostar a mão na sua assinatura. E a cópia-testemunha vai puxar tudo. — Ele tocou o bolso interno do blazer de veludo, e eu ouvi o farfalhar de pergaminho. — Está aqui. Comigo. Sempre esteve. Malthus não confia em ninguém para segurá-la, mas também não pode segurá-la ele mesmo, porque é a cópia de uma testemunha, e só a testemunha pode portar sem queimar. — Ele riu, sem humor. — Eu sou o cofre dele. Um cofre de carne e osso.

— Otávio...

— Dez mil pessoas, Celina. E você. E o seu Cobrador, que vai deixar de existir quando a lua nova nascer. — Ele finalmente me olhou. Os olhos dele

estavam vermelhos atrás dos óculos dourados. — Eu fiz muita coisa errada na vida. Mas eu editei quatrocentos livros. Eu sei reconhecer um final ruim.

Eu peguei o envelope.

Eu não esperava o que aconteceu. Ninguém poderia esperar. No instante em que meus dedos tocaram o papel pardo, uma onda de calor subiu pelo meu braço, tão forte que eu arquejei. Não o calor de lasca, pequeno e fugidio, como nas páginas dos meus livros. Era um calor inteiro. Denso. Vivo. Como o sol na pele depois de um mergulho no mar gelado. Como o colo da minha mãe.

Eu abri o envelope com as mãos tremendo.

MARÉ BAIXA

Romance

Celina Duarte

Para Marta, que me ensinou a costurar com palavras.

O nome dela. Inteiro. Na dedicatória. Eu tinha posto o nome dela inteiro no manuscrito, sete anos atrás, antes de tudo. Eu tinha esquecido.

Eu virei a página. “*Minha mãe costurava vestidos de noiva com a boca cheia de alfinetes...*”

E chorei. Chorei e senti as lágrimas. Quentes. Salgadas. Eu senti o gosto do sal na boca, e o cheiro do papel velho, e a textura áspera da folha sob os dedos, e eu olhei ao redor e a galeria tinha cor — o vermelho dos tapetes persas, o dourado dos candelabros, o verde-escuro do rio —, e tudo aquilo vinha daquelas páginas.

— Como? — sussurrei. — Ondina disse que eu vendi a alma inteira. Como pode ter tanto aqui?

— Eu não sei — disse Otávio. — Mas eu sei o que eu sentia quando relia. — Ele se ajoelhou ao lado da cadeira, devagar, com os joelhos estalando. — Não era a sua alma que estava nessas páginas, menina. Ou não só a sua. Você escreveu isso para ela. Para a sua mãe. Você leu em voz alta para ela, num hospital, enquanto ela morria. Você *deu* isso para ela. E o que foi dado antes não pode ser vendido depois. Não pertence a você. Não pertence à Corte. Pertence a ela.

— Ela morreu.

— E deixou para você. — Ele tocou o envelope, de leve, com a ponta do dedo. — É a única coisa que você tem que nunca foi de ninguém além de vocês duas.

Eu apertei o manuscrito contra o peito.

E foi então que eu senti, muito longe, muito fraco, através do círculo oleoso que ainda cobria a marca no meu pulso esquerdo — uma brasa. Uma brasa pequena, quase apagada, do outro lado de uma porta trancada. Batendo. Batendo.

Ele.

Ele estava lá em cima. Em algum lugar, na cidade, perto. Batendo na porta.



Otávio pôs o anel de volta no dedo antes de Malthus voltar.

— Ele não pode saber — disse, rápido, enfiando o envelope dentro do meu casaco, contra o meu peito. — Esconda. Amanhã, quando você subir no palco, vai estar sozinha comigo e com ele. Eu vou estar na coxia com a cópia. Ele vai estar na plateia. No camarote. Ele gosta de ver.

— E depois?

— Depois eu não sei. — Ele tocou o anel no círculo do meu pulso, e a minha mão direita, obediente, pegou a caneta de novo. — Eu nunca soube escrever finais, menina. Isso sempre foi com você.

A minha mão começou a assinar. As últimas folhas. Mas agora eu sentia o envelope contra o peito, quente como uma mão espalmada, e cada lasca que saía de mim pela ponta da pena parecia menor, mais fraca, como se o manuscrito a estivesse segurando de volta.

Malthus voltou uma hora depois, com o chapéu-panamá na mão e um sorriso enorme.

— Está tudo pronto — disse ele. — Os boxes estão encadernados. A imprensa está avisada. O Vale do Anhangabaú está cheio de telões. Oito mil e quinhentas pessoas lá fora, mil e quinhentas aqui dentro. Dez mil leitores. Dez mil assinaturas. — Ele se sentou na cabeceira da mesa e pegou um pê-

sego da travessa. Mordeu. O suco escorreu pelo queixo dele. — Você está com uma cara ótima, querida. Quase corada. É a emoção, eu suponho.

Eu não respondi.

Ele me olhou por um longo momento, mastigando, e por um segundo eu achei que ele sabia. Que via o envelope através do casaco, o calor, a cor nas minhas bochechas.

Mas ele só sorriu.

— Durma um pouco — disse ele. — Amanhã você tem um palco para pisar. E depois, querida... — Ele se inclinou para a frente, os olhos pretos brilhando à luz dos candelabros. — Depois você não vai precisar pisar em mais nada.

A minha mão assinou a última folha.

Dez mil.

O rio passou ao lado da mesa, escuro e silencioso, e eu fechei os olhos, e apertei o manuscrito contra o peito, e pensei na minha mãe na Ponta da Praia, de madrugada, apontando para o mar.

A maré baixa é quando o mar vai buscar o que esqueceu do outro lado do mundo, Celina.

Ele sempre volta.

Ele sempre volta pra buscar o que deixou aqui.

CAPÍTULO

21

Noite de Lua Nova

— AZAEL —

ÀS DEZ DA noite do dia vinte e três de novembro, as portas do Theatro Municipal de São Paulo se abriram, e o Vale do Anhangabaú inteiro gritou.

Eu estava no meio da multidão. Ninguém me notava. Ou melhor: todos me notavam, de um jeito vago, como se nota uma corrente de ar frio, e se afastavam sem saber por quê, de modo que eu andava por um corredor vazio no meio de oito mil e quinhentas pessoas. Elas estavam ali desde a tarde. Tinham trazido cadeiras de praia, mantas, garrafas térmicas, cartazes. *A CINZA TAMBÉM É FOGO. RAINHA QUEIMADA VIVE. CELINA EU TE AMO.* Muitas estavam fantasiadas. Vi dezenas de Néssas com coroas de arame e de papelão dourado. Vi Íris de cabelo vermelho e maçãs nas mãos. Vi um rapaz de capa preta, alto, com olhos cinzentos de lente de contato, e uma plaquinha no peito que dizia *PRÍNCIPE CORVO*.

Eu parei diante dele. Ele me olhou, confuso.

— Você ficou na cadeira — falei.

— Quê?

— Nada.

Os telões estavam montados ao longo do Vale, do Viaduto do Chá até o Viaduto Santa Ifigênia. Mostravam a fachada do teatro iluminada de vermelho e dourado, e uma contagem regressiva: 01:59:47. Abaixo da contagem, a imagem de um box preto com uma pena dourada, e as palavras: *À MEIA-NOITE, ABRAM JUNTOS.*

Funcionários da Lume, de camiseta preta, distribuíam os boxes nas filas. Um para cada leitor. Dez mil boxes, dez mil folhas de rosto, dez mil assinaturas feitas pela mão dela, uma a cada trinta segundos, por quatro dias, sem dormir.

Eu tinha passado quatro dias batendo nos selos do subsolo. Eu tinha sentido, através da porta fechada da marca, uma coisa muito fraca, quase nada, como a vibração de um sino abafado em algodão. A cada trinta segundos. Uma batida. Uma lasca.

A cada trinta segundos, por quatro dias, eu sentia ela se esvaziar.



Ondina me esperava ao pé da escadaria do teatro, de cardigã cinza e boina, segurando um guarda-chuva fechado como uma bengala.

— Você está horrível — disse ela.

— Obrigado.

— As portas estão abertas. Todas. Até as de serviço. A Casa da Fome não pode fechar nada enquanto tiver público entrando; é a lei. — Ela olhou para cima, para a fachada iluminada. — Hoje à noite este teatro é uma encruzilhada. Qualquer um entra.

— E qualquer um sai?

— Isso — disse Ondina — depende do que acontecer lá dentro.

Ela tirou do bolso do cardigã um embrulho de pano. Desembrulhou. Era o estojo de madeira, o primeiro, o que eu tinha tirado da mesa de Otávio e deixado com ela. A pena de cobrança.

— Leve — disse ela.

— Isso é a arma dele.

— É uma caneta, menino. Feita com sangue de testemunha, para escrever num contrato. — Ela pôs o estojo na minha mão. — Ele usou para puxar. Mas uma pena escreve para qualquer lado. Você não sabe escrever. Ela sabe.

Eu olhei para o estojo. Depois para ela.

— Você vem?

— Eu sou meio, Cobrador. Não entro em teatro de Casa nenhuma. — Ela abriu o guarda-chuva, embora não estivesse chovendo. — Eu fico aqui fora. Com os leitores. Alguém tem que estar com eles quando a coisa começar.



Eu entrei pela porta principal, com os leitores.

O Theatro Municipal por dentro é um bolo de noiva: mármore, dourado, veludo vermelho, estuque branco em arabescos, um lustre de bronze no teto da plateia que parece uma coroa invertida. Mil e quinhentas pessoas se espremiavam pelos corredores, segurando os boxes contra o peito, procurando os lugares, tirando fotos de tudo. O ar estava quente, cheio de perfume e de suor e de excitação.

E por baixo de tudo, para quem sabia sentir, o cheiro de pêssego podre.

Eu não fui para a plateia. Fui para a lateral, para uma porta pequena de madeira com uma placa de latão: *SOMENTE PESSOAL AUTORIZADO*. Na semana anterior, essa porta tinha uma boca desenhada em gordura amarela. Agora a boca estava lá, mas desbotada, borrada, como tinta molhada. A lei da encruzilhada.

Empurrei. A porta se abriu.

Do outro lado, havia um corredor de serviço, e no corredor havia farejadores.

Vinte, talvez trinta. Não pedaços, como no Copan. Inteiros. Altos, cinzentos, sem olhos, com as fendas no lugar do nariz abrindo e fechando. Estavam enfileirados ao longo das paredes, de costas para os tijolos, como guardas. Quando eu entrei, todos viraram o rosto sem olhos para mim ao mesmo tempo.

Sal e tinta, sussurraram. *Sal e tinta. Ele tem o cheiro dela.*

Eu tinha o frasco no bolso. Eles sentiam.

— Saíam do caminho — falei.

Eles não saíram.

Eu não vou contar a luta. Não porque não lembre. Porque não tem importância. Eu já tinha lutado assim mil vezes, em cento e trinta e cinco anos, e sempre tinha sido a mesma coisa: rápida, precisa, sem pensar. A diferença é que, dessa vez, eu pensava. Eu pensava nela, lá embaixo, a cada passo. Eu pensava que cada segundo que eu gastava naquele corredor era um segundo a menos. E isso me tornava mais rápido, e mais cruel, e menos cuidadoso. Eu não abri as asas inteiras porque o corredor era estreito demais e a asa rasgada ainda doía. Usei as mãos. A mão queimada, principalmente. A tinta de Malthus tinha entrado nela no dia da caneta e escurecido a pele até o pulso, e quando eu tocava os farejadores com aquela mão, eles reconheciam o cheiro do próprio senhor e hesitavam, por um segundo. Um segundo era tudo o que eu precisava.

Quando terminei, o corredor estava cheio de cinza, e a minha camisa estava rasgada, e havia uma mordida nova no meu antebraço esquerdo, e a ferida do ombro tinha reaberto e escorria preto pelas minhas costas.

Eram onze e quarenta.



O alçapão estava no fim do corredor, debaixo do palco, numa sala cheia de cordas e roldanas e cenários antigos empilhados. Uma tampa de ferro redonda no chão, com uma argola. Fechada com uma boca de gordura amarela que pulsava, viva.

Eu me ajoelhei ao lado dela.

E senti. Através do ferro, através dos tijolos, através da porta fechada da marca. Não uma batida a cada trinta segundos. As batidas tinham parado. Ela não estava mais assinando.

Ela estava subindo.

Ouvi passos na escada de pedra do outro lado do alçapão. Passos leves, irregulares, de alguém que mal consegue andar. E outros passos, mais pesados, mais firmes. E uma voz que eu conhecia, gentil, paternal:

— Devagar, menina. Devagar. Mais dez degraus.

O alçapão se abriu por dentro.

Otávio subiu primeiro. Ele me viu e parou, com meio corpo para fora, o rosto pálido iluminado de baixo pela luz vermelha da escada. Os olhos dele foram de mim para o corredor cheio de cinza atrás de mim, e de volta para mim. E ele não fez nada. Não gritou. Não chamou ninguém. Ficou ali, meio dentro, meio fora, segurando a borda do alçapão com os nós dos dedos brancos.

Depois, sem dizer uma palavra, terminou de subir, se virou e estendeu a mão para baixo.

E ela subiu.



Ela estava vestida de preto. Um vestido longo, de veludo, que alguém tinha escolhido para ela — Malthus, provavelmente; tinha cara de figurino. O cabelo estava preso no alto da cabeça. Havia maquiagem no rosto dela, pesada, para esconder as olheiras, mas não escondia. Ela estava mais magra. Muito mais magra. Os ossos da clavícula saltavam no decote do vestido. A pele tinha um tom cinzento, translúcido, como papel de seda contra a luz.

Ela estava segurando um envelope pardo contra o peito com as duas mãos.

Ela me viu.

Nós dois ficamos imóveis. Ela na borda do alçapão, eu de joelhos no chão de madeira, a dois metros de distância. Otávio entre nós, olhando de um para o outro.

— Vocês têm três minutos — disse Otávio, baixinho. — Ele está no camarote. Vai mandar alguém buscar ela para o palco às onze e cinquenta. — Ele olhou para mim. — Eu não vi nada, Cobrador.

E se afastou. Foi até a outra ponta da sala, entre os cenários antigos, e ficou de costas para nós.

Eu me levantei.

Ela não se mexeu.

— Celina — falei.

— Não.

— Eu sei. Eu sei que não tenho o direito. — Eu dei um passo. Ela não recuou. — Eu só preciso de um minuto. Depois você faz o que quiser. Pode me mandar embora. Pode me mandar para o Abismo. Mas eu preciso de um minuto.

Ela me olhou. Os olhos dela estavam secos e vazios e muito, muito cansados.

— Um minuto — disse ela.

Eu tirei o frasco do bolso.

Ela olhou para ele. Eu vi a garganta dela se mexer.

— Cinquenta e uma — falei. — Eu colhi mais quatro depois que você foi embora. Não... não dos leitores. Eu fui até os farejadores que Malthus mandou ao Copan e tirei deles as lascas que eles tinham roubado de você. Eles tinham poucas. Quatro. — Minha voz falhou. — Não é muito.

— Por que você tá me mostrando isso?

— Porque nunca foi meu.

Tirei a rolha.

As faíscas não saíram de imediato. Ficaram presas no vidro, pulsando, como se não acreditassem. Depois, uma por uma, começaram a subir. Saíram pela boca do frasco como vaga-lumes saindo de um pote, e flutuaram no ar escuro da sala, entre as cordas e as roldanas, cinquenta e uma pequenas luzes douradas e vermelhas — e então, todas ao mesmo tempo, voaram até ela.

Entraram no peito dela, bem no centro, sobre o envelope pardo. Ela arquejou. Cambaleou. Eu dei um passo para segurá-la e parei — *regra número quatro* — e ela se segurou sozinha, numa coluna de madeira, com a mão espalmada.

E a cor voltou ao rosto dela.

Não toda. Não muita. Mas voltou. As bochechas ganharam um tom rosado sob a maquiagem. Os lábios ficaram vermelhos. Os olhos — os olhos castanhos dela, que eu tinha visto cinzentos por quatro dias através de uma porta fechada — se encheram de luz.

E se encheram de lágrimas.

— Você disse — falou ela, com a voz tremendo — que o resto de mim era seu. No beco. Você disse *é seu, então não é nada*. Na sala, você disse *porque você é minha*. Você passou dezessete dias dizendo que eu era sua.

— Eu sei.

— E agora você me devolve.

— Sim.

— Por quê?

Eu me aproximei. Um passo. Dois. Ela não recuou. Fiquei tão perto que via os pequenos grãos de maquiagem sobre as sardas que eu sabia que ela tinha no nariz. E não toquei nela.

— Porque eu estava errado — falei. — Eu quero o resto de você, Celina. Eu sempre quis. Desde o cemitério, desde antes de você assinar, desde que eu te ouvi ler. Eu quero o seu riso e a sua raiva e os seus pesadelos e os cafés sem gosto. Eu quero os anos que você ainda tem. Eu quero você inteira, todos os dias, até o fim. — Eu engoli em seco. — Mas não se eu tiver que tirar. Só se você me der.

Ela ficou me olhando.

— E a sua liberdade? — perguntou. — O seu nome. *Milésima designada*.

— Eu vou recusar.

Ela piscou.

— Ondina me contou. Existe uma saída que ninguém conta. O Cobrador pode recusar a milésima. Diante da Senhora. E o contrato se desfaz. A alma volta a ser da devedora. — Eu respirei fundo. — E o Cobrador fica no meio. Para sempre. Sem nome da Corte, sem liberdade, sem serviço. Como Ondina.

— Você vai virar... o que ela é.

— Vou.

— Pra sempre.

— Sim.

— Por mim.

— Por você — falei. — E porque é o que o rapaz da Rua da Glória teria feito. Eu acho. Eu não o conheço muito bem ainda. Mas ele escreveu *que o nome é sal, e o sal é o que se entrega*. Eu acho que ele sabia.

Ela fechou os olhos. As lágrimas escorreram, deixando trilhas escuras de rímel no rosto pálido.

E então ela estendeu o braço esquerdo, com o pulso para cima.

O círculo oleoso de gordura amarela ainda estava lá, cobrindo a marca. Eu olhei para ele. Depois para ela.

— Posso? — perguntei.

— Pergunta de novo e eu desisto — disse ela, com a voz rachada.

Eu pousei os dedos sobre o pulso dela. A mão queimada, a que tinha a tinta de Malthus na pele. E o selo reconheceu a tinta do próprio senhor, e hesitou — um segundo, como os farejadores. Um segundo era tudo o que eu precisava.

Eu queimei.

O círculo amarelo estalou, chiou, se desfez em fumaça com cheiro de pêssago podre. E debaixo dele, a marca apareceu, vermelha, viva, brilhando. E eu a senti. De uma vez. Inteira. O medo dela, o cansaço, a raiva, o amor — tudo, como uma onda que arrebenta depois de quatro dias presa atrás de uma porta.

Ela deve ter sentido o mesmo, porque soltou um som que era meio solução, meio riso, e caiu para a frente, contra o meu peito, e eu a segurei.

— Idiota — disse ela, com o rosto enfiado na minha camisa rasgada. — Você é um idiota. Pior que o Varek.

— Eu sei.

— Eu ainda tô com raiva de você.

— Eu sei.

— Muita raiva.

— Eu sei.

Ela ergueu o rosto. E me beijou. Rápido, com força, com gosto de sal e de lágrima e de rímel, e se afastou antes que eu conseguisse respirar.

— Depois — disse ela. — Depois eu fico com raiva direito. Agora eu tenho um palco.

Ouvimos passos no corredor. Pesados. Muitos.

Otávio se virou, na outra ponta da sala. Olhou para nós. Olhou para o relógio no pulso.

— Onze e cinquenta — disse ele. — Estão vindo buscar.

Ela apertou o envelope contra o peito. Olhou para mim. E eu vi nos olhos dela uma coisa que eu tinha visto uma única vez antes, numa escada de incêndio do Hospital das Clínicas, quando ela disse *eu vou consertar isso*.

Eu tirei do bolso o estojo de madeira e estendi para ela.

— Ondina mandou — falei. — Ela disse que uma pena escreve para qualquer lado.

Ela abriu o estojo. Olhou para a pena de cobra, preta e dourada, sobre o veludo vermelho. Depois para Otávio. Depois para mim.

E sorriu. Um sorriso pequeno, perigoso, que eu nunca tinha visto, e que me fez lembrar, com uma clareza absurda, de que ela era a mulher que tinha inventado uma menina que queimou um reino inteiro.

— Então vamos escrever um final — disse Celina.

CAPÍTULO

22

Leitura em Voz Alta

— CELINA —

O PALCO DO Theatro Municipal tem dezoito metros de boca de cena. Eu sei porque a Dandara me contou, uma vez, quando a gente foi ver uma ópera que ela odiou e eu amei. *Dezoito metros, Celina. Dá pra estacionar quatro carros lado a lado. Imagina ficar ali sozinha com mil e quinhentas pessoas te olhando.*

Eu imaginei. Na época, achei a coisa mais assustadora do mundo.

Eu não sabia nada.

As cortinas se abriram às onze e cinquenta e cinco. A luz me atingiu como uma onda — um canhão branco, vindo do fundo da plateia, tão forte que eu não via nada além dele. E por trás da luz, o som. Mil e quinhentas pessoas gritando o meu nome, de pé, batendo palmas, batendo os pés no chão de madeira. E lá fora, abafado pelas paredes de pedra, mais forte ainda, como o mar batendo num quebra-mar: oito mil e quinhentas pessoas no Vale do Anhangabaú, gritando junto.

Eu fiquei parada no centro do palco, atrás de um púlpito de madeira escura com uma pena dourada entalhada na frente. Sobre o púlpito, um

microfone e um exemplar do box de colecionador, aberto na primeira página. A minha assinatura na folha de rosto, vermelha e pulsante.

Eu não olhei para ela.

Olhei para a coxia, à direita. Na sombra, entre as cortinas pretas, eu via a silhueta dele. Vinte e dois passos. Ele tinha contado. Estava parado, de braços cruzados, com a camisa rasgada e a ferida no ombro escorrendo preto pelas costas, e os olhos acesos no escuro como duas brasas. Eu sentia ele pela marca. Tenso como uma corda de violino.

Na coxia da esquerda, Otávio. De blazer de veludo, óculos dourados, as mãos cruzadas na frente do corpo. Eu via, mesmo de longe, o volume no bolso interno do blazer. A cópia-testemunha.

E no camarote principal, no centro do segundo andar, onde antigamente se sentavam os barões do café e os governadores, Malthus. Terno de linho branco, chapéu-panamá no colo, uma bandeja de prata cheia de frutas sobre a balaustrada de veludo. Ele me viu olhando e ergueu um pêssego, como quem ergue uma taça num brinde.

No telão sobre o palco, a contagem regressiva: 00:03:12.

Eu me inclinei para o microfone.

— Boa noite — falei.

A plateia explodiu de novo. Eu esperei. Esperei até o barulho diminuir, até eu conseguir ouvir a minha própria respiração no microfone, e então falei, devagar, com a voz que eu usava nas leituras, a voz que a Dandara chamava de *voz de contar história no escuro*:

— Eu tenho uma coisa pra confessar pra vocês.

Silêncio. Mil e quinhentas pessoas prenderam a respiração ao mesmo tempo. Eu ouvi.

— Me pediram pra ler hoje um trecho da *Rainha Queimada*. À meia-noite. Enquanto vocês abrem os boxes. — Eu olhei para o camarote. Malthus parou de mastigar. — Mas eu não vou ler a *Rainha Queimada*.

Um murmúrio. Confusão.

— Eu vou ler uma coisa que eu escrevi antes. Muito antes. Antes de Vael, antes da Néssa, antes de tudo. Uma coisa que nunca foi publicada, porque ninguém quis. — Eu tirei o envelope pardo de dentro do vestido, onde o

tinha escondido, e pus sobre o púlpito, por cima do box de colecionador. — Um livro sobre a minha mãe.

No camarote, Malthus se inclinou para a frente.



O relógio do telão chegou a 00:00:10.

A plateia começou a contar em voz alta. Eu ouvi o Vale, lá fora, contando junto. *Dez. Nove. Oito.* Mil e quinhentas mãos seguravam os boxes no colo. Oito mil e quinhentas, lá fora. *Sete. Seis. Cinco.* Eu vi, na primeira fila, uma moça de cabelo roxo — Luíza com zê, da noite de Finados — com os olhos brilhando e as mãos na tampa da caixa. *Quatro. Três.* Vi a dentista com a coroa de arame farpado. Vi o rapaz com a tatuagem da data da morte de Íris na costela. *Dois.*

Um.

Dez mil pessoas abriram as caixas ao mesmo tempo.

E dez mil pessoas tocaram a minha assinatura.

Eu senti. Todos sentiram. Era como se o teatro inteiro tivesse sido sugado para dentro de um ralo. Um puxão, um único puxão gigantesco, que começou em cada folha de rosto, em cada assinatura vermelha, e atravessou cada mão, cada braço, cada peito. Eu vi a plateia inteira estremecer ao mesmo tempo, como um campo de trigo sob o vento. Vi as cabeças tombarem. Vi Luíza com zê arregalar os olhos e abrir a boca sem som.

E vi a luz.

De cada peito, de cada leitor, saiu um fio. Vermelho-escuro, fino como linha de costura, brilhante como tinta molhada. Mil e quinhentos fios na plateia. E através das paredes, através da pedra, eu sentia os outros oito mil e quinhentos, lá fora, no Vale. Dez mil fios, subindo de dez mil peitos, se esticando no ar, se cruzando sobre as cabeças, todos indo na mesma direção.

Para a coxa da esquerda. Para Otávio. Para o bolso interno do blazer de veludo.

E por cada fio, subindo, as faíscas. Douradas e vermelhas, sal e tinta. Pedacos de mim.

Otávio cambaleou. Eu o vi levar a mão ao peito, ao bolso, e se curvar como se tivesse levado um soco. O blazer dele começou a brilhar por dentro, um brilho vermelho que vazava pelo tecido. A cópia-testemunha estava recebendo tudo. E de lá, eu via, um fio mais grosso, muito mais grosso, como um cabo, subia da coxa em diagonal até o camarote principal. Até a boca aberta de Malthus.

Ele estava de pé na balaustrada. Os braços abertos. A boca — a boca de homem, ainda — escancarada, e as faíscas entrando nela como água num funil.

Eu me inclinei sobre o microfone. Abri o envelope. Tirei a primeira página.

E li.



“Minha mãe costurava vestidos de noiva com a boca cheia de alfinetes, e por isso, durante toda a minha infância, achei que o amor era uma coisa que se dizia sem abrir os lábios.”

A minha voz saiu pelos alto-falantes do teatro, pelos telões do Vale, e eu senti o manuscrito esquentar sob os meus dedos.

“Ela trabalhava num quarto nos fundos do apartamento da Ponta da Praia, de frente para uma janela de onde se via um pedaço do mar entre dois prédios. Um pedaço pequeno, do tamanho de um lenço. Ela dizia que era o suficiente. Que ninguém precisa do mar inteiro; basta saber que ele está ali, e que vai e volta.”

Não aconteceu nada. Os fios continuaram subindo. As faíscas continuaram correndo.

Eu continuei lendo.

“Eu tinha sete anos quando perguntei por que ela nunca usava os vestidos que fazia. Ela tirou os alfinetes da boca, um por um, e colocou na almofadinha de veludo que tinha presa no pulso. E disse: porque eles não são meus, Celina. A gente faz as coisas bonitas para os outros usarem. É assim que a gente fica neles.”

E algo mudou.

Eu senti antes de ver. Uma hesitação. Como na Floresta Queimada, no sonho da Dandara, quando as faíscas pararam no meio do fio. Uma faísca, uma só, a meio caminho entre o peito de Luíza com zê e a coxia de Otávio, parou. Ficou suspensa no ar, brilhando.

E então outra. E outra.

Eu ergui os olhos do manuscrito. Olhei para a plateia, através da luz do canhão, para as mil e quinhentas pessoas tombadas nas cadeiras de veludo vermelho com os fios saindo do peito. Respirei fundo.

E parei de ler.

— Eu não vim aqui tomar nada de vocês — falei, no microfone, e a minha voz ecoou pelo teatro e pelo Vale. — Eu sei que é isso que tá acontecendo. Eu sei que vocês tão sentindo. Alguém tá puxando uma coisa de dentro de vocês, e dói, e vocês não sabem o que é.

Silêncio. As faíscas suspensas no ar.

— É meu. O que tá saindo de vocês é meu. Eu dei pra vocês. Sem saber, mas dei. Cada vez que eu escrevia uma página com tudo o que eu tinha, eu dava um pedaço. E vocês pegaram, e guardaram, e levaram pra casa, e tatuaram na pele, e leram no hospital na noite em que alguém morreu. — A minha voz falhou. Eu deixei. — Isso é de vocês agora. É assim que eu fico em vocês. Como os vestidos da minha mãe.

Mais faíscas pararam. Dezenas. Centenas. O ar sobre a plateia se encheu de luzinhas suspensas, como um céu de estrelas baixas.

— Mas tem alguém que quer roubar isso. De vocês e de mim. Alguém que não sabe fazer nada, que só sabe comer. — Eu olhei para o camarote. Malthus tinha fechado a boca. Estava me olhando. — E eu não vou deixar.

Eu voltei os olhos para a plateia.

— Eu não posso tomar de volta. Eu não quero. Se eu tomar, vocês dormem, e eu não aguento mais ninguém dormindo por minha causa. — Eu respirei. — Então eu vou pedir. Só isso. Eu vou pedir. Fiquem com o que vocês quiserem. Com o que vocês precisam. Com o que salvou vocês. Mas se tiver um pedaço que vocês possam devolver... um pedacinho só, uma faísca... eu preciso dele pra continuar. Pra escrever de novo. Pra contar o resto da história.

Eu peguei a página seguinte do manuscrito. E li, com a voz mais firme do que eu jamais tinha lido qualquer coisa na vida:

“Ele sempre volta, Celina. O mar sempre volta pra buscar o que deixou aqui.”

E as faíscas desceram.

Não para Otávio. Não para Malthus. Não todas, nem a maioria. Mas muitas. Elas se soltaram dos fios vermelhos, que de repente ficaram pálidos e borrados como tinta molhada, e flutuaram no ar sobre a plateia por um momento, hesitantes, como pássaros decidindo para onde voar.

E então vieram para mim.

Elas atravessaram o teatro como um enxame dourado. Vieram de todos os lados — da plateia, dos camarotes, das galerias, e de fora, de muito longe, atravessando a pedra das paredes como se não existissem, do Vale inteiro. Eu ouvi um som lá fora que parecia vento, e era o som de milhares de faíscas voando sobre o Anhangabaú, sobre os telões, sobre as cabeças de oito mil e quinhentas pessoas, em direção ao teatro. Em direção a mim.

Entraram no meu peito como chuva quente.

E cada uma trazia alguma coisa. Não minha; deles. Uma lembrança, um sentimento, uma frase. *Eu li no ônibus, voltando do enterro do meu avô. Eu li em voz alta pra minha filha quando ela teve leucemia. Eu decidi não me matar no capítulo vinte e três. Eu me apaixonei pela minha esposa porque ela tava lendo o seu livro na fila do banco.* Eu sentia tudo. Milhares de vozes. Milhares de vidas. Milhares de pedaços de mim que tinham ido morar em outras pessoas e voltavam trazendo um pouco delas, como o mar volta trazendo conchas.

Eu caí de joelhos atrás do púlpito, segurando o manuscrito contra o peito, chorando, rindo, sem ar.

E as cores voltaram. Todas. De uma vez. O vermelho do veludo. O dourado do estuque. O branco cegante do canhão de luz. O verde dos olhos de Luíza com zê, na primeira fila, que tinha erguido a cabeça e estava me olhando, acordada, com lágrimas no rosto.

Na plateia, as pessoas estavam acordando. Uma por uma. Erguendo a cabeça, piscando, confusas. Os fios vermelhos que saíam do peito delas estavam pálidos, frouxos, quase transparentes.

Mas não tinham se rompido.



— *Escriba* — disse a voz de Malthus.

Não veio do camarote. Veio de todo lugar.

Eu ergui os olhos.

O camarote principal estava vazio. A bandeja de frutas tinha caído na plateia. E no teto do teatro, em volta do lustre de bronze, alguma coisa estava se abrindo. Uma boca. Do tamanho do teto. Sem lábios, sem rosto, cercada de fileiras e fileiras de dentes que giravam como engrenagens, e ela respirava, e a cada respiração o lustre balançava e as pessoas da plateia gritavam e se encolhiam nas cadeiras.

— *Você não tem o direito* — disse a boca. — *Você é uma devedora. Uma casca. Você não tem direito de pedir nada.*

E desceu.

Não sobre a plateia. Sobre mim.

Eu vi ela vir, enorme, escura, os dentes girando, e não consegui me mexer. Estava de joelhos, cheia de faíscas que ainda não tinham terminado de entrar, sem força nas pernas.

E então ele estava na minha frente.

As asas abertas. As duas: a inteira e a rasgada. Ocupando a boca de cena de ponta a ponta, dezoito metros de fumaça e brasa e cinza, entre mim e a boca de Malthus. Os olhos dele eram fogo aberto, e a sombra dele não era sombra, era a coisa em si.

— Ninguém toca no que é meu — disse ele.

E então, numa voz que só eu ouvi, pela marca, mais baixa, quase um sussurro:

— *No que ela escolheu me dar.*

A boca de Malthus o atingiu.

Eu nunca vou esquecer o som. Era o som do farejador no beco, de papel rasgando, multiplicado por mil. As asas dele se fecharam sobre a boca como uma rede de fogo, e a boca mordeu, e mordeu, e mordeu, e a cada mordida um pedaço dele ia embora. Eu via. Eu sentia pela marca. Cada mordida era como se arrancassem um pedaço de mim também.

Ele não recuou. Ele ficou. Ele aguentou.

— *Otávio!* — gritou a boca, entre os dentes. — *A cópia! Me dê a cópia! Agora!*

Eu virei a cabeça.

Otávio estava parado na coxa da esquerda. O blazer dele não brilhava mais tanto; a maior parte das faíscas tinha deixado de chegar. Mas ainda brilhava. Ele tinha tirado a cópia-testemunha do bolso — um pergaminho dobrado, grosso, amarelado, que pulsava em vermelho nas mãos dele como um coração arrancado do peito.

Ele olhou para a boca. Depois para mim.

E começou a andar.

Não para a boca. Para mim.

Ele atravessou o palco devagar, com passos firmes, por baixo das asas de fumaça, por baixo dos dentes que giravam, e eu vi o rosto dele à luz do fogo: pálido, sereno, quase em paz. Ele chegou ao púlpito. Se ajoelhou ao meu lado, com os joelhos estalando, como tinha feito na galeria. E pôs o pergaminho nas minhas mãos.

— O final é seu, menina — disse ele. — Sempre foi.

— *Otávio!* — rugiu a boca.

Uma fileira de dentes se soltou do resto. Passou por cima das asas, por cima dele, que gritou e tentou segurar e não conseguiu. Desceu sobre o palco como uma lâmina.

Otávio não se moveu. Ficou ajoelhado ao meu lado, com as mãos sobre as minhas, sobre o pergaminho. E olhou para mim, por cima dos óculos dourados, com aquele olhar de editor que eu conhecia havia sete anos, aquele olhar que dizia *isso aqui está bom, menina, isso aqui está muito bom*.

Os dentes se fecharam sobre ele.

Não houve sangue. Houve só um som, como de uma página sendo arrancada de um livro. E então o lugar onde Otávio estava ajoelhado estava vazio, e os óculos dourados dele caíram no chão de madeira do palco, ao lado do meu joelho, e uma das lentes rachou.

Eu gritei.

Lá em cima, a boca riu. E com a risada, mordeu de novo. E dessa vez, eu ouvi as asas dele se partirem.

Ele caiu.

Caiu diante de mim, no palco, como um anjo derrubado de um vitral. As asas se desfazendo em cinza, o corpo humano aparecendo por baixo, ferido, aberto, escorrendo preto. Caiu de costas, com os olhos de fogo apontados para o teto, e a marca no peito dele, vermelha, piscando, piscando, cada vez mais fraca.

E a boca de Malthus, enorme, cheia de dentes, abriu-se sobre nós dois, e desceu.

CAPÍTULO

23

A Emenda

— CELINA —

EU TINHA TALVEZ três segundos.

Eu sei porque contei. Ele me ensinou isso, sem querer, em dezessete dias: contar. Passos, noites, lascas, segundos. Os dentes de Malthus desciam do teto do Theatro Municipal como uma chuva de facas, girando, e eu estava de joelhos no palco com a cópia-testemunha nas mãos, os óculos de Otávio rachados ao lado do meu joelho, e ele — Antero — caído de costas diante de mim, as asas desfeitas em cinza, a marca no peito piscando como uma vela no vento.

Um.

Eu enfiei a mão no decote do vestido e tirei o estojo de madeira. Abri com o polegar. A pena de cobraça brilhou sobre o veludo vermelho.

Dois.

Eu não tinha tinta. A tinta da pena era o sangue de Otávio, e Otávio não existia mais. Então eu fiz o que tinha feito sete anos antes, num cemitério, com um estilete de papelaria. Encostei a ponta de ouro da pena na palma da mão esquerda, no lugar exato onde o corte do beco tinha cicatrizado, e puxei.

Doeu. Ainda bem. Doer era sentir.

Três.

Eu abri a cópia-testemunha sobre o púlpito, por cima do manuscrito de *Maré Baixa*. A caligrafia se mexia como peixes. Eu não me importei. Eu sabia escrever. Era a única coisa que eu sempre soube.

E escrevi, em letras grandes, tortas, vermelhas, na margem do contrato, enquanto dizia em voz alta cada palavra:

— *Esta cópia pertence aos arquivos da Corte de Brasa. Que a Senhora das Dívidas veja quem a roubou.*

O teatro parou.



Não ficou em silêncio. *Parou*. Como a vela no cemitério, sete anos antes: uma lágrima de fogo congelada no ar. Os dentes de Malthus pararam a meio metro da minha cabeça, girando sem girar, presos no ar como num quadro. O lustre de bronze parou no meio de um balanço, inclinado num ângulo impossível. As pessoas da plateia pararam no meio de um grito, as bocas abertas, as mãos erguidas. Uma faísca dourada, uma das últimas, parou a um palmo do meu rosto, e eu vi, dentro dela, como dentro de uma gota de âmbar, a imagem de uma menina lendo num ônibus.

E no meio do palco, entre mim e a boca congelada de Malthus, havia uma escrivanhinha.

Madeira petrificada. Enorme. Coberta de papéis. E atrás dela, numa cadeira de espaldar alto, com um tailleur cor de chumbo e óculos com corrente de pérolas, a Senhora das Dívidas.

Ela olhou para o teatro ao redor dela. Para a plateia congelada, para os camarotes dourados, para o lustre inclinado. Olhou para cima, para a boca enorme e os dentes parados. Olhou para ele, caído no chão. E então olhou para mim.

— Você me chamou — disse ela.

— Chamei.

— Ninguém me chama.

— Eu sei. — A minha voz estava tremendo. A minha mão sangrava sobre o púlpito. — Mas a senhora disse que, se eu trouxesse a cópia-testemunha nas mãos de quem a roubou, a senhora julgaria. Está aqui.

Eu ergui o pergaminho. Ele pulsava em vermelho. E dele, mesmo agora, mesmo com o tempo parado, saía um fio — um fio grosso, vermelho-escuro, como um cabo — que subia em diagonal pelo ar e terminava dentro da boca congelada de Malthus. Entre os dentes. No fundo da garganta.

A Senhora seguiu o fio com os olhos. Devagar. Da minha mão até a boca.

— Ah — disse ela.

E pela primeira vez, eu vi alguma coisa no rosto dela que não era interesse. Era raiva. Uma raiva antiga e fria, como gelo no fundo de um poço.

— Malthus — disse ela.

A boca estremeceu. Os dentes, presos no ar, tremeram.

— Senhor da Casa da Fome. Você roubou dos meus arquivos a cópia de um contrato da Sétima Casa. Você fez uma pena de cobrança, proibida desde mil seiscentos e doze. Você esvaziou devedores e leitores que não lhe deviam nada. E você atacou um Cobrador em serviço, numa encruzilhada pública, diante de dez mil testemunhas mortais.

— *Senhora* — disse a boca, a voz abafada, como se viesse do fundo de um poço. — *Senhora, a devedora...*

— A devedora fez o que você não sabe fazer — disse a Senhora, e eu ouvi, com um sobressalto, as mesmas palavras que ele tinha dito na noite do ataque ao Copan. — Ela escreveu.

E a Senhora das Dívidas estalou os dedos.

O chão do palco se abriu.

Não como um alçapão. Como uma ferida. As tábuas de madeira se partiram, e debaixo delas não havia o porão, nem a galeria do rio, nem nada. Havia a fenda. A mesma fenda sem fundo que eu tinha visto sob a Corte, onde os rios enterrados caíam sem fazer barulho. E da fenda subiram correntes. Correntes de ferro negro, do tamanho de troncos, as mesmas correntes que sustentavam a catedral invertida. Elas subiram como serpentes e se enrolaram na boca de Malthus, nos dentes, na garganta, e puxaram.

Ele gritou. Foi o som mais horrível que eu já ouvi. Mil vozes ao mesmo tempo, todas famintas, todas com medo.

E enquanto as correntes o arrastavam para baixo, ele vomitou.

Não sei de que outro jeito dizer. Da boca enorme, enquanto ela descia, saíram faíscas. Milhares. Douradas, vermelhas, mas também de outras cores — azuis, verdes, prateadas. Não só as minhas. As de todos os que ele tinha comido. Os leitores no hospital. A enfermeira de Ondina. A Bia. A Dandara. E pedaços maiores, mais escuros, que eu reconheci pela marca com um aperto no peito: pedaços dele. Do Cobrador. Os pedaços que Malthus tinha arrancado das asas dele, do ombro, na noite do Copan e agora.

As faíscas se espalharam pelo teatro como fogos de artifício. E, mesmo com o tempo parado, se moveram. Cada uma sabia para onde ir. Atravessaram as paredes, o teto, o chão, voando para longe, para o Hospital das Clínicas, para apartamentos em Pinheiros e na Vila Mariana e na Bela Vista, para a casa de cada pessoa de quem tinham sido roubadas.

Os pedaços escuros desceram sobre ele, caído no palco, e entraram no peito dele, um por um.

A boca de Malthus desapareceu na fenda. As correntes desceram atrás. O chão se fechou.

E ficou só uma mancha de gordura amarela sobre as tábuas, e o cheiro de pêssego podre, e então nem isso.



Eu engatinhei até ele.

Ele estava de olhos abertos. Os olhos ainda eram brasa, mas uma brasa fraca, quase cinza. As feridas no ombro e no braço tinham parado de escorrer; os pedaços devolvidos tinham fechado alguma coisa. Mas a marca no peito dele ainda piscava, fraca, irregular.

— Celina — disse ele. A voz era um fio.

— Eu tô aqui.

— Você chamou a Senhora.

— Chamei.

— Ninguém chama a Senhora.

— Eu sei. Ela disse. — Eu peguei a mão dele. A queimada. — Para de falar.

— Eu preciso... — Ele tentou se erguer. Não conseguiu. Virou a cabeça na direção da escrivaninha. — Senhora.

A Senhora das Dívidas o olhou por cima dos óculos.

— Cobrador.

— Eu recuso a milésima.

Silêncio.

A Senhora tirou os óculos. Ficou olhando para ele por um longo momento. Depois para mim. Depois para ele de novo.

— Você sabe o que isso significa — disse ela. Não era uma pergunta.

— Sei.

— Você não será livre. Não terá seu nome devolvido pela Corte. Nunca. Ficaré no meio, como a livreira. Para sempre.

— Sei.

— Por uma devedora.

— Por ela — disse ele. — E porque o rapaz da Rua da Glória teria feito o mesmo.

A Senhora ficou em silêncio. E então, muito devagar, ela fez uma coisa que eu nunca esperei. Ela sorriu. Não o sorriso de aranha. Outro. Pequeno, cansado, quase triste.

— Recusa aceita — disse.

E o contrato de serviço dele — eu senti, pela marca — se desfez. Como um nó que escorrega. Ele arquejou no chão do palco, de olhos fechados, e eu segurei a mão dele com mais força.

— Mas — continuou a Senhora, pondo os óculos de volta e olhando para mim — isso desfaz o contrato da devedora, também. E uma alma solta, sem contrato, numa encruzilhada, numa noite de lua nova... — Ela inclinou a cabeça. — Não fica muito tempo no lugar, querida. Vai embora com a primeira coisa que passar.

— Então eu escrevo outro.

As sobrancelhas da Senhora subiram.

— Um contrato?

— Uma emenda. — Eu peguei a cópia-testemunha de cima do púlpito. Ainda pulsava, mas agora num vermelho mais calmo, mais lento. — O Tratado diz que um contrato da Corte só pode ser emendado com o sangue das duas partes. Eu sou uma parte. Ele é a outra. — Eu olhei para ele. — Ainda é. Até eu terminar de escrever.

A Senhora me olhou por muito tempo.

— Você leu o Tratado — disse ela, finalmente.

— Li. Três vezes.

— Com o erro de concordância no capítulo nove.

— Ele ainda tá lá.

A Senhora das Dívidas riu. O mesmo riso curto e seco, como uma página que se rasga. E fez um gesto com a mão, um gesto pequeno e elegante, como quem diz *por favor*.

— Escreva, escriba.



Eu escrevi.

Ajoelhada no palco do Theatro Municipal, com o tempo parado ao meu redor, com mil e quinhentas pessoas congeladas no meio de um grito e oito mil e quinhentas lá fora, no Vale, com as faíscas suspensas no ar como estrelas baixas. Com o sangue da minha mão esquerda e a pena de cobrança de Malthus, que agora escrevia para o outro lado. Na margem da cópia-testemunha, onde havia espaço, e depois por cima das próprias letras do contrato, que se mexiam como peixes e se aquietavam onde a minha tinta passava.

Eu escrevi devagar. Em voz alta. Cada palavra.

EMENDA AO CONTRATO DE CELINA DUARTE, CONSOLAÇÃO, 02/11.

Primeiro: A alma de Celina Duarte pertence a Celina Duarte. Onde quer que esteja.

Segundo: O que ela deu aos seus leitores, eles guardam ou devolvem como quiserem, de livre vontade, e ninguém mais pode tomar.

Terceiro: O que foi dado de livre vontade não pode ser comido, cobrado nem vendido.

Quarto: O Cobrador da Sétima Casa, que recusou a milésima, se chama Antero Vaz. Nascido no Rio de Janeiro. Poeta da Glória. Autor de Maré Cheia. Este nome está escrito aqui por uma escriba, num contrato da Corte, e não pode ser riscado.

Eu parei. A mão tremia. A visão escurecia nas bordas; eu tinha gastado muito, no sonho da Dandara, na leitura, na invocação. Mas não tinha acabado.

Eu olhei para ele.

Ele estava me olhando do chão. E os olhos dele — os olhos dele tinham mudado. A brasa ainda estava lá, no centro, mas em volta dela, como um anel, havia castanho. Castanho de verdade. Os olhos de um rapaz de vinte e oito anos numa sala com janela para a baía.

— Antero — falei.

Ele fechou os olhos. Uma lágrima correu pela têmpora dele e desapareceu no cabelo.

— Diga de novo — sussurrou.

— Antero Vaz.

— De novo.

— Antero. — Eu me inclinei sobre ele. Encostei a testa na dele. — Antero, Antero, Antero.

Ele riu. Um riso fraco, molhado, quebrado. O riso mais bonito que eu já ouvi.

Eu me endireitei. Voltei ao pergaminho. E escrevi a última cláusula.

Quinto: O resto — a vida, o riso, os pesadelos, os cafés, os anos que restam — Celina Duarte dá livremente a Antero Vaz. E ele, se quiser, dá o resto dele a ela. Ninguém cobra. Ninguém deve. Fica a marca, por escolha, enquanto os dois quiserem.

Eu assinei. *Celina Duarte*. Com o meu sangue, por cima do meu nome antigo, da gota de sete anos atrás.

Depois estendi a pena para ele.

Ele olhou para a pena. Para o pergaminho. Para mim. E eu vi, no rosto dele, uma coisa que eu nunca tinha visto: ele estava com medo de escrever.

Cento e trinta e cinco anos sem escrever nada além de cobranças. Cento e trinta e cinco anos sem um nome para assinar.

— Eu não sei se ainda sei — disse ele.

— Sabe. — Eu pus a pena na mão dele. — É só fazer como quem sangra.

Ele sangrava. O preto que escorria das feridas dele, a coisa mais parecida com sangue que ele tinha, já não era tão preto. Era escuro, mas vermelho no fundo. Ele molhou a ponta da pena no próprio ombro. Ergueu-se sobre um cotovelo, com um gemido de dor. E escreveu, embaixo da minha assinatura, devagar, com uma caligrafia inclinada e elegante, de outro século, que tremia:

Antero Vaz.

A tinta brilhou. Vermelho vivo. E ficou.



A Senhora das Dívidas pegou a cópia-testemunha das minhas mãos. Leu. Devagar, palavra por palavra, como eu leio as provas dos meus livros. Quando terminou, ficou em silêncio por um longo tempo.

— Há mil anos — disse ela, por fim — nenhum mortal escreve num contrato da Corte.

— Agora escreveu — falei.

— Agora escreveu. — Ela dobrou o pergaminho, com cuidado, em quatro. — Uma escriba. Na minha cidade. Num teatro de ópera. — Ela balançou a cabeça. — A emenda é válida. Tem o sangue das duas partes, a testemunha pagou a própria dívida, e o credor recusou a milésima diante de mim. Não há nada na lei que a impeça.

Eu soltei o ar que nem sabia que estava prendendo.

— Mas — disse a Senhora.

Claro que havia um *mas*.

— Uma escriba não emenda um contrato da Corte de graça, querida. Nem mesmo uma escriba recém-nascida, sangrando no chão de um palco. — Ela me olhou por cima dos óculos. — Você usou os meus arquivos. Você me convocou. Você reescreveu uma cópia que estava sob a minha guarda. Isso tem um preço.

— Qual?

— Um contrato. — Ela guardou o pergaminho no bolso do tailleur. — Um dia, eu vou precisar que alguém escreva um contrato para mim. Ou que reescreva um. E nesse dia, eu virei buscar você, e você vai escrever o que eu pedir. — Ela fez uma pausa. — Não hoje. Não amanhã. Mas um dia.

Eu olhei para ele. Ele estava deitado, de olhos fechados, segurando a minha mão. Ele apertou os meus dedos. Uma vez. *Sim*.

— Combinado — falei.

A Senhora sorriu.

— Combinado, Celina Duarte.

Eu me arrepiei inteira.

— A senhora disse o meu nome inteiro.

— Eu sei todos os nomes, querida. — Ela se levantou da cadeira. — Esse é o meu ofício.

E então ela olhou para ele uma última vez. Para Antero, caído no palco, com o nome escrito em sangue num pergaminho no bolso dela.

— A Sétima Casa ainda é sua, se a quiser — disse ela. — Sem serviço, sem cobrança. Só o título. Ou nada. — Ela inclinou a cabeça. — Pense, Antero Vaz. Você tem tempo agora. Muito tempo.

Ela estalou os dedos.

E a escrivanhinha de madeira petrificada desapareceu, e ela com ela.



O tempo voltou.

O lustre terminou o balanço e se aquietou. As faíscas suspensas no ar terminaram de cair, devagar, como neve dourada, sobre a plateia, sobre as cadeiras de veludo, sobre os cabelos das pessoas, e se apagaram. Os fios vermelhos que saíam do peito dos leitores se desfizeram em fumaça e sumiram. Mil e quinhentas pessoas terminaram o grito que tinham começado — e o grito virou outra coisa no meio do caminho. Virou um suspiro. Um murmúrio. Confusão.

E então, de algum lugar no fundo da plateia, alguém começou a bater palmas.

Uma pessoa só. Depois duas. Depois dez. Depois mil e quinhentas, de pé, aplaudindo, gritando, chorando, sem saber exatamente o quê. Achando que tinha sido um efeito especial, talvez. Uma performance. *A noite mais esperada do ano literário*. E lá fora, no Vale, o som do mar batendo no quebra-mar, oito mil e quinhentas vozes, aplaudindo diante dos telões.

Eu estava de joelhos no palco, com a mão sangrando, ao lado de um homem caído de camisa rasgada, e um par de óculos dourados com uma lente rachada, e o manuscrito de um livro sobre a minha mãe.

O meu celular vibrou no bolso escondido do vestido. Eu peguei com a mão boa. Uma mensagem, de um número que eu conhecia de cor.

cadê vc maluca acordei no hospital com um tubo no nariz e a minha mãe chorando e eu sonhei q vc fazia chover numa floresta. ME LIGA.

Eu comecei a rir. E a chorar. E a rir.

Antero abriu os olhos e me olhou do chão. Castanho em volta da brasa.

— A sua amiga? — perguntou.

— Acordou.

— Ela vai me matar.

— Ela vai tentar — falei, e me deitei no palco ao lado dele, sob o lustre de bronze, sob os aplausos, e encostei a cabeça no peito dele, onde a marca batia devagar, quente, no ritmo de um coração que agora eu tinha certeza de que era dele.

CAPÍTULO

24

Antero

— ANTERO —

A PRIMEIRA COISA que eu fiz como Antero Vaz foi levar um soco.

Foi no Hospital das Clínicas, dois dias depois da lua nova, no quarto do nono andar, às quatro da tarde. Dandara Oliveira estava sentada na cama, ainda com o soro no braço e uma camisola de hospital estampada com pequenos patos amarelos, e os óculos verdes de volta no rosto. Celina entrou primeiro. As duas se abraçaram por tanto tempo, e chorando tanto, que a enfermeira veio ver se alguém estava passando mal.

Depois Dandara me viu na porta.

Ela se soltou de Celina, desceu da cama com o suporte do soro, atravessou o quarto descalça, arrastando o suporte pelas rodinhas, parou na minha frente e me deu um soco no estômago.

Não doeu. Ou doeu um pouco. O corpo que eu tinha agora era mais humano do que antes — eu tinha percebido isso no primeiro dia, quando cortei o dedo descascando uma laranja e o sangue saiu vermelho. Vermelho de verdade.

— Isso é por ter machucado ela — disse Dandara.

— É justo.

— E isso — ela me abraçou, de repente, com força, o suporte do soro balançando ao nosso lado — é por ter trazido ela de volta.

Eu fiquei imóvel. Ninguém me abraçava. Ninguém além de Celina tinha me abraçado em cento e trinta e sete anos.

Pus a mão, devagar, nas costas de Dandara.

— Eu sonhei com você — disse ela, contra o meu ombro. — Na floresta. Você tava de terno, todo molhado, com uma cara de cachorro abandonado. E eu disse que você ia ter que perder tudo.

— Eu lembro.

— Perdeu?

Eu pensei. Na Corte. No serviço. Na liberdade que eu nunca ia ter. No nome devolvido pela Senhora, que nunca viria.

— Perdi — falei. — E ganhei o resto.

Dandara se afastou. Me olhou de cima a baixo por cima dos óculos verdes. Depois olhou para Celina, que estava sentada na beira da cama, com os olhos vermelhos e um sorriso que eu nunca tinha visto, um sorriso que ia de uma orelha à outra.

— Celina — disse Dandara. — O consultor é um demônio?

— Era.

— E agora?

Celina olhou para mim.

— Agora ele é poeta — disse ela.



Os dias seguintes foram estranhos de um jeito novo.

O Brasil inteiro falava da noite do Theatro Municipal. A imprensa chamava de *a performance mais ousada da história do mercado editorial brasileiro*. Havia vídeos de celular em todo lugar: o canhão de luz, a escritora lendo um manuscrito, as faíscas douradas caindo sobre a plateia como neve, uma sombra enorme no teto que alguns diziam ser um efeito de projeção e outros diziam ser outra coisa. Ninguém tinha filmado a Senhora. Ninguém tinha fil-

mado as correntes. As câmeras dos celulares tinham parado junto com o tempo, e quando voltaram, só gravaram aplausos.

Os leitores que estavam no teatro não sabiam explicar o que tinham sentido. Mas falavam. Nos vídeos, nos posts, nas lives. *Foi como se alguma coisa saísse de mim e voltasse diferente. Eu chorei por três horas. Eu liguei pro meu pai depois de dois anos sem falar com ele.* Uma menina de dezenove anos postou um vídeo em que dizia: *eu devolvi um pedacinho pra ela. Eu sei que parece maluquice. Mas eu senti. E eu fiquei mais leve, não mais vazia.*

Teve trinta milhões de visualizações.

Os onze leitores do Hospital das Clínicas acordaram todos na mesma noite, à meia-noite e quatro minutos. Bia Mendes acordou com uma vontade enorme de comer pastel e um sonho para contar. A enfermeira de Ondina acordou e pediu os livros dela de volta. O filho tinha vendido para o sebo; Ondina devolveu de graça, numa caixa amarrada com barbante, com um bilhete que dizia apenas *estavam frios, agora não estão mais.*

Otávio Prates foi dado como desaparecido. A polícia investigou por duas semanas e não encontrou nada. A Editora Lume fechou as portas por um mês, e depois reabriu, com Dona Cida na direção interina, porque não havia mais ninguém que soubesse onde ficava cada coisa. Ela chamou Celina para uma reunião. Eu fui junto. Dona Cida me olhou por um longo momento, apertando o crucifixo de ouro, e depois disse:

— Você está diferente, moço.

— Estou.

— Os olhos.

— Estão mais castanhos — disse Celina. — Ele usava lentes.

— Uhum — disse Dona Cida, exatamente como Dandara tinha dito no primeiro dia, e serviu café.

Celina guardou os óculos de Otávio. Os dourados, com a lente rachada. Ela os pôs numa prateleira da estante da sala, ao lado do soneto *Maré Cheia* emoldurado e do livro de Machado de Assis. Eu perguntei por quê.

— Porque ele editou quatrocentos livros — disse ela. — E no fim, ele soube reconhecer um final ruim.



Ela voltou a escrever numa terça-feira.

Eu estava na cozinha. Tinha aprendido a fazer café — não na cafeteira; no coador de pano, como a minha mãe fazia na Rua da Glória. Eu me lembrava disso agora. Lembrava de coisas aos pedaços, como quem vai acendendo velas numa casa escura: o coador de pano, o cheiro do café de manhã, a voz dela cantando uma modinha chamada *Quem sabe?*, o nome da minha irmã mais nova, Isaura, que tinha medo de trovão. Cada lembrança vinha com uma dor e com uma alegria, e eu tinha aprendido a aceitar as duas.

Eu levei a xícara até a mesa de trabalho dela. Ela estava sentada diante do notebook, com o cabelo preso de qualquer jeito, de meias de lã e camiseta desbotada. Na tela, havia um documento.

Não em branco.

MARÉ BAIXA — Versão revisada — Capítulo 1.

E embaixo, três páginas de texto.

Ela pegou a xícara sem tirar os olhos da tela. Tomou um gole. E parou.

— Antero.

— Sim.

— Tá forte.

— Muito?

— Não. — Ela tomou outro gole. Fechou os olhos. — Tá perfeito. Tem gosto de chocolate no fundo. E tá quente. Eu tô sentindo o quente.

Ela abriu os olhos. Estavam molhados.

Eu me inclinei sobre o ombro dela e olhei para a tela. Para as três páginas. E sem pedir licença — porque agora não era mais preciso, porque o quinto item da emenda dizia que ninguém devia nada a ninguém —, encostei a ponta dos dedos no vidro do notebook, sobre a primeira frase.

Estava quente.

— É seu — falei.

— É meu — disse ela. E depois, mais baixo: — É nosso.



Naquela noite, eu escrevi.

Era a primeira vez desde 1889. Eu esperei ela dormir — não para colher; nunca mais para isso; mas porque eu tinha vergonha, como um rapaz de vinte e oito anos tem vergonha do primeiro poema. Sentei na poltrona perto da janela, com a cidade acesa lá embaixo, e o caderninho de capa de couro onde eu anotava regras e cláusulas, e uma caneta comum, de plástico, das que se compram na papelaria da esquina.

E escrevi.

Demorei a noite inteira. Risquei mais do que escrevi. As palavras vinham devagar, enferrujadas, como as dobradiças de uma porta que ninguém abre há um século. Mas vinham. E quando o dia começou a clarear sobre o Centro, cinzento e rosado, eu tinha um poema. Pequeno. Imperfeito. Meu.

Deixei em cima da mesa de trabalho dela, ao lado do notebook, dobrado em quatro.

Ela achou de manhã. Eu estava fingindo ler na poltrona, e ouvi o papel sendo desdobrado, e ouvi o silêncio dela, longo, e depois ouvi ela ler em voz alta, baixinho, para si mesma, do jeito que ela lia os próprios capítulos de madrugada:

MARÉ BAIXA

*Eu fui a maré cheia, a que levava,
a que cobrava o sal de cada cais;
contei mil noites, mil almas, mil nada,
e não pedi para voltar jamais.*

*Mas tu baixaste o mar com uma leitura
e eu vi o fundo — conchas, nomes, pão;
eu vi o que eu deixei, na areia escura:
um rapaz com um tinteiro em cada mão.*

*Não sou livre. Nem quero. Sou teu resto,
o que sobrou do fogo e do contrato.
E o resto, que é tão pouco, eu te empresto*

*não: eu te dou. Sem prazo e sem recato.
Que o nome é sal, mas quem me disse o nome
foi tu. E o sal, agora, é o que não some.*

— Antero Vaz

Quando ela terminou, ficou em silêncio. Eu não ergui os olhos do livro que não estava lendo.

Depois ouvi os passos dela atravessando a sala. Senti ela tirar o livro da minha mão. Senti ela se sentar no meu colo, na poltrona, de meias de lã, com o poema amassado na mão.

— Você assinou — disse ela.

— Assinei.

— Com o seu nome.

— É o único que eu tenho.

— Primeira vez?

— Desde a noite no teatro. E antes disso, desde 1889. — Eu olhei para o papel na mão dela. Para as duas palavras no fim, na minha caligrafia inclinada, de outro século, um pouco tremida. — Cento e trinta e sete anos.

Ela encostou a testa na minha.

— Esse poema tem erro de métrica no décimo primeiro verso — disse ela.

— Eu sei.

— E a rima de “contrato” com “recato” é pobre.

— Eu sei.

— É a coisa mais bonita que alguém já escreveu pra mim.

Eu não respondi. Eu não sabia responder. Então eu a beijei.

Foi diferente das outras vezes. Não havia pressa, nem fome, nem medo de que ela desaparecesse. Não havia frasco no bolso, nem prazo, nem marca queimando. A marca continuava ali, no pulso dela e no meu peito, mas agora não doía nem à distância; tinha virado só um calor, uma lembrança, como uma aliança que se esquece de tirar. Ela me beijou devagar, como quem relê uma página favorita. E eu a carreguei para o quarto com a luz da manhã entrando pelas cortinas azuis, e perguntei, como sempre — *posso?* —, e ela riu contra a minha boca e disse *pergunta de novo*, e eu perguntei, e ela disse sim.

Do resto, eu guardo o que ela guardaria: fragmentos. A luz cinzenta e rosada sobre a pele dela. As sardas no nariz que eu tinha visto pela primeira vez de perto, sem maquiagem nenhuma. O som que ela fazia quando eu dizia o nome dela, e o som que eu fazia quando ela dizia o meu. Antero. Antero. Como se cada vez fosse a primeira, e cada vez o nome ficasse um pouco mais fundo, um pouco mais meu, como uma letra que a gente vai cobrindo de tinta até ela não sair mais do papel.

Depois, ficamos deitados. Ela com a cabeça no meu peito, sobre a marca. Eu com a mão no cabelo dela.

— A Senhora disse que você pode ficar com a Sétima Casa — disse ela, sonolenta. — Já decidiu?

— Não.

— Vai decidir quando?

— Não sei. Ela disse que eu tenho tempo. Muito tempo. — Eu olhei para o teto. — Eu não sei quanto tempo eu tenho, Celina. Não sei se envelheço. Não sei se morro. Não sei o que é ficar no meio. Ondina tem mais de trezentos anos e ainda reclama da coluna.

— Então a gente descobre junto.

— E se eu viver mais do que você?

Ela ficou em silêncio por um momento.

— Então você escreve — disse ela. — Sobre mim. Um soneto por ano. Com erro de métrica.

Eu ri. Ela riu também, com o rosto contra o meu peito.

— E a sua dívida? — perguntei. — Com a Senhora. Um contrato.

— Um dia — disse ela. — Não hoje. Ela disse.

— Ela vai cobrar.

— Eu sei. — Ela ergueu a cabeça e me olhou. Castanho nos olhos dela. Castanho em volta da brasa nos meus. — Mas aí eu vou ter um consultor de contratos muito bom. Especialista em letras miúdas.

— Ex-consultor.

— Ex-consultor. — Ela sorriu. — Poeta da Glória.

Ela voltou a deitar a cabeça no meu peito. Em pouco tempo, a respiração dela ficou lenta e regular.

E eu fiquei acordado, como sempre, olhando a cidade acordar pela janela, com o resto dela pesando no meu peito, leve como uma página, quente como um café de coador. E pela primeira vez em cento e trinta e sete anos, eu não estava esperando nada.

Eu só estava ali.

E P Í L O G O

Lacre Negro

— C E L I N A —

EM SÃO PAULO, dezembro chega com chuva de verão e luzes de Natal penduradas tortas nas janelas do Copan.

Eu estava na varanda, às seis da tarde de uma quinta-feira, com uma xícara de café que tinha gosto de café e as provas impressas de *Maré Baixa* espalhadas sobre a mesinha, presas contra o vento por uma pedra da Ponta da Praia que eu tinha trazido de Santos no fim de semana anterior. A Lume ia publicar em março. Dona Cida tinha chorado na reunião. Dandara tinha virado minha agente — oficialmente, com contrato e tudo, um contrato de papel comum, que eu li três vezes procurando peixes nas letras e não encontrei nenhum.

Na primeira página das provas, a dedicatória:

Para Marta Duarte, que me ensinou a costurar com palavras.

O nome inteiro. Finalmente.

Antero estava na sala, ensinando Dandara a jogar xadrez — ou tentando; ela trapaceava descaradamente e ele fingia não ver, com aquela paciência de quem tem tempo de sobra. Eu ouvia os dois discutindo pela porta aberta. *Cavalo não anda assim, Dandara. Anda sim, no meu xadrez anda. Isso não é xadrez, é anarquia. Então chama de anarquia e joga, consultor.*

Ele ainda ficava sem saber o que fazer quando ela o chamava de consultor. Eu achava isso a coisa mais adorável do mundo.

Os olhos dele estavam mais castanhos a cada semana. A brasa no centro ainda estava lá — talvez sempre estivesse —, mas agora era pequena, como a chama de uma vela vista de longe. A cicatriz no queixo tinha uma história: ele tinha caído de uma mangueira no quintal da Rua da Glória, aos nove anos, tentando pegar uma manga para a irmã. Ele tinha lembrado disso na semana anterior, de repente, no meio do almoço, e tinha largado o garfo e chorado sobre o prato de arroz e feijão, e eu tinha segurado a mão dele até passar.

A marca continuava no meu pulso. Vermelha, mas fraca. Já não doía, nem a trinta passos, nem a trinta quilômetros. Na semana anterior, eu tinha ido sozinha a Santos, de ônibus, pela primeira vez em um mês, e ele tinha ficado em São Paulo, e eu só tinha sentido um calor leve no pulso, como uma mão segurando a minha de longe. Quando voltei, ele estava me esperando na rodoviária do Tietê, de terno cinza, com um buquê de margaridas que tinha comprado de um camelô e que estavam meio murchas. Ele não sabia comprar flores. Eu não ligava.

Eu estava pensando nisso, nas margaridas murchas, quando a pomba pousou no parapeito.

Era uma pomba comum. Cinzenta, gorda, com o pescoço verde-furta-cor, dessas que infestam o Centro de São Paulo. Ela pousou no parapeito da varanda, a um metro da mesinha, e ficou me olhando com um olho redondo e alaranjado.

Alaranjado como brasa.

Preso na pata dela, por uma fita de seda vermelha, havia uma carta.

Eu não me mexi. A pomba também não. Ficamos as duas nos olhando por um longo momento, enquanto a chuva de verão começava a cair, grossa, morna, sobre o Centro.

Depois a pomba estendeu a pata.

Eu soltei a fita. A carta caiu na minha mão. Era um envelope de papel grosso, cor de marfim, fechado com um lacre de cera negra. No lacre, gravado em relevo, um selo que eu conhecia: um círculo de letras antigas, e no centro uma chave.

A pomba bateu as asas e foi embora, desaparecendo na chuva sobre a Ipiranga.

— Antero — chamei.

Ele estava na porta da varanda antes de eu terminar de dizer o nome. Sempre estava. Viu o envelope na minha mão e parou. O rosto dele ficou muito imóvel.

— Lacre da Senhora — disse ele.

— Eu sei.

— Já?

— Eu não sei. — Eu virei o envelope nas mãos. — Ela disse *um dia*. Não disse que dia.

Dandara apareceu atrás dele, com uma peça de xadrez na mão.

— Que foi? Que cara é essa? É boleto?

— Mais ou menos — falei.

Eu rompi o lacre.

Dentro, havia uma folha só. Pergaminho. A caligrafia se mexia como peixes, e depois, quando eu olhei com mais atenção, se aquietou. Eu conseguia ler. Eu sempre ia conseguir ler, agora.

À Escriba Celina Duarte,

A Corte de Brasa saúda a sua recuperação e a publicação próxima do seu romance. Lemos as provas. São boas. O capítulo sete tem um erro de concordância.

Eu ri, sem querer. Antero não riu.

Escrevo para informar duas coisas.

A primeira: a emenda que a senhora escreveu na noite de 23 de novembro foi registrada nos arquivos e está em vigor. Contudo, ao arquivá-la, o escrivão Plínio procedeu, como é de praxe, à verificação da integridade da alma a que se refere. A alma de Celina Duarte encontra-se quase inteira: parte com a senhora, parte com os leitores que escolheram guardá-la, conforme a cláusula segunda. Não há irregularidade nisso.

Mas falta um pedaço.

Um pedaço que não está com a senhora, nem com nenhum leitor, nem foi comido pela Casa da Fome. Um pedaço antigo, anterior ao contrato. Anterior

até ao seu primeiro livro. Um pedaço que a senhora deu, ainda menina, a alguém que amava — e que essa pessoa levou consigo, sob contrato próprio, quando partiu.

Eu parei de ler.

O sangue desceu do meu rosto. Eu senti, pela marca, Antero dar um passo na minha direção, e senti a mão dele no meu ombro.

— Celina — disse ele. — O que foi?

Eu não respondi. Continuei lendo.

A segunda: a dívida da senhora com esta Corte está vencida. Preciso que reescreva um contrato. Um contrato antigo, firmado nesta cidade, na noite de Finados, há oito anos, por uma costureira de Santos que pediu que a filha se tornasse alguém que ninguém pudesse pisar.

A senhora a conhece.

Ela não morreu, Celina. Ela foi cobrada. E está esperando.

Apresente-se à Corte na próxima lua nova.

Sua mãe mandou lembranças.

— S.D.

A carta tremeu na minha mão.

Atrás de mim, Dandara disse alguma coisa que eu não ouvi. A chuva caía sobre a varanda, sobre as provas de *Maré Baixa*, sobre a dedicatória com o nome inteiro da minha mãe, e a tinta começou a escorrer, devagar, borrando as letras.

Para Marta Duarte.

Antero me virou para ele. Segurou o meu rosto com as duas mãos. Os olhos dele, castanhos em volta da brasa, procuraram os meus.

— Celina. Fala comigo.

Eu olhei para ele. Para o homem que tinha vindo buscar a minha alma e tinha ficado com o resto. Para o poeta da Glória, que tinha esperado cento e trinta e sete anos para alguém dizer o nome dele.

E pensei na minha mãe na Ponta da Praia, de madrugada, apontando para o mar. *A maré baixa é quando o mar vai buscar o que esqueceu do outro lado do mundo, Celina. Ele sempre volta.*

Ele sempre volta pra buscar o que deixou aqui.

Eu dobrei a carta em quatro. Pus no bolso, do lado esquerdo. Do lado do coração.

— Ela tá viva — falei.

E, lá fora, sobre o Centro de São Paulo, a primeira estrela da noite apareceu entre as nuvens, pequena e alaranjada, como uma brasa.



FIM DO LIVRO 1

A história de Celina e Antero continua em

O PREÇO DO SEU NOME — *Pactos do Abismo, Livro 2.*